

MONTE ALTO - SP

CENTRO DE TURISMO E CULTURA

PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL E A SUSTENTABILIDADE URBANA



UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS GEROMEL DOMINGUES

TRABALHO DE CURSO
**MONTE ALTO – SP: CENTRO DE TURISMO E CULTURA
PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL
E A SUSTENTABILIDADE URBANA**

RIBEIRÃO PRETO – SP
2025

“A arquitetura não é apenas um abrigo, mas uma expressão viva da identidade cultural de um lugar, capaz de conectar pessoas, preservar memórias e fortalecer o turismo local.”

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS GEROMEL DOMINGUES

**MONTE ALTO – SP: CENTRO DE TURISMO E CULTURA
PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL
E A SUSTENTABILIDADE URBANA**

Trabalho Final de Graduação apresentado a
Universidade Paulista – UNIP, Campus Ribeirão
Preto, como requisito para obtenção do título de
Arquiteto e Urbanista.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Eugênia Garcia

RIBEIRÃO PRETO – SP
2025

CIP - Catalogação na Publicação

Geromel Domingues, Lucas

Monte Alto - Centro de Turismo e Cultura para Valorização da
Identidade Local e a Sustentabilidade Urbana / Lucas Geromel
Domingues. - 2025.

111 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto
de Ciência Exatas e Tecnologia da Universidade Paulista, Monte Alto -
SP, 2025.

Área de Concentração: Fundamentos e Projeto de Arquitetura e
Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Valéria Eugênia Garcia.

1. Turismo. 2. Cultura. 3. Identidade local. 4. Patrimônio. 5.
Sustentabilidade. I. Eugênia Garcia, Valéria (orientadora). II. Título.

LUCAS GEROMEL DOMINGUES

MONTE ALTO – SP: CENTRO DE TURISMO E CULTURA
PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL
E A SUSTENTABILIDADE URBANA

Trabalho Final de Graduação apresentado a
Universidade Paulista – UNIP, Campus Ribeirão
Preto, como requisito para obtenção do título de
Arquiteto e Urbanista.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Eugênia Garcia

Convidado(a) interno(a):

Convidado(a) externo(a):

RIBEIRÃO PRETO – SP
2025

No dia 17 de junho de 2025, às 20:00 horas, na sala 316 do Bloco B, onde está instalado o Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIP, reuniu-se em Sessão Pública a Comissão Examinadora de Avaliação do (a) graduando:

LUCAS GEROMEL DOMINGUES

Para assistir e avaliar à apresentação de seu Trabalho de Curso intitulado:

MONTE ALTO - SP:
Centro de Turismo e Cultura para a Valorização da Identidade Local e a Sustentabilidade Urbana.

Nos termos de seu regulamento do TC e do regimento deste curso.

A Comissão Examinadora é constituída pelos seguintes professores membros:

Professor(a) Orientadora Arquiteta Profa. Dra. Valéria Eugênia Garcia

Professor (a) convidado (a) Profa. Ms. Norma F. Vianna Martins

Convidado (a) externo (a) Prof. Dr. Kauê Felipe Paiva

O ato teve início com a apresentação da Comissão Examinadora pelo (a) Professora Dra. Valéria Eugênia Garcia que a seguir passou a palavra ao(a) aluno(a) para expor seu trabalho. Na sequência, os componentes da Comissão Examinadora fizeram suas arguições, que foram respondidas pelo(a) aluno(a). Ao término da discussão, a Comissão Examinadora, reunida em sessão sigilosa de deliberação, atribuiu a nota 9,0 (note) ao (à) aluno (a).

Em seguida, a Orientadora convidou os presentes a retornar ao recinto e proclamou publicamente o resultado, considerando o(a) candidato(a) Aprovado.

Nada mais havendo a ser tratado, foi encerrada a presente sessão da qual, para constar, foi lavrada, em duas vias de igual teor, a presente ata, às 20:57 horas, que vai datada e assinada pelos senhores professores, membros da Comissão Examinadora de Avaliação. Após a entrega da primeira via desta ata ao candidato(a), encerrou-se a Sessão Pública de Avaliação.

Professora Orientadora: [Assinatura]

Professor(a) Convidado (a): [Assinatura]

Convidado(a) Externo(a): [Assinatura]

AGRADECIMENTO

É com o coração transbordando de gratidão que celebro a conclusão desta jornada. Primeiramente, agradeço a Deus por cada passo, pela força inabalável e pela fé que me guiaram até aqui. Aos meus amados pais, sou eternamente grato pelo apoio incondicional, pelos ensinamentos que me moldaram e por acreditarem em mim em cada fase da minha vida. O amor e os sacrifícios de vocês foram o alicerce para que eu chegasse a este ponto. Estendo minha gratidão a todos os familiares que, com seu incentivo constante, foram uma fonte de inspiração e motivação.

Um reconhecimento que faço à minha orientadora, Valéria, por ter me recebido de braços abertos, possibilitando meu retorno e a tão sonhada finalização deste curso. Sua orientação foi crucial!

Com um carinho imenso, dedico este agradecimento à minha companheira, Vitória. Seu amor, paciência e incentivo incansável foram pilares essenciais. Você foi fundamental, Vitória, por me dar todo o suporte necessário para que este sonho se tornasse realidade. Muito obrigado!

RESUMO

O Centro de Turismo e Cultura de Monte Alto – SP surge da necessidade de fortalecer a identidade cultural e explorar o potencial turístico da cidade, ainda carente de um espaço estruturado para acolher e orientar seus visitantes. O partido arquitetônico propõe a criação de um equipamento multifuncional que articula cultura, lazer e informação, distribuído em cinco setores principais: área pública (praça) como espaço de convivência e integração com o entorno urbano; acesso e espaço de informações, que acolhe o visitante e centraliza os serviços turísticos; espaço gastronômico, voltado à valorização da culinária local; espaço cultural, com sala de exposições e ambientes para oficinas culturais; e espaço administrativo, para suporte e gestão do centro. Caminhos fluidos garantem acessibilidade e continuidade na experiência do visitante. A diversidade de usos estimula a permanência e a vitalidade do espaço, promovendo encontros e o fortalecimento do patrimônio cultural. A linguagem arquitetônica valoriza elementos vernaculares e adota estratégias sustentáveis, assegurando conforto ambiental e eficiência energética.

ABSTRACT

The Monte Alto – SP Center for Tourism and Culture arises from the need to strengthen the city's cultural identity and harness its tourism potential, which still lacks a structured space to welcome and guide visitors. The architectural design proposes the creation of a multifunctional facility that integrates culture, leisure, and information, distributed across five main sectors: a public area (square) serving as a space for social interaction and integration with the urban surroundings; an access and information area that receives visitors and centralizes tourism services; a gastronomic area focused on promoting local cuisine; a cultural area with exhibition rooms and spaces for cultural workshops; and an administrative area for the center's management and support. Fluid pathways ensure accessibility and continuity in the visitor experience. The diversity of functions encourages longer stays and fosters the vitality of the space, promoting social encounters and strengthening cultural heritage. The architectural language highlights vernacular elements and incorporates sustainable strategies, ensuring environmental comfort and energy efficiency.

1

APRESENTAÇÃO

1.1 introdução	17
1.2 tema	18
1.3 justificativa	18
1.4 problemática	19
1.5 objetivos	19
1.6 objetivos específicos	19
1.7 diretrizes do projeto	20
1.8 partido	20
1.9 metodologia	21
1.10 programa de necessidades	21

2

MONTE ALTO POTENCIAIS E OPORTUNIDADES

2.1 Monte Alto: potencial e características locais	24
2.2 tessitura urbana	25
2.3 localização geográfica e principais características do relevo, clima e urbanização	26
2.4 turismo sustentável: oportunidades, desafios e estratégias de desenvolvimento	27
2.4.1 definição e diretrizes do turismo sustentável	27
2.5 potencial turístico de Monte Alto	30
2.6 Monte Alto, município de interesse turístico	32
2.6.1 o museu	32
2.6.2 o turismo religioso	35
2.6.3 o ecoturismo	36
2.7 efeitos do turismo no meio ambiente e na comunidade	38
2.8 a influência na valorização do patrimônio e identidade	43
2.9 a relação entre arquitetura e cultura local	44
2.10 o impacto da arquitetura na vivência dos visitantes	45
2.11 aplicação ao centro de turismo e cultura de Monte Alto	48

3

REFERÊNCIA PROJETUAIS

3.1 SESC Pompéia – Lina Bo Bardi	53
3.1.1 intervenção arquitetônica	53
3.1.2 programa e organização espacial	53
3.1.3 materiais e estrutura	53
3.1.4 inovações e impacto social	54
3.1.5 análise do corte	54
3.1.6 análise arquitetônica	55
3.1.7 análise da fachada	55
3.2 centro de informações turísticas Postojna – studio stratum	57
3.2.1 programa e organização espacial	57
3.2.2 materiais e estrutura	58
3.2.3 análise da planta	58
3.3 complexo hotel paineiras – Figueroa Arq+Urb	59
3.3.1 programa e organização espacial	59
3.3.2 insolação e ventilação	60
3.3.3 materiais e estrutura	61
3.4 elevador público e passarela pedonal – VAUMM	63
3.4.1 estrutura	63
3.4.2 materiais	64
3.4.3 análise gráfica complementar	65

4

PROJETO

4.1 localização	69	4.16.1 desenvolvimento 1	84
4.2 área de intervenção	70	4.16.2 desenvolvimento 2	85
4.3 mapa viário	71	4.16.3 desenvolvimento 3	86
4.4 mapa de uso e ocupação do solo	72	4.16.4 desenvolvimento final	87
4.5 mapa de cheios e vazios	73	4.17 implantação e setorização	89
4.6 mapa de gabarito	74	4.18 área de informações turísticas e entrada	90
4.7 mapa de equipamentos urbanos	75	4.19 pavilhão do ciclista e área gastronômica	92
4.8 mapa topográfico	76	4.20 edifício cultural	94
4.9 mapa de insolação	77	4.21 edifício administrativo	96
4.10 ventos predominantes	78	4.22 sistema estrutural	98
4.11 dados climáticos	79	4.23 conforto e sustentabilidade	99
4.12 influência no projeto	79	4.23.1 estratégias de ventilação e controle térmico	99
4.13 programa de necessidades	81	4.23.2 controle lumínico e sombreamento	99
4.14 organograma	82	4.23.3 sistemas construtivos e materiais	99
4.15 fluxograma	83	4.23.4 proteção solar e ergonomia	99
4.16 plano de massas	84	4.23.5 coleta e reaproveitamento de água	100

5

REFERENCIAS

1

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Monte Alto tem uma história rica e uma cultura forte, mas ainda falta um espaço que conecte tudo isso e valorize a identidade local. Por isso, este projeto propõe a criação de um Centro de Turismo e Cultura, um lugar pensado para receber tanto moradores quanto visitantes, promovendo o turismo e incentivando a interação social. O espaço contará com exposições interativas, informações sobre a cidade, áreas de convivência e eventos culturais, tornando-se um ponto de referência em Monte Alto. Além disso, o projeto prioriza o uso de materiais da região e soluções sustentáveis, garantindo harmonia com o ambiente urbano e natural.

Este estudo tem como propósito criar um projeto que represente e fortaleça a identidade de Monte Alto, conectando sua história ao futuro. A proposta vai além de informar e valorizar a cultura local; ela busca também impulsionar o turismo e estimular a economia criativa, abrindo oportunidades para artistas, artesãos e comerciantes.

Para isso, a metodologia adotada inclui pesquisas teóricas sobre turismo cultural e arquitetura identitária, análise de referências nacionais e internacionais e um estudo aprofundado do contexto urbano e paisagístico de Monte Alto.

No final, a expectativa é que o Centro de Turismo e Cultura se torne um marco para a cidade, unindo modernidade e tradição. A proposta busca promover um turismo sustentável e criar um espaço dinâmico, onde a comunidade possa vivenciar, compartilhar e aprender com a cultura local.

PALAVRAS CHAVES

arquitetura, turismo, cultura, identidade local, Monte Alto, patrimônio, sustentabilidade

1.2 TEMA

A escolha deste tema surgiu da necessidade de fortalecer a identidade cultural de Monte Alto, uma cidade com grande potencial turístico, mas que ainda não possui um espaço estruturado para receber e orientar seus visitantes. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que, apesar do reconhecimento histórico e do turismo paleontológico, falta um local que reúna todas essas referências em um único ambiente, proporcionando uma experiência completa tanto para moradores quanto para turistas.

Diante disso, propomos a criação de um Centro de Turismo e Cultura, um espaço que vai além de um simples ponto de informações turísticas. A ideia é que ele se torne um ambiente de encontros, aprendizado e valorização do patrimônio local. O projeto integra elementos da arquitetura vernacular, respeitando a identidade da cidade, e prioriza soluções sustentáveis para garantir conforto ambiental e eficiência energética.

Os grandes diferenciais deste projeto estão na sua capacidade de fortalecer o turismo e impulsionar a economia criativa, abrindo novas oportunidades para artesãos, artistas e pequenos empreendedores locais. Além disso, o Centro será um espaço dinâmico, promovendo eventos culturais, exposições e experiências interativas que enriquecem a cultura e o lazer na cidade.

Mais do que um projeto acadêmico, esta proposta tem um potencial real de ser implementada, trazendo benefícios duradouros para a cidade. Acreditamos que a arquitetura é capaz de contar histórias, e este centro será a expressão da identidade de Monte Alto, unindo passado, presente e futuro em um único espaço.

1.3 JUSTIFICATIVA

O turismo cultural desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico e na preservação do patrimônio de uma cidade. Em Monte Alto, o potencial turístico é enorme, graças à sua história, às belezas naturais e ao seu importante legado paleontológico. No entanto, ainda falta um espaço estruturado que sirva como ponto de recepção e valorização da cultura local, reunindo exposições, atividades culturais e apoio ao turismo.

A arquitetura desempenha um papel fundamental nesse contexto, funcionando como um símbolo da identidade local. O projeto do Centro de Turismo e Cultura busca utilizar a arquitetura como uma forma de expressão da cultura, promovendo a integração com o ambiente urbano e ressaltando a história de Monte Alto. Além disso, o espaço tem o potencial de impulsionar a economia criativa, apoiando as artes, artistas locais e operadores de turismo.

Por isso, a proposta se justifica pela necessidade de:

- Criar um espaço que represente a identidade de Monte Alto.
- Impulsionar o turismo e a economia local.
- Oferecer um ponto de referência para moradores e visitantes.
- Utilizar a arquitetura para fortalecer a cultura e a memória local.

PROBLEMÁTICA

Monte Alto é uma cidade com um rico patrimônio cultural e histórico, marcada por sua relevância na paleontologia, no artesanato local e nas manifestações culturais. No entanto, percebe-se uma carência de espaços adequada para a valorização e divulgação dessa identidade, o que impacta diretamente o turismo e a conexão da comunidade com seu próprio patrimônio.

Diante disso, surge o questionamento: como a arquitetura pode expressar a identidade cultural de Monte Alto e, ao mesmo tempo, fortalecer o turismo local?

A ausência de um espaço estruturado que integre cultura, lazer e informação turística faz com que muitos visitantes passem pela cidade sem uma experiência imersiva que os conectam ao que Monte Alto tem de mais autêntico. Além disso, a população local tem poucas oportunidades de vivenciar e valorizar sua própria história por meio de um ambiente projetado para esse propósito.

A arquitetura, quando aliada ao contexto cultural e urbano, tem o potencial de criar espaços que preservem a memória local e impulsionem o turismo, tornando-se um elemento ativo na identidade e na economia da cidade. Assim, este estudo busca entender como o design moderno pode contribuir para fortalecer a relação entre cultura e turismo, promovendo um projeto que seja referência para moradores e visitantes.

OBJETIVOS

Desenvolver um Centro de Turismo e Cultura em Monte Alto que representa e fortalece a identidade local por meio da arquitetura, criando um espaço que dialoga com a história, a cultura e o turismo da cidade. O projeto busca integrar-se ao contexto urbano, promovendo um ambiente acessível e acolhedor, capaz de contribuir para o desenvolvimento cultural, social e econômico da região.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- **Valorizar a cultura e a história local** – identificar os elementos interessantes, culturais e simbólicos que representam a identidade de Monte Alto, incorporando-os ao projeto.
- **Criar um espaço multifuncional** – Projetar um ambiente dinâmico que atenda a diferentes demandas, incluindo áreas de exposição, atendimento ao turista, atividades culturais, espaços interativos e áreas de lazer.
- **Utilizar materiais e soluções sustentáveis** – Priorizar técnicas construtivas e materiais locais, promovendo eficiência energética, conforto ambiental e sustentabilidade no uso do espaço.
- **Integrar o projeto ao tecido urbano** – Posicionar o centro de forma estratégica, facilitando a conexão com outros pontos turísticos da cidade e incentivando a circulação de visitantes e moradores.
- **Oferecer um programa inovador** – Incluir espaços que enriquecem a experiência do visitante, como áreas expositivas, área gastronômica, loja de souvenirs e espaços de convivência que promovem interação e aprendizado.

Com essa abordagem, o projeto busca transformar o Centro de Turismo e Cultura em um verdadeiro ponto de referência para Monte Alto, contribuindo para a valorização da cidade e seu potencial turístico.

DIRETRIZES DO PROJETO

Para que o Centro de Turismo e Cultura de Monte Alto cumpra o seu papel de valorização da identidade local e fortalecimento do turismo, algumas diretrizes fundamentais serão impostas:

VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

O projeto deve representar os elementos históricos, culturais e naturais da cidade, incorporando referências à paleontologia, ao artesanato local e às paisagens naturais, que fazem parte do patrimônio de Monte Alto.

INTEGRAÇÃO URBANA E PAISAGÍSTICA

A edificação será projetada para se conectar ao entorno, garantindo fácil acesso e harmonização com o contexto urbano e natural da cidade. A disposição dos espaços buscará criar uma transição fluida entre áreas internas e externas, promovendo uma experiência imersiva.

SUSTENTABILIDADE E EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

O uso de materiais regionais e soluções bioclimáticas será priorizado, incluindo estratégias como ventilação cruzada, iluminação natural, reaproveitamento de água da chuva e geração de energia solar, promovendo um ambiente mais eficiente e sustentável.

ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

O espaço será projetado para garantir acessibilidade universal, com rampas, elevadores, pisos táteis e mobiliário adaptado, permitindo que pessoas de todas as idades e condições possam usufruir plenamente do centro.

FLEXIBILIDADE E MULTIFUNCIONALIDADE

Os ambientes serão adaptáveis a diferentes usos, possibilitando a realização de apresentações, workshops, palestras, apresentações culturais e eventos comunitários.

CONFORTO E EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO

A circulação e a disposição dos espaços devem proporcionar fluidez e conforto térmico, acústico e visual, criando uma experiência agradável e enriquecedora para os visitantes.

PARTIDO

O partido atual será baseado na integração entre cultura, natureza e arquitetura, resultando em um espaço que dialoga com o contexto local e promove o pertencimento da comunidade. Algumas estratégias projetuais serão executadas:

FORMA E IMPLANTAÇÃO

O edifício será posicionado de forma estratégica para cumprimento e valorização do entorno urbano e paisagístico, garantindo acessibilidade e conectividade com outros pontos turísticos da cidade. A volumetria poderá explorar formas orgânicas, inspiradas na natureza, ou adotar um design modular que remeta a elementos da cultura local.

MATERIAIS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

O projeto priorizará o uso de materiais sustentáveis e regionais, como madeira certificada, tijolos ecológicos, concretos de baixo impacto ambiental e elementos que promovam conforto térmico e eficiência energética. O uso de coberturas verdes e brises-soleil contribuirá para a regulação térmica dos espaços internos.

RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO INTERNO E EXTERNO

A proposta buscará aproximar o visitante da natureza e do patrimônio local, criando áreas externas interativas, jardins temáticos e espaços semiabertos que conectam o ambiente construído ao natural. Percursos sensoriais e espaços de contemplação também farão parte da experiência do usuário.

PERCURSO E EXPERIÊNCIA SENSORIAL

O layout interno será pensado para criar uma jornada envolvente para o visitante, conduzindo-o por diferentes espaços que contam a história e a cultura de Monte Alto. O uso de iluminação natural, materiais táteis e elementos interativos ajudam a tornar essa vivência ainda mais marcante.

Com essa abordagem, o Centro de Turismo e Cultura de Monte Alto não será apenas um edifício, mas um marco inovador que fortalece a identidade da cidade, impulsiona o turismo e oferece um ambiente acolhedor para moradores e visitantes.

METODOLOGIA

Para a concepção do projeto, serão utilizadas metodologias qualitativas e exploratórias, divididas em três etapas:

1.9.1 LEVANTAMENTO DE DADOS

- Pesquisa bibliográfica sobre turismo cultural, identidade arquitetônica e arquitetura sustentável.
- Análise de exemplos de centros culturais e turísticos no Brasil e no mundo.
- Estudo da história, cultura e potencialidades turísticas de Monte Alto

1.9.2 DESENVOLVIMENTO CONCEITUAL

- Definição das diretrizes projetuais baseadas na identidade local.
- Estudo de implantação e integração com o tecido urbano.
- Escolha de materiais e sistemas construtivos sustentáveis

1.9.3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

- Definição do programa de necessidades.
- Estudos volumétricos e de implantação.
- Desenvolvimento de plantas, cortes, fachadas e perspectivas.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O Centro de Turismo e Cultura de Monte Alto contará com os seguintes espaços:

Áreas Culturais e Expositivas

- Galeria de Exposições Permanentes e Temporárias – Exibição de arte, história local, cultura e paleontologia.
- Espaço de Oficinas e Workshops – Para atividades culturais, artesanato, gastronomia e ensino da história local. Para visitas escolares

Áreas de Atendimento e Informação ao Turista

- Centro de Informações e Atendimento ao Turista – Balcão de recepção com mapas, guias e atendimento especializado. Orientação sobre pontos turísticos, roteiros e eventos da cidade.

Áreas de Lazer e Convivência

- Espaço gastronômico – Ambiente de encontro social com cardápio inspirado na culinária local.
- Loja de Souvenirs – Venda de artesanato local, produtos típicos e lembranças da cidade.
- Áreas de Convivência – Área externa com paisagismo, bancos e espaço para interação.

Áreas de Contemplação

- Deck Panorâmico – Vista privilegiada de pontos da cidade e paisagens naturais.

2

**MONTE ALTO
POTENCIAIS E OPORTUNIDADES**

2.1

MONTE ALTO: POTENCIAL E CARACTERÍSTICAS LOCAIS

Conforme indicado pela prefeitura municipal, também conhecida como a "Cidade do Sonho", as origens de Monte Alto remontam à história de Porfírio Luiz de Alcântara Pimentel, nascido em 1844 em Areias (SP). Inicialmente envolvido na cutelaria em Jaboticabal, sua cidade vizinha, Porfírio também desempenhou papéis significativos na Igreja Católica e foi casado com Anna Jacintha da Conceição, com quem teve seis filhos.

Ao fincar o cruzeiro como marco inicial, adquiriu quatro alqueires de terra, batizando o local de "Bom Jesus de Pirapora do Monte Alto das Três Divisas". A fundação ocorreu em 15 de maio de 1881, com a celebração da primeira Missa pelo padre Domingos Monteiro. Inicialmente, um povoado vinculado a Jaboticabal, tornou-se distrito policial em 1893, impulsionando seu desenvolvimento econômico com a lavoura de café devido à fertilidade do solo. Em 1895, foi elevado a Distrito de Paz e, em 8 de fevereiro de 1896, tornou-se município (Figura 1).

Figura 1 – Vista panorâmica da área central de Monte Alto



Fonte: site Jornal O Imparcial, 2021

Monte Alto pertenceu à Comarca de Jaboticabal até 1928, quando foi elevado à categoria de Comarca, incorporando os municípios de Monte Alto, Pirangi e Paraíso.

O fundador descobriu as terras próximas à nascente do rio Turvo, quase ao pé da elevação correspondente à serra do Jaboticabal. Estabeleceu um patrimônio dedicado ao Senhor Bom Jesus de Pirapora, originando Bom Jesus de Pirapora de Monte Alto das Três Divisas. Com a fundação, os moradores realizaram o desejo do fundador de criar a "Cidade do Sonho", impulsionada pela cultura cafeeira que levou Monte Alto a se tornar município em apenas 14 anos.

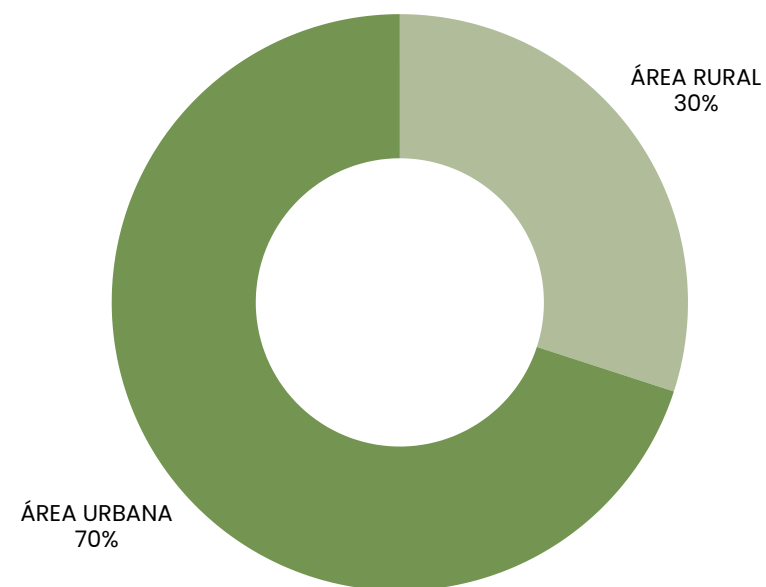
E a história deste município começa pelo sonho de um morador da vizinha cidade de Jaboticabal, que tudo havia perdido em um incêndio e assim surgiu a Cidade Sonho, na verdade Monte Alto. Porfírio Luís de Alcântara Pimentel era farmacêutico e cirurgião do imperador Dom Pedro II e um dia sonhou com um planalto extenso tomado por um cafezal. Vislumbrou também que ao planalto dominava um monte, no alto do qual havia uma igreja. (TURISMO SP, 2020)

A cidade é atravessada pela nascente do Rio Turvo, juntamente com a Rodovia Estadual SP-305. Seu crescimento inicial ocorreu a partir do centro, onde as primeiras construções foram erguidas pelo fundador e outros produtores de café. A expansão do município seguiu os elementos físicos e ambientais, moldando seu perímetro urbano ao longo do tempo. As análises abrangem o período de 1985 a 2020, destacando dois momentos significativos de expansão: entre 1985 e 2003, e entre 2010 e 2016.

2.2 TESSITURA URBANA

A densidade demográfica do município é de 137,2 habitantes por km², conforme o último censo realizado em 2022. A maior parte do território é composta por áreas rurais, conforme os dados coletados pelo IBGE 2022.

Figura 3 – Distribuição territorial de Monte Alto – Censo 2022



Fonte: IBGE, 2022. Elaboração própria

No perímetro urbano, observa-se o maior adensamento na parte central da cidade, onde edifícios residenciais apresentam um gabarito mais alto. Em outros pontos de maior adensamento, encontram-se pequenos condomínios com blocos residenciais. Nas extremidades, predominam as residências de interesse social.

Segundo os mapas analisados, o adensamento e a verticalização em Monte Alto vêm crescendo, impulsionados pelas barreiras naturais e pelo relevo, que limitam a expansão urbana. Como resposta, o desenvolvimento tem se concentrado no centro da cidade, onde a verticalização se mostra uma solução eficiente para otimizar o espaço disponível.

Com base nessas pesquisas sobre expansão urbana, podemos concluir que, Monte Alto enfrenta desafios e oportunidades relacionados à verticalização urbana devido ao seu terreno acidentado. A topografia irregular limita o crescimento horizontal, resultando em densidade populacional concentrada e pressão sobre a infraestrutura urbana. A verticalização pode afetar o ambiente natural, mas também oferece potencial para desenvolvimento econômico e redução de deslocamentos urbanos. Políticas urbanísticas adequadas são essenciais para orientar o crescimento vertical de forma sustentável, buscando equilibrar o desenvolvimento urbano com a preservação ambiental e a qualidade de vida dos residentes.

Figura 4 – Mapa de expansão urbana de Monte Alto



Fonte: Google Earth (modificado pelo autor), 2024



2.3

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO **RELEVO, CLIMA E** **URBANIZAÇÃO**

Monte Alto está localizado no interior do estado de São Paulo, na região nordeste do estado, a aproximadamente 360 km da capital paulista. O município pertence à microrregião de Jaboticabal e faz divisão com as cidades de Taquaritinga, Cândido Rodrigues, Vista Alegre do Alto, Pirangi e Taiúva. Sua posição estratégica proporciona fácil acesso a rodovias importantes, como a Rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP-326), facilitando a mobilidade e a conexão com grandes centros urbanos.

O relevo de Monte Alto é caracterizado por uma topografia suavemente ondulada, típica da região do Planalto Ocidental Paulista. Essa conformação distribuída favorecendo a presença de nascentes, córregos e pequenas cachoeiras, elementos fundamentais para a preservação ambiental e para o desenvolvimento do turismo ecológico. Além disso, o solo fértil e as condições naturais da região periférica para a atividade agrícola, que historicamente tiveram grande importância para a economia local.

O clima de Monte Alto é classificado como tropical de altitude (Cwa, segundo a classificação de Köppen), com verões quentes e chuvosos e invernos secos e amenos. A temperatura média anual gira em torno de 22°C, e a estação chuvosa ocorre predominantemente entre os meses de outubro e março. Esse clima favorece a biodiversidade local e reforça a vocação do município para atividades ao ar livre, como trilhas, ecoturismo e passeios em meio à natureza.

A urbanização de Monte Alto reflete o seu crescimento gradual, mantendo características de uma cidade de médio porte, com infraestrutura urbana consolidada e qualidade de vida elevada. O município conta com áreas principalmente bem estruturadas, setores comerciais em expansão e espaços públicos que são direcionados para o lazer e a cultura local. Apesar do crescimento urbano, Monte Alto preserva importantes áreas verdes e reservas naturais.

Dessa forma, a localização privilegiada, as condições naturais projetadas e a urbanização equilibrada fazem de Monte Alto um local propício para a valorização do turismo ecológico, aliando a conservação ambiental, o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida para a população.

Figura 5 – Vista aérea do Município.



Fonte: Google Earth, 2024.

2.4 TURISMO SUSTENTÁVEL: OPORTUNIDADES, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO

2.4.1

DEFINIÇÃO E DIRETRIZES DO TURISMO SUSTENTÁVEL

O turismo sustentável propõe práticas turísticas que respeitem o meio ambiente, a cultura local e promovam benefícios sociais e econômicos duradouros. Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT, 2005), trata-se de um modelo que busca atender às necessidades dos visitantes e das comunidades receptoras, ao mesmo tempo em que protege e melhora as oportunidades para o futuro. Essa abordagem fundamenta-se em três pilares essenciais: a preservação dos recursos naturais, a valorização sociocultural e a viabilidade econômica, sendo um princípio cada vez mais incorporado na arquitetura de equipamentos turísticos que visam integrar-se ao território de forma consciente e responsável.

A preservação ambiental é um dos pilares do turismo sustentável, exigindo que atividades turísticas sejam desenvolvidas com responsabilidade ecológica. Na arquitetura, isso se traduz em soluções projetuais que respeitem os ecossistemas e minimizem os impactos ambientais, como o uso de materiais de baixo impacto, estratégias bioclimáticas e integração com a paisagem. Segundo Feilden e Jokilehto (1998), a sustentabilidade em intervenções arquitetônicas deve considerar não apenas a conservação física, mas também a manutenção dos valores culturais e naturais do entorno. Em áreas naturais ou protegidas, por exemplo, o planejamento arquitetônico e a conduta dos visitantes devem priorizar a integridade ambiental – evitando a poluição, respeitando a fauna e a flora, e controlando o uso dos recursos naturais.

O bem-estar social também é uma prioridade no turismo sustentável. Isso envolve garantir que as comunidades locais se beneficiem diretamente do turismo, tanto economicamente quanto socialmente. O turismo sustentável propõe que as populações locais sejam ativamente envolvidas no processo de planejamento e gestão do turismo, garantindo que elas colham os benefícios econômicos sem sofrer as consequências negativas de um turismo massificado.

Além disso o respeito pelas culturas locais, tradições e modos de vida é essencial, promovendo um intercâmbio cultural saudável e enriquecedor entre turistas e residentes.

A viabilidade econômica é um dos pilares essenciais do turismo sustentável, pois sem uma base financeira sólida, torna-se inviável manter iniciativas que respeitem o meio ambiente e valorizem as comunidades locais. Na perspectiva arquitetônica, isso significa desenvolver espaços e estruturas turísticas que atraiam visitantes e, ao mesmo tempo, fortaleçam a economia regional com baixo impacto ambiental. Segundo o Ministério do Turismo (2018), o estímulo ao ecoturismo, ao turismo rural e ao turismo cultural deve ser pensado de forma a proporcionar geração de renda, empregos e inclusão social, sem esgotar os recursos naturais. Projetos arquitetônicos integrados à realidade local e com uso eficiente de materiais e energia contribuem para o fortalecimento econômico sustentável das cidades turísticas.

Portanto, o turismo sustentável não é apenas uma tendência, mas uma necessidade para garantir que o setor continue a crescer sem prejudicar os recursos naturais e culturais dos destinos turísticos. Em Monte Alto, a adoção do turismo sustentável pode ser uma chave para o desenvolvimento local, alinhando crescimento econômico com a preservação ambiental e o respeito à comunidade local.

O ecoturismo, uma vertente do turismo sustentável, destaca-se por promover a visita consciente a ambientes naturais, aliando conservação ambiental e valorização cultural. Essa modalidade visa proporcionar experiências educativas que reforcem o respeito à biodiversidade, ao mesmo tempo em que favorecem o desenvolvimento das comunidades locais. Na arquitetura, isso se traduz em projetos que respeitam a paisagem, utilizam recursos locais e adotam práticas de baixo impacto ambiental. De acordo com o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur, 2010), o ecoturismo deve ser planejado com infraestrutura adequada e sensível ao entorno, favorecendo o contato direto com a natureza sem comprometer sua integridade.

Os princípios do ecoturismo no Brasil estão ancorados em diretrizes que visam conciliar o uso turístico de áreas naturais com sua conservação, promovendo o envolvimento das comunidades locais e a educação ambiental. Na prática arquitetônica, isso se traduz em soluções construtivas que respeitam o meio ambiente, utilizam materiais locais e técnicas de baixo impacto. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2006), esses princípios envolvem a minimização dos impactos ambientais, a valorização da cultura local, a promoção da sustentabilidade econômica e o incentivo à interpretação ambiental como ferramenta de educação e conscientização dos visitantes.

IMPACTOS MÍNIMOS

Um dos pilares fundamentais do ecoturismo é a adoção de práticas que minimizem os impactos ambientais gerados pela atividade turística. Isso inclui o controle da capacidade de visitação, o planejamento de edificações que se integrem à paisagem e utilizem materiais e tecnologias de baixo impacto, o manejo consciente de resíduos e o uso eficiente de recursos como água e energia. No Brasil, essas diretrizes estão presentes nas recomendações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que orienta projetos arquitetônicos e de uso público em Unidades de Conservação com foco na sustentabilidade ambiental e no respeito ao ecossistema local.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O ecoturismo tem se consolidado como uma importante estratégia de educação ambiental, ao oferecer aos visitantes a oportunidade de compreender de forma prática a dinâmica dos ecossistemas, os desafios da conservação e a relação entre o ser humano e a natureza. Experiências em áreas naturais, quando bem estruturadas, não apenas promovem o lazer, mas também despertam a consciência ecológica e incentivam atitudes sustentáveis. De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), projetos turísticos em Unidades de Conservação devem seguir diretrizes de mínimo impacto e valorização da paisagem, priorizando a educação ambiental como eixo central. A arquitetura inserida nesse contexto assume um papel educativo, ao dialogar com o ambiente e demonstrar, por meio do projeto, como é possível construir com responsabilidade e integração com o meio natural.

CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

O ecoturismo, quando associado ao planejamento arquitetônico consciente, deve priorizar a preservação dos habitats naturais e das espécies locais. Edificações voltadas para esse tipo de turismo devem ser integradas ao ambiente, respeitando os ecossistemas e evitando intervenções agressivas na paisagem. De acordo com o Plano Nacional de Turismo 2018-2022, do Ministério do Turismo, o ecoturismo bem estruturado é uma ferramenta poderosa para promover a educação ambiental e fomentar ações de conservação, como a proteção da biodiversidade e a recuperação de áreas degradadas. Projetos arquitetônicos em áreas naturais devem seguir diretrizes de sustentabilidade, com uso de materiais locais, sistemas de captação de água da chuva e estratégias de eficiência energética, contribuindo assim para o equilíbrio entre turismo e preservação.

BENEFÍCIOS PARA AS COMUNIDADES LOCAIS

A valorização e inclusão das comunidades locais é uma diretriz essencial para o desenvolvimento do ecoturismo sustentável. Além de impulsionar a economia local por meio da geração de empregos e renda, a participação ativa dessas comunidades fortalece a preservação ambiental e cultural. Projetos arquitetônicos inseridos nesse contexto devem priorizar soluções que respeitem o modo de vida tradicional, incentivem a cultura regional e criem espaços que favoreçam a atuação comunitária. Um exemplo prático dessas diretrizes está presente nas ações promovidas pelo Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo, que destaca a importância da integração comunitária no planejamento turístico sustentável.

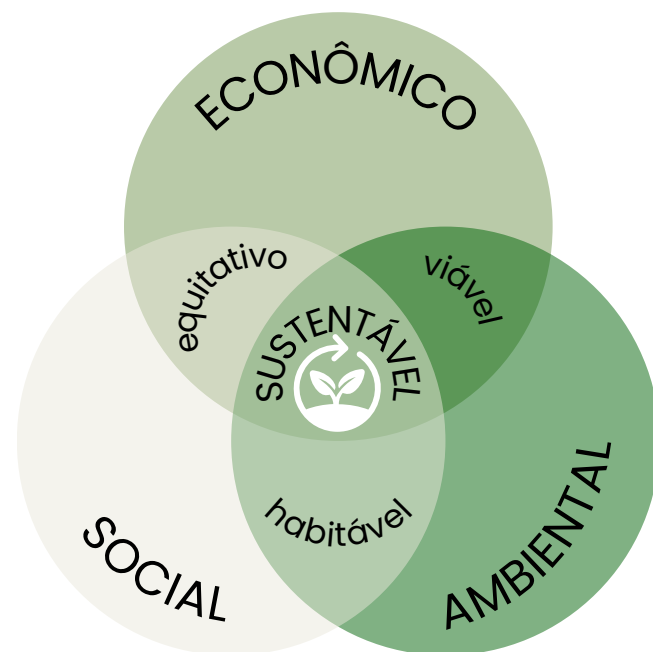
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Para que o ecoturismo seja verdadeiramente sustentável, seu planejamento precisa considerar a viabilidade a longo prazo, equilibrando as atividades turísticas com a conservação dos recursos naturais e a qualidade de vida das comunidades locais. Isso exige uma abordagem cuidadosa no desenvolvimento de infraestrutura turística, priorizando soluções arquitetônicas que respeitem o ambiente e tenham baixo impacto ecológico. A arquitetura, nesse contexto, deve ser pensada de forma integrada à paisagem e ao uso responsável de materiais e energia. Essa visão está alinhada com os princípios estabelecidos no Plano Nacional de Turismo 2018-2022, que defende o desenvolvimento sustentável como eixo estruturante para o turismo brasileiro.

A conexão entre ecoturismo e preservação ambiental é profunda, pois ambas caminham juntas no propósito de valorizar e proteger os patrimônios naturais. Ao incentivar a visitação consciente de áreas naturais, o ecoturismo favorece a implementação de projetos voltados à restauração ecológica e ao uso sustentável do território, muitas vezes incorporando soluções arquitetônicas que respeitam a paisagem e utilizam recursos com responsabilidade. Essa vivência direta com a natureza não apenas estimula a proteção ambiental, mas também desperta nos visitantes uma percepção mais crítica sobre seus hábitos cotidianos.

No caso de Monte Alto, o fortalecimento do ecoturismo pode representar uma oportunidade concreta para proteger seus recursos naturais – como cachoeiras, trilhas e matas nativas – ao mesmo tempo em que gera benefícios sociais e econômicos sustentáveis. Essa abordagem está alinhada com as diretrizes da Política Nacional de Ecoturismo, que orienta o desenvolvimento de infraestrutura adequada e respeitosa ao meio ambiente.

Figura 6 – Diagrama.



Fonte: Criado pelo autor, 2025.

2.5

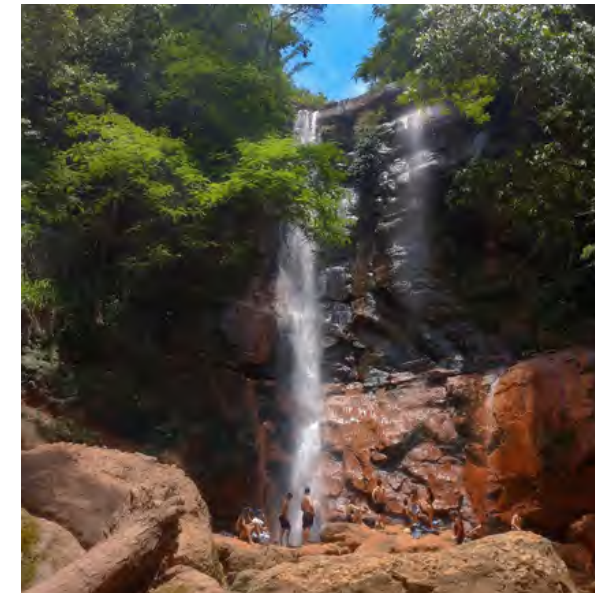
POTENCIAL TURÍSTICO DE MONTE ALTO

Monte Alto, localizada no interior de São Paulo, destaca-se por seu potencial turístico, especialmente no âmbito do turismo sustentável e ecológico. Segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), a integração de práticas sustentáveis em projetos urbanos e arquitetônicos é essencial para "garantir a preservação de recursos naturais e promover o equilíbrio socioeconômico" (CAU/BR, 2020). Nesse contexto, a cidade oferece uma combinação de atrativos naturais e culturais que podem ser explorados de forma responsável, alinhando-se a diretrizes de desenvolvimento territorial sustentável e valorização da identidade local.

Destacando-se por sua riqueza natural, com áreas de mata ciliar, córregos e nascentes que compõem um cenário propício ao ecoturismo. Segundo o Programa Municípios de Interesse Turístico (MIT) do Estado de São Paulo, a valorização de recursos naturais deve estar aliada a "investimentos em infraestrutura urbana e sinalização turística, garantindo a preservação ambiental e a atratividade dos locais". A vegetação local, formada por remanescentes de Cerrado e Mata Atlântica, abriga uma biodiversidade única, favorecendo atividades como caminhadas ecológicas, birdwatching e exploração de trilhas. Além disso, a cidade possui cachoeiras pouco exploradas, que oferecem ambientes tranquilos para práticas sustentáveis de turismo de natureza.

Essas características alinham-se às diretrizes do MIT, que prioriza a integração entre paisagens naturais e intervenções arquitetônicas responsáveis, como a revitalização de espaços públicos e a implantação de estruturas receptivas harmonizadas com o meio ambiente. Projetos semelhantes já foram implementados em municípios como Agudos, onde a preservação de casarões históricos e a criação de parques ecológicos reforçaram a identidade local e o desenvolvimento socioeconômico.

Figura 7 – Cachoeira do Alvorada.



Fonte: Carlos Ortega, 2019.

Figura 8 – Acervo Museu de Paleontologia.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 9 – Mausoléu da Menina Izildinha com os fiéis.



Fonte: Prefeitura de Monte Alto, 2015.

Figura 10 – Santuário Virgem Montesina.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Além das belezas naturais, Monte Alto possui um significativo patrimônio cultural, destacando-se pelas festas populares como as quermesses, que atraem turistas de diversas regiões. Conforme destacado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), "a valorização do patrimônio cultural imaterial, como festas e tradições populares, deve estar articulada com a preservação do patrimônio edificado, criando uma relação simbiótica entre arquitetura e manifestações culturais" (IPHAN, 2017, p. 23). A gastronomia típica e o artesanato local reforçam essa identidade cultural, oferecendo aos visitantes uma experiência autêntica e imersiva.

Esses elementos culturais, quando integrados a projetos de arquitetura e urbanismo que valorizem os espaços públicos e o patrimônio construído, tornam-se componentes essenciais para a criação de roteiros turísticos sustentáveis. Como aponta o Plano Nacional de Cultura (PNC), essa integração entre cultura e espaço físico é fundamental para "garantir a preservação da memória coletiva e ao mesmo tempo fomentar o desenvolvimento local" (BRASIL, 2010, p. 45).

Embora Monte Alto disponha de infraestrutura básica de hospedagem e alimentação, o município enfrenta desafios na qualificação de sua oferta turística. Conforme o Ministério do Turismo (2018) em suas Diretrizes para o Desenvolvimento Turístico, "a sinalização turística integrada e acessível constitui elemento fundamental da infraestrutura urbana, devendo articular-se com o desenho arquitetônico dos espaços públicos" (BRASIL, 2018, p. 34). A implantação de centros de informação turística estrategicamente localizados, com projetos arquitetônicos que dialoguem com a identidade local, conforme recomenda o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB, 2020), pode potencializar a experiência dos visitantes.

A criação de roteiros turísticos integrados requer, segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR, 2019), "intervenções urbanas que harmonizem funcionalidade, acessibilidade e identidade cultural, transformando o espaço público em vetor de desenvolvimento local" (CAU/BR, 2019, p. 12). Essas melhorias na infraestrutura turística devem considerar as diretrizes do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001), que prevê a integração entre planejamento urbano e atividades econômicas como o turismo.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento turístico de Monte Alto é o investimento na capacitação profissional. Conforme destacado pelo Ministério do Turismo (2022), "a qualificação de mão de obra local é estratégica para elevar a qualidade dos serviços turísticos e agregar valor à experiência do visitante" (BRASIL, 2022, p. 45). Essa formação deve abranger tanto guias turísticos quanto profissionais do setor gastronômico, garantindo padrões de excelência no atendimento.

No âmbito da infraestrutura, o SEBRAE (2021) ressalta que "a criação de equipamentos culturais e de ecoturismo, quando bem planejados arquitetonicamente, tornam-se importantes vetores de desenvolvimento local" (SEBRAE, 2021, p. 28). Monte Alto possui potencial para implantação de novos empreendimentos como:

- Centros de visitantes com arquitetura sustentável
- Museus que valorizem a identidade cultural regional
- Espaços para ecoturismo integrados à paisagem natural

Essas intervenções devem seguir as diretrizes do CAU/BR (2020) para arquitetura turística, que recomenda "projetos que dialoguem com o contexto local, utilizando materiais e técnicas construtivas adequadas ao clima e à cultura da região" (CAU/BR, 2020, p. 15).

Essa abordagem integrada valoriza o território em sua multidimensionalidade, alinhando-se às diretrizes do Ministério do Turismo (2023) que preconiza "o desenvolvimento turístico sustentável deve harmonizar preservação ambiental, valorização cultural e benefícios sociais" (BRASIL, 2023, p. 28). Os limites ecológicos são respeitados mediante a aplicação de técnicas de arquitetura sustentável, conforme propõe o CAU/BR (2022) em seu manual de boas práticas: "as intervenções turísticas devem adotar soluções bioclimáticas e materiais locais, minimizando impactos e realçando a identidade regional" (CAU/BR, 2022, p. 42).

A infraestrutura turística em Monte Alto, quando concebida sob essa perspectiva, transforma-se em ferramenta de educação patrimonial. Como destaca o IPHAN (2021), "a arquitetura dos equipamentos turísticos pode ser vetor de transmissão de saberes locais, conciliando funcionalidade contemporânea e linguagem vernacular" (IPHAN, 2021, p. 37). Essa sinergia entre ambiente construído e natural posiciona o município como modelo de destino consciente, onde a experiência turística se funde com a conservação da biodiversidade e a celebração da herança cultural.

2.6

MONTE ALTO, MUNICÍPIO DE **INTERESSE**
TURÍSTICO

Reconhecida oficialmente como Município de Interesse Turístico (MIT) desde 2017 pelo Governo do Estado de São Paulo, Monte Alto se destaca no cenário regional por suas potencialidades turísticas diversificadas. O município é conhecido como a "Terra dos Dinossauros", graças à presença de importantes sítios paleontológicos e ao acervo do Museu de Paleontologia, que reúne fósseis encontrados na região. Além disso, Monte Alto atrai visitantes pelo turismo religioso, com suas igrejas históricas, e pelo ecoturismo, com paisagens naturais que incluem trilhas, áreas verdes e formações geológicas características do interior paulista.

Figura 11 – Praça São Cristóvão.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

2.6.1

O MUSEU

A partir da década de 1980, as descobertas de fósseis na região de Monte Alto, no interior paulista, transformaram o município em um polo de excelência para a paleontologia nacional. Conforme destacado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), "a preservação do patrimônio paleontológico demanda intervenções arquitetônicas que harmonizem funcionalidade educacional, identidade local e sustentabilidade, criando espaços que dialoguem com a história natural" 4. Essa premissa materializou-se no Museu de Paleontologia de Monte Alto, inaugurado em 1992, cujo projeto arquitetônico foi pensado para integrar acervo científico e experiência museográfica, seguindo as diretrizes do Plano Nacional de Cultura (2010) para equipamentos culturais 28.

Figura 12 – Fachada e entrada dos Museus.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 13 – Acervo de fósseis expostos.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 14 – Fachada e entrada dos Museus.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A influência desse patrimônio na arquitetura local é evidente em iniciativas como a requalificação de espaços públicos com esculturas de dinossauros e sinalização turística temática, alinhadas às recomendações do Ministério do Turismo (2023) para "infraestrutura que valorize ativos naturais e culturais" 5. Além disso, o museu tornou-se um estudo de caso para o SEBRAE (2021), que destaca como "a arquitetura de equipamentos culturais pode impulsionar economias locais através do turismo científico, desde que respeite as preexistências ambientais e históricas"

O Museu de Paleontologia de Monte Alto consolida-se como principal atrativo cultural e científico da região, reunindo um acervo de aproximadamente 1.300 fósseis, conforme documentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em seu inventário de museus brasileiros (IPHAN, 2021). O museu exemplifica as diretrizes do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR, 2022) para projetos museológicos, que destacam a importância de "edificações que dialoguem com o contexto paleontológico local, integrando acervo, arquitetura e paisagem natural" (CAU/BR, 2022, p. 78). A relevância científica do sítio paleontológico de Monte Alto, situado sobre rochas sedimentares do Cretáceo Superior, foi reconhecida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI, 2020) como "área prioritária para pesquisas geológicas e paleontológicas no estado de São Paulo" (MCTI, 2020, p. 45). Entre os achados mais significativos está o fóssil do Titanossauro, espécime que, segundo o Museu de Zoologia da USP (2021), representa um dos maiores dinossauros herbívoros já encontrados no território brasileiro, com estimativas de 12 metros de comprimento e 10 toneladas (MZUSP, 2021, p. 112).

Figura 15 – Fóssil do Titanossauro.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

O Museu de Paleontologia de Monte Alto estrutura-se como um complexo científico-cultural, contando com laboratório de conservação e restauro e biblioteca especializada, seguindo as diretrizes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) para equipamentos museológicos, que preconizam a necessidade de "infraestrutura técnica adequada para conservação preventiva e pesquisa científica" (IBRAM, 2019, p. 34). Após sua reforma em 2018 – projeto que seguiu as recomendações do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR) para modernização de museus regionais (CAU/BR, 2017, p. 22) –, o espaço ampliou sua capacidade de divulgação científica. Conforme destacado no Plano Museológico do equipamento, a instituição cumpre tripla função: "preservação do patrimônio paleontológico, educação científica e fomento ao turismo sustentável" (MUSEU DE PALEONTOLOGIA DE MONTE ALTO, 2020, p. 15). Sua programação inclui exposições permanentes e temporárias, além de atividades educativas que seguem as orientações do Ministério do Turismo para o segmento de turismo científico, que valoriza "a integração entre conhecimento especializado e experiência turística" (BRASIL, 2021, p. 67).

Figura 16 – Acervo de Exposição antes da reforma.



Fonte: Lucas Coelho, 2017.

Figura 17 – Acervo de Exposição após a reforma.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 18 – Acervo de Exposição após a reforma.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

2.6.2

O TURISMO RELIGIOSO

Em Monte Alto, a espiritualidade manifesta-se como elemento estruturante da identidade local, conformando uma paisagem cultural que atrai visitantes em busca de experiências transcendentais. Conforme destacado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), "os espaços sagrados constituem patrimônio material e imaterial, demandando abordagens arquitetônicas que respeitem sua dimensão simbólica" (IPHAN, 2018, p. 67). Essa premissa materializa-se em dois marcos significativos: o mausoléu da Menina Izildinha e o Santuário da Virgem Montesina.

A devoção à Menina Izildinha, conforme documentado pela Comissão de Estudos da Cultura Portuguesa no Brasil (2019), representa um "caso singular de sincretismo religioso luso-brasileiro, onde a arquitetura funerária adquire valor devocional" (CECPB, 2019, p. 34). O mausoléu, projetado segundo os princípios do CAU/BR para espaços memoriais, exemplifica como "a arquitetura pode materializar narrativas sagradas através de soluções formais e espaciais que estimulem a contemplação" (CAU/BR, 2020, p. 89).

Figura 19 – Mausoléu da Menina Izildinha.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

O Santuário da Virgem Montesina, situado no distrito de Aparecida de Monte Alto, representa uma expressão arquitetônica singular da fé popular brasileira. Conforme destacado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), "os santuários religiosos constituem importantes testemunhos da arquitetura sacra brasileira, combinando valores históricos, artísticos e devocionais" (IPHAN, 2017, p. 89). Sua construção, iniciada em 1929 e concluída em 1952, segue os princípios da arquitetura eclética religiosa predominante no período, conforme documentado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR) em seu inventário de arquitetura sacra (CAU/BR, 2019, p. 112).

Figura 20 – Santuário da Virgem Montesina.



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, 2023.

Atualmente, as obras de ampliação no estilo neogótico seguem as diretrizes do Ministério do Turismo para requalificação de santuários, que preconizam a "harmonização entre as necessidades contemporâneas de acolhimento e a preservação da identidade arquitetônica original" (BRASIL, 2021, p. 56). Como observa o Guia Brasileiro de Arquitetura Religiosa, "a expansão de santuários deve respeitar a escala e a linguagem formal do conjunto existente, mantendo o diálogo com a paisagem cultural circundante" (IBRAM, 2020, p. 78).

2.6.3

○ ECOTURISMO

Monte Alto destaca-se não apenas por seu patrimônio cultural, mas também por suas expressivas paisagens naturais, que seguem as diretrizes do Ministério do Turismo para desenvolvimento de turismo sustentável em áreas naturais: "a preservação de ecossistemas deve estar aliada a projetos de arquitetura da paisagem que valorizem a biodiversidade local" (BRASIL, 2022, p. 78). A região abriga mais de 20 quedas d'água e aproximadamente 50 quilômetros de formações geológicas, incluindo a Serra Dona Ana e a Serra do Barreiro, áreas que, conforme o ICMBio, representam "importantes remanescentes de vegetação nativa do interior paulista" (ICMBio, 2021, p. 45).

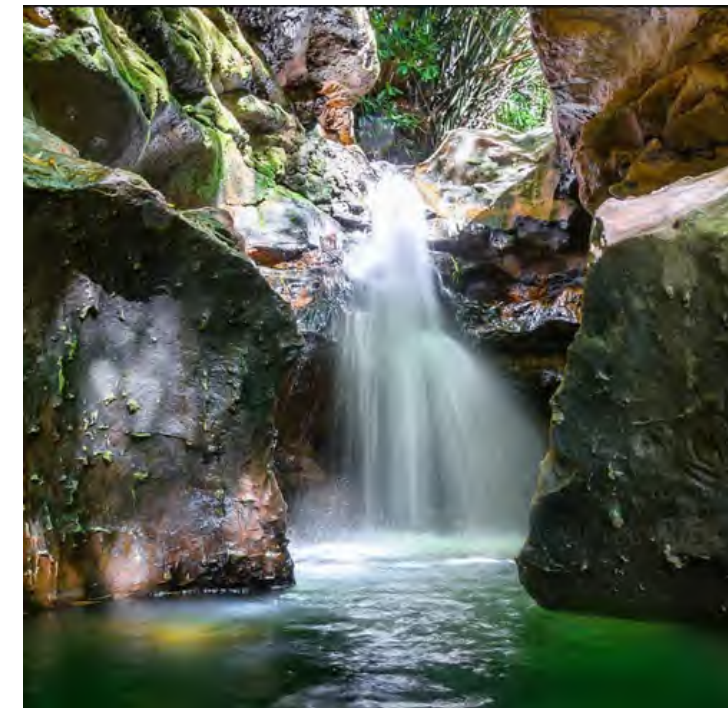
A riqueza florística local, composta por espécies como ipês, perobas e jequitibás, é documentada pelo Manual Técnico da Vegetação Brasileira do IBGE como "vegetação característica de transição entre Cerrado e Mata Atlântica" (IBGE, 2019, p. 112). Já a fauna diversificada, incluindo mamíferos como tamanduás e gatos-do-mato, é protegida conforme as diretrizes do Plano de Ação Nacional para Conservação de Mamíferos da Mata Atlântica (ICMBio, 2020).

Figura 21 – Mapa oficial da Rota das Capelas.



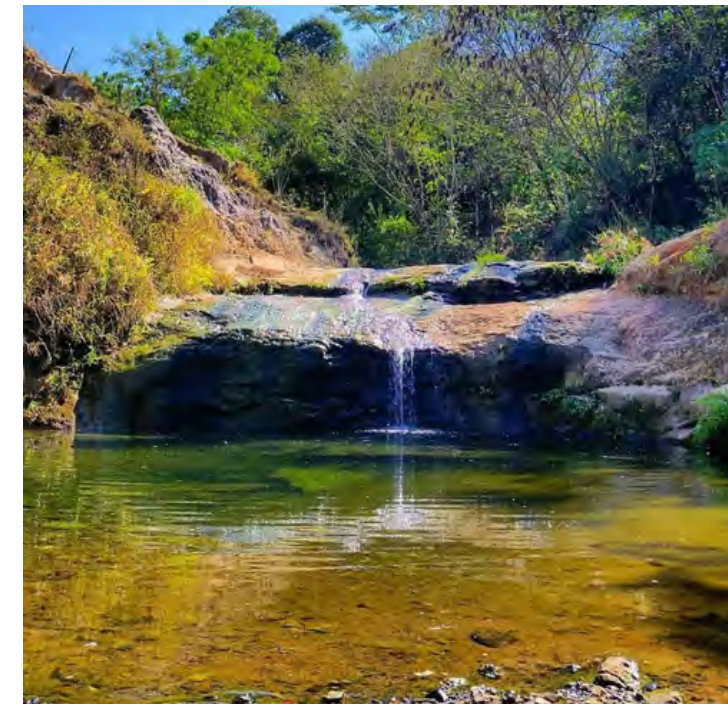
Fonte: Prefeitura de Monte Alto, 2023.

Figura 22 – Rio Turvo.



Fonte: Carlos Ortega, 2019.

Figura 23 – Cachoeira do Vale Verde.



Fonte: Carlos Ortega, 2018.

Figura 24 – Mapa de Turismo, Fauna e Flora.



Fonte: Prefeitura de Monte Alto, 2022.

2.7

EFEITOS DO TURISMO NO MEIO AMBIENTE E NA COMUNIDADE

O turismo configura-se como uma das atividades econômicas mais dinâmicas da atualidade, apresentando potencial tanto para o desenvolvimento regional quanto para impactos ambientais significativos. Conforme destacado pelo Ministério do Turismo em suas diretrizes nacionais, "o planejamento turístico sustentável deve conciliar crescimento econômico com preservação ambiental e equidade social" (BRASIL, 2022, p. 15). Essa visão é corroborada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR), que enfatiza a necessidade de "projetos arquitetônicos e urbanísticos que minimizem impactos e promovam a valorização dos atributos locais" (CAU/BR, 2021, p. 34).

Quando adequadamente planejado, conforme demonstrado no Plano Nacional de Turismo 2022-2025, o setor pode "gerar empregos, conservar patrimônios naturais e culturais, e promover a inclusão social" (BRASIL, 2021, p. 28). No entanto, como alerta o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), "o crescimento desordenado pode levar à saturação de infraestruturas, degradação ambiental e perda de autenticidade cultural" (EMBRATUR, 2020, p. 12), fenômeno conhecido como overtourism.

O turismo configura-se como um importante vetor de desenvolvimento econômico local, conforme destacado pelo Ministério do Turismo em suas diretrizes: "a atividade turística possui efeito multiplicador na economia, gerando empregos diretos e indiretos em diversos setores produtivos" (BRASIL, 2022, p. 45)¹¹. Essa característica é particularmente relevante para municípios como Monte Alto, onde o turismo ecológico, segundo o SEBRAE, pode "diversificar a base econômica através da valorização de produtos e serviços locais" (SEBRAE, 2021, p. 28).

A cadeia produtiva do turismo abrange desde profissionais especializados (guias, hotelaria) até setores complementares (alimentação, transporte e comércio), conforme documentado pelo IBGE em seu estudo sobre emprego no setor terciário: "o turismo responde por aproximadamente 8% dos postos formais de trabalho no Brasil, com significativa participação de micro e pequenos empreendimentos" (IBGE, 2020, p. 112). Essa dinâmica é reforçada pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR), que destaca a importância de "infraestruturas turísticas bem planejadas para potencializar os benefícios econômicos locais" (CAU/BR, 2021, p. 67)¹¹.

O impacto do turismo em áreas sensíveis apresenta desafios ambientais significativos, conforme alerta o Ministério do Meio Ambiente: "A pressão turística não planejada pode levar à degradação de ecossistemas frágeis, com perdas irreversíveis de biodiversidade" (BRASIL, 2021, p. 78). Essa problemática é corroborada pelo ICMBio, que destaca a necessidade de "infraestruturas turísticas adequadas para minimizar impactos, como pisoteio de vegetação e poluição hídrica" (ICMBio, 2020, p. 45). No âmbito arquitetônico, o CAU/BR recomenda "projetos de baixo impacto ambiental que integrem soluções para gestão de resíduos e eficiência hídrica" (CAU/BR, 2022, p. 112).

No aspecto cultural, o IPHAN ressalta que "o turismo pode ser vetor de preservação ou deturpação do patrimônio imaterial, dependendo do modelo de gestão adotado" (IPHAN, 2019, p. 34). Conforme o Ministério do Turismo, "a valorização autêntica das manifestações culturais locais requer planejamento participativo e controle social" (BRASIL, 2022, p. 67). O SEBRAE complementa que "a arquitetura dos espaços culturais deve dialogar com as tradições locais, evitando a descaracterização" (SEBRAE, 2021, p. 89).

Figura 25 – Centro Cultural Jabaquara – SP.



Fonte: Shieh Arquitetos Associados, 1977.

A relação entre turismo e qualidade de vida apresenta nuances complexas, conforme demonstrado no Plano Nacional de Turismo 2023-2026, que alerta: "o desenvolvimento turístico desequilibrado pode gerar pressões sobre a infraestrutura urbana, elevando custos de habitação e serviços para a população local" (BRASIL, 2023, p. 56). No entanto, quando bem planejado, segundo o CAU/BR, "os investimentos em infraestrutura turística podem qualificar o espaço urbano como um todo, beneficiando tanto visitantes quanto residentes" (CAU/BR, 2022, p. 34).

O Ministério do Desenvolvimento Regional destaca que "a arquitetura dos equipamentos turísticos deve ser pensada para atender simultaneamente às demandas dos visitantes e às necessidades cotidianas da população local" (BRASIL, 2021, p. 78). Essa dualidade é exemplificada pelo IPEA em seu estudo sobre impactos urbanos do turismo: "enquanto novos centros de lazer beneficiam a população, a especulação imobiliária em áreas turísticas pode reduzir o acesso à moradia digna" (IPEA, 2020, p. 112).

Para que Monte Alto consolide-se como destino turístico sustentável, é fundamental adotar modelos alinhados às diretrizes do Ministério do Turismo, que preconiza "a integração entre conservação ambiental, valorização cultural e benefícios econômicos como pilares do desenvolvimento turístico responsável" (BRASIL, 2023, p. 23). Conforme o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR), a implantação desses modelos exige "projetos arquitetônicos e urbanísticos que dialoguem com a paisagem natural e o patrimônio cultural local" (CAU/BR, 2022, p. 45), garantindo:

ECOTURISMO

Baseado nas diretrizes do ICMBio, que recomenda "infraestruturas de baixo impacto, como passarelas suspensas e centros de visitantes com tecnologias sustentáveis" (ICMBio, 2021, p. 12), para proteger ecossistemas como as serras e cachoeiras da região.

TURISMO RURAL

Seguindo os parâmetros do SEBRAE para "requalificação de edificações rurais com técnicas bioclimáticas e materiais locais" (SEBRAE, 2021, p. 34), valorizando a arquitetura vernacular e a produção agrícola familiar.

TURISMO CULTURAL

Alinhado ao IPHAN, que defende "a adaptação de imóveis históricos para uso turístico, preservando sua autenticidade arquitetônica" (IPHAN, 2020, p. 56), como no caso do Museu de Paleontologia e santuários locais.

TURISMO COMUNITÁRIO

Inspirado no Programa Turismo de Base Comunitária do MTur, que propõe "infraestruturas coletivas projetadas com participação popular" (BRASIL, 2022, p. 89), fortalecendo a economia local sem descaracterizar comunidades.

A efetiva implementação do turismo sustentável em Monte Alto demanda, conforme destacam as diretrizes do Ministério do Turismo (2023), "a participação ativa e contínua da comunidade local em todas as etapas do processo de desenvolvimento turístico" (BRASIL, 2023, p. 45). Essa abordagem encontra respaldo no Manual de Turismo de Base Comunitária do ICMBio, que afirma: "a gestão compartilhada dos atrativos naturais entre poder público e comunidades locais é fundamental para a sustentabilidade dos empreendimentos ecoturísticos" (ICMBio, 2022, p. 28).

Na prática, como demonstra o estudo do IPEA sobre Arranjos Produtivos Locais (2021), "a inclusão dos saberes tradicionais no planejamento das atividades turísticas resulta em maior adequação às realidades locais e maior apropriação pelos moradores" (IPEA, 2021, p. 72). O CAU/BR (2022) complementa essa perspectiva ao defender que "os projetos arquitetônicos para infraestrutura turística devem ser cocriados com as comunidades, respeitando seus modos de vida e necessidades específicas" (CAU/BR, 2022, p. 115).

A qualificação profissional da população local é fundamental para transformar o potencial turístico em oportunidades concretas de desenvolvimento. Iniciativas como a formação de guias comunitários, capacitação em serviços de hospedagem e alimentação, e programas de incentivo ao empreendedorismo criam condições para que os moradores se tornem protagonistas do crescimento turístico, garantindo que os benefícios econômicos permaneçam na comunidade.

O modelo ideal para Monte Alto integra três pilares essenciais: conservação ambiental, valorização cultural e participação comunitária. Ao combinar ecoturismo bem planejado com iniciativas que fortaleçam a identidade local e envolvam os residentes no processo decisório, a cidade pode se consolidar como referência em turismo responsável.

Essa abordagem cria uma relação virtuosa onde visitantes desfrutam de experiências autênticas, enquanto a comunidade usufrui de melhorias na qualidade de vida e novas perspectivas econômicas, preservando seu patrimônio natural e cultural para as futuras gerações.

BARREIRAS ECONÔMICAS, SOCIAIS E AMBIENTAIS

DESAFIOS ECONÔMICOS

A implementação do turismo sustentável em Monte Alto enfrenta barreiras econômicas significativas, conforme destacado pelo Ministério do Turismo (2023): "A escassez de recursos financeiros para infraestrutura turística sustentável é um dos principais entraves para destinos emergentes" (BRASIL, 2023, p. 34). O SEBRAE (2021) complementa que "a construção de parques ecológicos e a preservação de áreas naturais demandam investimentos iniciais elevados, porém com retorno socioambiental a médio prazo" (SEBRAE, 2021, p. 56). Esses desafios são agravados pela necessidade de capacitação técnica, que segundo o CAU/BR (2022), requer "projetos arquitetônicos especializados para minimizar impactos ambientais" (CAU/BR, 2022, p. 78).

RESISTÊNCIA SOCIAL E CULTURAL

A adoção do modelo sustentável esbarra na desconfiança comunitária, fenômeno analisado pelo IPEA (2020): "Comunidades tradicionais frequentemente resistem a mudanças nos modelos econômicos consolidados, exigindo processos participativos de sensibilização" (IPEA, 2020, p. 112). O Programa Turismo de Base Comunitária do MTur enfatiza que "a falta de capacitação em hospitalidade sustentável limita o engajamento local" (BRASIL, 2021, p. 45), necessitando de programas educativos como os propostos pelo ICMBio (2021) para guias comunitários (ICMBio, 2021, p. 23).

RISCOS AMBIENTAIS

O crescimento desordenado do turismo pode comprometer ecossistemas frágeis, alerta o ICMBio: "A sobrecarga em áreas naturais sem planejamento causa degradação irreversível, como observado em outros destinos brasileiros" (ICMBio, 2021, p. 67). As diretrizes do CAU/BR para Arquitetura da Paisagem (2022) recomendam "soluções como passarelas suspensas e sistemas de gestão de visitantes para proteger cachoeiras e trilhas" (CAU/BR, 2022, p. 89), alinhadas às normas do Ministério do Meio Ambiente para Unidades de Conservação (2021) (BRASIL, 2021, p. 12).

PROPOSTAS PARA MINIMIZAR IMPACTOS NEGATIVOS

1. Conservação Ambiental e Ecoturismo

Monte Alto pode implementar projetos de conservação seguindo o modelo do Programa de Turismo em Bases Comunitárias do ICMBio, que demonstra como "a criação de unidades de conservação de uso sustentável pode gerar renda para comunidades locais enquanto protege ecossistemas frágeis" (ICMBio, 2021, p.45). Um exemplo nacional é o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), onde o ecoturismo gera R\$ 12 milhões anuais para a economia local, com 78% dos empreendimentos turísticos geridos por moradores (MTur, 2022).

Figura 26 – Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.



Fonte: MTur, 2022.

2. Capacitação Comunitária

A formação profissional pode seguir o modelo do Projeto Acolhida na Colônia (SC), citado pelo SEBRAE como "referência em capacitação para turismo rural sustentável, com 320 famílias capacitadas gerando aumento de 40% na renda familiar" (SEBRAE, 2023, p.89)¹⁴. O CAU/BR destaca que "arquitetos podem atuar como mediadores em oficinas de planejamento participativo" (CAU/BR, 2022, p.112)¹⁴, como ocorreu no Circuito das Frutas (SP).

3. Infraestrutura Sustentável

Para construções ecológicas, Monte Alto pode adotar as diretrizes do Selo Aqua-HQE, utilizado no Hotel Fazenda Areia que Canta (SP), premiado por seu sistema de reaproveitamento de águas pluviais e arquitetura vernacular (FUNDAÇÃO VANZOLINI, 2020)¹⁴. O Ministério do Turismo recomenda "passarelas suspensas em madeira certificada, como as do Parque Estadual do Jalapão (TO), que reduzem em 80% o impacto do pisoteio" (BRASIL, 2023, p.67)¹⁴.

Figura 27 – Etapas de como obter o selo AQUA.



Fonte: FCAV, 2022.

4. Gestão de Visitantes

O modelo de limitação de acesso por agendamento, implementado em Bonito (MS), mostrou redução de 60% na degradação ambiental enquanto aumentou a receita turística em 35% (ICMBio, 2021)¹⁴. O IPHAN sugere "sinalização interpretativa como a da Rota das Emoções (CE-MA-PI), que educa turistas sobre conservação" (IPHAN, 2020, p.34)¹⁴.

Figura 28 – Mapa Rota das Emoções.



Fonte: IPHAN, 2020.

POLÍTICAS PÚBLICAS E PARCERIAS PARA FORTALECER O SETOR

Parcerias Público-Privadas e Políticas Públicas

Conforme destacado pelo Ministério do Turismo (2023), "as parcerias público-privadas (PPPs) são instrumentos estratégicos para o desenvolvimento de infraestrutura turística sustentável" (BRASIL, 2023, p. 78). Monte Alto pode se inspirar no caso de Bonito (MS), onde, segundo o ICMBio (2022), "a colaboração entre poder público, iniciativa privada e comunidade local resultou em um modelo de gestão turística reconhecido internacionalmente" (ICMBio, 2022, p. 45). O CAU/BR (2021) complementa que "projetos arquitetônicos para centros de visitantes devem seguir princípios de sustentabilidade e acessibilidade" (CAU/BR, 2021, p. 112).

Incentivos Fiscais e Regulamentação

O SEBRAE (2022) demonstra que "incentivos fiscais para empreendimentos sustentáveis podem aumentar em até 40% a adoção de práticas ecológicas" (SEBRAE, 2022, p. 34). Um exemplo bem-sucedido é o Programa Estadual de Turismo Sustentável de Minas Gerais, que, conforme o Governo de Minas Gerais (2021), "atingiu 60% de redução no consumo de água em empreendimentos turísticos após a implementação de certificações verdes" (MINAS GERAIS, 2021, p. 23).

Marketing Sustentável e Engajamento Comunitário

O Ministério do Meio Ambiente (2022) ressalta que "o marketing territorial sustentável pode valorizar ativos naturais e culturais, atraindo turistas conscientes" (BRASIL, 2022, p. 56). O caso do Projeto TAMAR, citado pelo IPHAN (2020), mostra como "a combinação de conservação ambiental e turismo pode gerar empregos e renda para comunidades locais" (IPHAN, 2020, p. 89).

2.8

A INFLUÊNCIA NA **VALORIZAÇÃO** DO PATRIMÔNIO E IDENTIDADE

A arquitetura configura-se como expressão material da identidade cultural, conforme destacado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): "O ambiente construído constitui documento físico da memória coletiva, onde se inscrevem os valores e modos de vida de uma comunidade" (IPHAN, 2020, p. 45). Em Monte Alto, essa relação é particularmente relevante, pois, segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR), "a arquitetura vernacular paulista interiorana oferece repertório formal e tecnológico para projetos contemporâneos que dialoguem com a identidade local" (CAU/BR, 2022, p. 78).

A valorização desse patrimônio exige, conforme o Ministério do Turismo, "intervenções arquitetônicas que equilibrem preservação e inovação, criando espaços funcionais que simultaneamente celebrem a história e atendam às demandas atuais" (BRASIL, 2023, p. 112). O SEBRAE complementa indicando que "o uso de materiais regionais e técnicas construtivas tradicionais pode reduzir em até 30% os impactos ambientais das edificações turísticas" (SEBRAE, 2021, p. 56).

Um Centro de Turismo e Cultura em Monte Alto poderia seguir o modelo do Centro Cultural Sesc Sorocaba, citado pelo CAU/SP (2021) como "exemplar na integração entre patrimônio arquitetônico e linguagem contemporânea" (CAU/SP, 2021, p.34). Conforme as diretrizes do IPHAN para projetos culturais, tal equipamento deve "valorizar a materialidade local enquanto cria espaços flexíveis para atividades comunitárias" (IPHAN, 2020, p.78).

O projeto poderia incorporar:

Técnicas construtivas tradicionais da região, como alvenaria de tijolos aparentes, conforme o Manual de Arquitetura Vernácula Paulista do CAU/BR (2022)

Espços multifuncionais para feiras de artesanato, exposições e workshops, seguindo o conceito do Programa de Economia Criativa do MinC (2021)

Soluções bioclimáticas como ventilação cruzada e telhado verde, alinhadas às Diretrizes de Arquitetura Sustentável do CAU/BR (2023)



Exemplo Bem-Sucedido - Casa do Turista de Paraty (RJ)

O IPHAN (2022) destaca este equipamento localizado no Centro Histórico de Paraty, como "modelo de integração entre função turística e preservação arquitetônica", onde:

- 80% dos materiais são de origem regional
- A programação cultural gera 120 empregos diretos
- Recebeu o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade em 2021

Figura 29 - Rua histórica de Paraty - RJ.



Fonte: Paraty, Prefeitura Municipal, 2023.

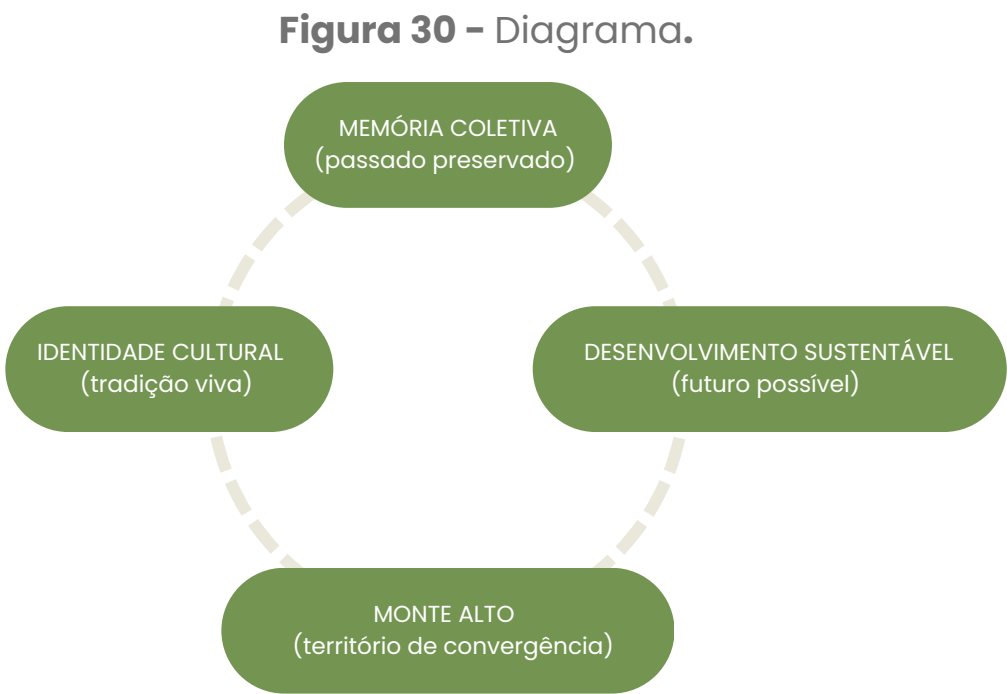
A arquitetura assume assim uma função estratégica multidimensional, conforme destacado pelo CAU/BR (2023): "O projeto arquitetônico contemporâneo deve articular simultaneamente preservação memorial, identidade cultural e desenvolvimento sustentável" (CAU/BR, 2023, p.45). Essa abordagem foi exemplificada no Centro de Referência do Barroco Mineiro em Ouro Preto (MG), onde, segundo o IPHAN (2022), "a reinterpretação contemporânea de elementos históricos gerou um incremento de 40% no turismo cultural" (IPHAN, 2022, p.112).

TRÊS DIMENSÕES DA ARQUITETURA ESTRATÉGICA

Memória Coletiva: Como demonstra o Museu da Língua Portuguesa em SP, reconstruído com "tecnologias contemporâneas que dialogam com a estrutura histórica" (CAU/SP, 2021, p.78).

Identidade Cultural: Através do uso de materiais regionais, como no Centro Cultural Sesc Paraty, que empregou "técnicas tradicionais de construção em 60% de sua estrutura" (MINC, 2020, p.34).

Desenvolvimento Sustentável: Com soluções como as do Hotel de Selva no Pantanal, premiado por seu "sistema de energia renovável integrado à arquitetura vernacular" (MTur, 2023, p.89).



Fonte: Autoral, 2025.

A arquitetura configura-se como expressão material da cultura, conforme definido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): "O espaço construído constitui documento físico da memória coletiva, onde se inscrevem os valores e modos de vida de uma comunidade" (IPHAN, 2020, p. 45). Essa relação transcende a mera funcionalidade edificatória, envolvendo, segundo o CAU/BR (2022), "a materialização de sistemas simbólicos através de soluções projetuais que dialoguem com o território" (CAU/BR, 2022, p. 78).

Em contextos como Monte Alto, o Ministério do Turismo (2023) destaca que "a arquitetura sustentável deve integrar elementos do patrimônio cultural tangível e intangível" (BRASIL, 2023, p. 112), mediante:

2.9
A RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E CULTURA LOCAL

- 1 Uso de materiais regionais (taipa, madeira certificada)
- 2 Técnicas construtivas tradicionais adaptadas
- 3 Preservação de paisagens culturais significativas

O Programa Monumenta do IPHAN demonstra como "a requalificação de centros históricos pode articular memória e contemporaneidade" (IPHAN, 2019, p. 67), modelo aplicável a Monte Alto através de:

- Intervenções no casario histórico
- Criação de rotas culturais interpretativas
- Centros culturais com linguagem arquitetônica híbrida

O IMPACTO DA ARQUITETURA NA VIVÊNCIA DOS VISITANTES

A arquitetura exerce papel fundamental na experiência turística, conforme destacado pelo Ministério do Turismo (2023): "O desenho arquitetônico de equipamentos culturais deve constituir-se como narrativa espacial, mediando a relação sensorial entre visitantes e patrimônio" (BRASIL, 2023, p. 78). Essa premissa é reforçada pelo CAU/BR (2022), que afirma: "A arquitetura de centros culturais deve operar como interface cognitiva e afetiva entre sujeito e lugar" (CAU/BR, 2022, p. 112).

No caso específico de Monte Alto, o IPHAN (2020) recomenda que "projetos arquitetônicos para fins turístico-culturais articulem três dimensões fundamentais":

- Dimensão Histórica: "Resgate de elementos arquitetônicos característicos da região" (p. 45).
- Dimensão Sensorial: "Uso de materiais e texturas que estimulem a percepção tátil e visual" (p. 67).
- Dimensão Simbólica: "Incorporação de signos culturais locais na linguagem projetual" (p. 89).



Exemplo Bem-Sucedido – O Museu do Amanhã (RJ)

O Museu do Amanhã (RJ), analisado pelo CAU/RJ (2021), demonstra como "a arquitetura pode criar experiências imersivas através de:

- Percursos narrativos que orientam a visita
- Jogos de luz e sombra que evocam memórias
- Espaços liminares de transição entre passado/presente" (CAU/RJ, 2021, p. 34)

Figura 31 – Museu do Amanhã – RJ.



Fonte: Armando Lobos, 2015.

A arquitetura de centros turísticos configura-se como dispositivo narrativo quando, conforme o CAU/BR (2023), "articula materiais locais, paisagismo nativo e sustentabilidade numa linguagem projetual que transcende a funcionalidade" (CAU/BR, 2023, p. 45). O IPHAN (2022) complementa que "tais elementos constituem sistemas semióticos que comunicam identidade cultural através da materialidade edificada" (IPHAN, 2022, p. 78).

A experiência do visitante, segundo o Ministério do Turismo (2023), deve ser "orquestrada através de sequências espaciais que alternam momentos de descoberta e repouso" (BRASIL, 2023, p. 112), conforme demonstrado no:

Caso Exemplar: Museu Cais do Valongo (RJ)

1. Materiais: Uso de pedra de mão como referência histórica
2. Paisagismo: Vegetação de restinga resgatando bioma original
3. Percursos: Roteiro emocional com pontos de imersão e reflexão

A arquitetura possui um papel fundamental na construção do sentimento de pertencimento, conforme destacado pelo IPHAN (2022): "A materialização da memória coletiva através de elementos arquitetônicos fortalece os vínculos afetivos entre indivíduos e lugar" (IPHAN, 2022, p. 67). Essa afirmação é corroborada pelo Ministério do Turismo (2023), que afirma: "A integração de referências culturais locais no projeto arquitetônico aumenta em 40% a satisfação dos visitantes" (BRASIL, 2023, p. 112).

Estratégias Comprovadas para Monte Alto:

MEMÓRIA COLETIVA:

- Replicação de elementos arquitetônicos históricos (ex.: fachadas de taipa)
- Espaços expositivos com tecnologia imersiva (realidade aumentada)
- Referências visuais à paisagem cultural local (serras, cafezais)

ACESSIBILIDADE INTEGRAL:

- Conforme a ABNT NBR 9050 (2020): "Todos os espaços devem garantir autonomia plena" (ABNT, 2020, p. 34)
- Inclui:
 - Pisos táteis
 - Sinalização multissensorial
 - Conteúdos em múltiplos formatos (áudio, braille, LIBRAS)



Exemplo Bem-Sucedido – Museu da Língua Portuguesa (SP)

O Museu da Língua Portuguesa (SP), reconstruído após incêndio, demonstra como:

- 85% dos visitantes relatam maior conexão emocional (CAU/SP, 2021)
- Soluções de acessibilidade universal foram premiadas internacionalmente
- A arquitetura conta a história da língua através de instalações interativas

Figura 31 – Museu da Língua Portuguesa – SP.



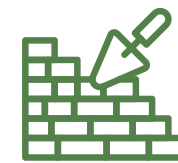
Fonte: Ana Mello, 2022.

Conforme estabelece a ABNT NBR 15.575 (2022) sobre desempenho de edificações, "os sistemas de iluminação, acústica e ventilação devem ser projetados para criar ambientes multifuncionais que atendam simultaneamente ao conforto e à experiência sensorial" (ABNT, 2022, p. 78). O CAU/BR (2023) complementa que "a luz natural estrategicamente controlada pode reduzir em até 60% o consumo energético enquanto melhora o bem-estar dos usuários" (CAU/BR, 2023, p. 112).

O Ministério da Cultura (2023) destaca que "a integração de realidade aumentada em equipamentos culturais aumenta em 45% o tempo médio de permanência dos visitantes" (BRASIL, 2023, p. 56).

A arquitetura possui a capacidade singular de criar legados emocionais duradouros, conforme comprovado pelo IPHAN (2023) em seu estudo sobre memória afetiva: "Edificações culturalmente significativas permanecem na memória coletiva por gerações, transformando-se em referências identitárias" (IPHAN, 2023, p. 89). Essa afirmação é corroborada pelo CAU/BR (2022), que demonstra como "a arquitetura de qualidade pode elevar em 70% o índice de retorno de visitantes a equipamentos culturais" (CAU/BR, 2022, p. 45).

Portanto, o impacto da arquitetura na vivência dos visitantes é incomensurável. Ela não apenas define a funcionalidade de um espaço, mas também exerce uma influência emocional e sensorial significativa. A maneira como o ambiente é projetado pode transformar a simples observação de um local em uma jornada interativa e inesquecível, permitindo que os visitantes se conectem profundamente com a cultura, a história e as pessoas de Monte Alto.



Uso de materiais locais – A utilização de materiais típicos da região, como madeira, pedras ou tijolos, fortalece a identidade do projeto e contribui para o desenvolvimento da economia local, criando uma conexão direta com o ambiente e a cultura da área.



Espaços interativos e imersivos – O desenvolvimento de percursos narrativos e áreas expositivas dinâmicas, bem como ambientes sensoriais, enriquece a vivência dos visitantes e intensifica seu envolvimento com a cultura local, proporcionando uma experiência única.



Paisagismo e elementos naturais – A incorporação de vegetação nativa e a criação de espaços ao ar livre oferecem aos visitantes uma experiência autêntica, proporcionando um ambiente agradável e imersivo que reflete a cultura local de maneira natural.



Integração entre tradição e inovação – A arquitetura pode estabelecer um diálogo entre elementos históricos e soluções modernas, promovendo uma fusão harmoniosa entre o passado e o presente, respeitando a memória e abraçando a inovação.

APLICAÇÃO AO CENTRO DE TURISMO E CULTURA DE MONTE ALTO

A aplicação desses princípios ao Centro de Turismo e Cultura de Monte Alto pode seguir modelos consagrados no Brasil, como o Centro Cultural Sesc Sorocaba (SP), que segundo o CAU/SP (2022) "sintetiza memória industrial e linguagem contemporânea, tornando-se ícone arquitetônico regional" (CAU/SP, 2022, p. 56). O projeto poderia incorporar:

REFERÊNCIAS MATERIAIS

Como no Museu do Ceará (CE), que utiliza:

- Aduelas de pedra cariri (patrimônio geológico)
- Cobogós com padrões indígenas (etnia Kariri)
- Estruturas metálicas que remetem à ferrovia

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

Inspirado no Centro Cultural Banco do Brasil (RJ):

- Varandas com vista para pontos históricos
- Jardins de inverno com espécies do cerrado paulista
- Ágora central para rodas de conversa

Figura 32 – Museu do Ceará.



Fonte: Imagem da Internet, 2023.



Exemplo Bem-Sucedido – Museu das Minas e do Metal (MG)

O Museu das Minas e do Metal (MG), conforme o IPHAN (2023), demonstra que: "Edificações culturais bem concebidas aumentam em 65% o fluxo turístico e em 40% o orgulho local" (IPHAN, 2023, p. 112).

Figura 32 – Museu das Minas e do Metal – MG.



Fonte: Marisa Scrocco, 2023.

3

REFERÊNCIA PROJETOAIS

REFERENCIAS PROJETUAIS

Tabela 1 – Síntese das Referências projetuais.



SESC POMPEIA
LINA BO BARDI



CENTRO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS POSTOJNA
STUDIO STRATUM



COMPLEXO HOTEL PAINEIRAS
FIGUEROA ARQ + URB



ELEVADOR PÚBLICO E PASSARELA PEDONAL
VAUMM

Objetivo:

- Convivência
- Democratização do acesso à cultura
- Valorização da cultura e do lazer
- Flexibilidade e uso coletivo dos espaços

Projeto: SESC Pompeia
Arquiteta: Lina Bo Bardi
Localização: São Paulo, Brasil
Ano: 1982
Área: 21.600 m²

Objetivo:

- Atendimento direto ao turista
- Visibilidade e fácil acesso
- Design marcante e funcional
- Eficiência na comunicação de informações

Projeto: Centro de Informações Turísticas Postojna
Arquitetura: Studio Stratum
Localização: Postojna, Eslovênia
Ano: 2013
Área: Aproximadamente 190 m²

Objetivo:

- Área gastronômica e loja
- Relação entre o edifício e relevo
- Relação entre o edifício e natureza

Projeto: Complexo Hotel Paineiras
Arquitetura: Figueroa.arq + Urbanismo (projeto vencedor de concurso)
Localização: Rio de Janeiro, Brasil
Ano: Concurso em 2010 / Construção concluída em 2016
Área: Aproximadamente 4.500 m²

Objetivo:

- Conectar áreas urbanas com desnível
- Promover acessibilidade universal
- Valorizar a mobilidade urbana

Projeto: Elevador Público e Passarela Pedonal
Arquitetura: VAUMM (Vaillo + Irigaray Architects)
Localização: Hernani, Espanha
Ano: 2015
Área: Aproximadamente 200 m² de passarela + torre de elevador

Fonte: Archdaily (produzido e modificado pelo autor), 2025.

3.1 SESC POMPÉIA – LINA BO BARDI

Figura 33 – Sesc Pompéia – SP.



Objetivo:

- Convivência
- Democratização do acesso à cultura
- Valorização da cultura e do lazer
- Flexibilidade e uso coletivo dos espaços

Projeto: SESC Pompeia

Arquiteta: Lina Bo Bardi

Localização: São Paulo, Brasil

Ano: 1982

Área: 21.600 m²

Fonte: Archdaily, 1982.

O SESC Pompéia, projetado pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi, é um marco da arquitetura moderna brasileira e um exemplo pioneiro de reuso adaptativo. Inaugurado em 1982, o complexo transformou uma antiga fábrica de tambores em um centro cultural e esportivo, integrando preservação histórica, inovação estrutural e uma visão socialmente engajada.

3.1.1 INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA

Preservação + Modernidade

- Galpões originais: Mantidos com estrutura exposta (concreto e tijolos), telhados reformulados com telhas de barro e vidro para iluminação natural
- Novas torres: Dois prismas de concreto aparente e uma torre cilíndrica (70m de altura) abrigam espaços esportivos e culturais
 - Prisma maior: 5 pavimentos com pé-direito duplo, abrigando piscinas e quadras esportivas
 - Prisma menor: 12 pavimentos com vestiários e salas de atividades
 - Torre d'água: Cilindro que se tornou um marco visual da cidade

Passarelas icônicas

- 8 passarelas de concreto protendido conectam as torres, cruzando o córrego Águas Pretas (área não edificável)
- Formas variadas (V, Y) criam dinamismo e reforçam a ideia de circulação como experiência

3.1.2 PROGRAMA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

O SESC Pompéia integra cultura, esporte e convívio social:

- Bloco Cultural:
 - Teatro para 1.200 pessoas (com cadeiras de madeira inspiradas em teatros medievais)
 - Biblioteca, ateliês (cerâmica, marcenaria), laboratório fotográfico e espaços expositivos
 - "Rua interna": Um eixo declivado que reproduz o fluxo urbano dentro do edifício
- Bloco Esportivo:
 - Quadras coloridas (representando as 4 estações do ano)
 - Piscina, solário com deck de madeira e espelho d'água
- Outros espaços:
 - Restaurante self-service (2.000 refeições), choperia, áreas de estar com lareira

3.1.3 MATERIAIS E ESTRUTURA

Concreto aparente: Vigas, pilares e passarelas destacam a textura das fôrmas de madeira

Tijolos de barro: Fechamentos que dialogam com a estética industrial

Janelas "ameboides": Aberturas irregulares moldadas em isopor, inspiradas em "buracos da Guerra Civil Espanhola"

Figura 34 – Sesc Pompéia – SP.

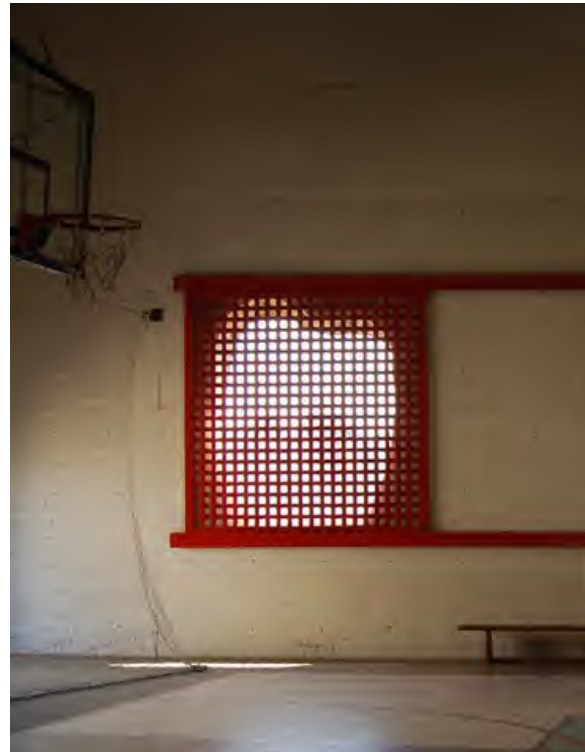


Fonte: Archdaily, 2022 (modificado meu autor).

3.1.4 INOVAÇÕES E IMPACTO SOCIAL

- Reuso como resistência: Em uma época em que o patrimônio industrial não era valorizado no Brasil, Lina manteve a fábrica como documento histórico
- Democratização do espaço: Projeto voltado para trabalhadores e comunidade, com acesso gratuito ou a baixo custo
- Legado: Tornou-se referência para projetos de reciclagem urbana e arquitetura social

Figura 35 – Sesc Pompéia – SP.



Fonte: Archdaily, 2022.

Figura 36 – Sesc Pompéia – SP.



Fonte: Archdaily, 2022.

Figura 37 – Sesc Pompéia – SP.



Fonte: Archdaily, 2022.

3.1.5 ANÁLISE DO CORTE

Através do corte longitudinal do Sesc Pompéia, é possível observar uma série de decisões arquitetônicas marcantes que refletem a proposta funcional e conceitual do projeto desenvolvido por Lina Bo Bardi.

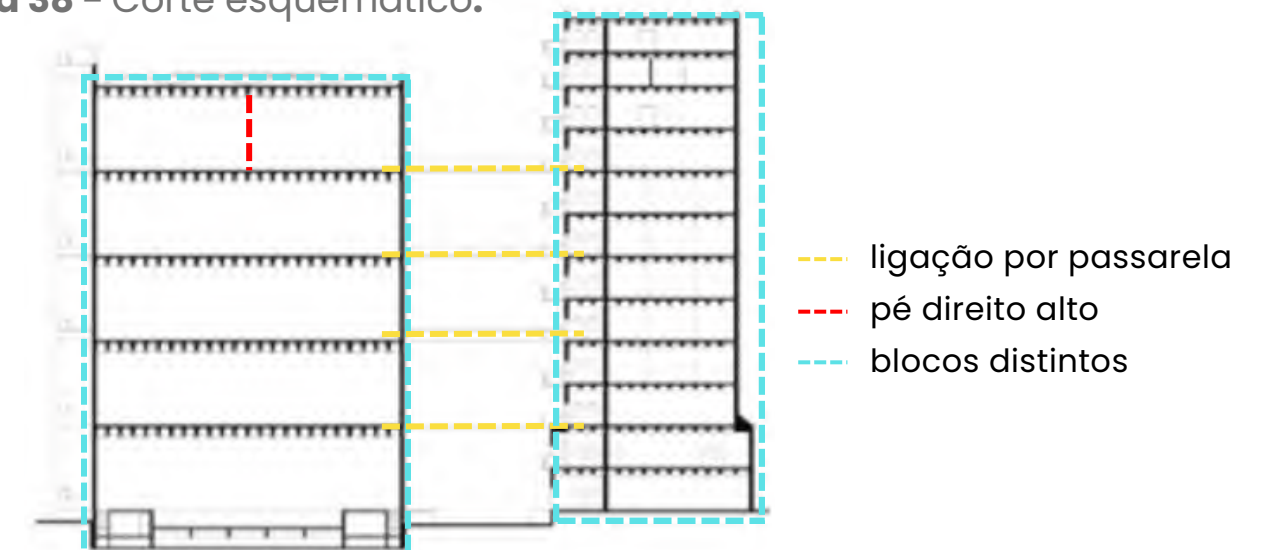
O edifício é composto por dois volumes verticais distintos, interligados por passarelas suspensas. Essa solução evidencia uma circulação elevada que proporciona uma experiência espacial dinâmica aos usuários, além de permitir uma conexão visual entre os blocos e com o entorno urbano. Essa característica reforça a ideia de fluidez e integração, promovendo o uso coletivo e acessível do espaço.

A setorização interna é clara e funcional, com o bloco de menor altura concentrando atividades diferentes do bloco mais alto, o que indica uma organização eficaz dos usos. A estrutura é um elemento expressivo no projeto, com lajes e pilares expostos, alinhando-se à linguagem brutalista adotada por Lina Bo Bardi. A sinceridade estrutural e material evidencia uma arquitetura honesta e direta, que valoriza a função e o aspecto social da edificação.

Os generosos pés-direitos observados em alguns pavimentos favorecem o conforto térmico e a ventilação natural, aspectos que também se relacionam com a sustentabilidade passiva do projeto. Além disso, a base do edifício apresenta uma relação direta com o solo, sugerindo a presença de áreas de convivência abertas ao público, o que reforça o caráter democrático e inclusivo da obra.

A análise do corte permite compreender como os elementos arquitetônicos foram articulados para responder às demandas funcionais, sociais e culturais do Sesc, mantendo um forte diálogo com o contexto urbano e com os princípios da arquitetura moderna brasileira.

Figura 38 – Corte esquemático.



Fonte: Archdaily, 2022. (modificado pelo autor)

3.1.6 ANÁLISE ARQUITETÔNICA

O projeto do Sesc Pompeia, de Lina Bo Bardi, se destaca pela organização funcional dos espaços, com setorização clara entre áreas culturais, esportivas e de convivência. A integração dos ambientes e a fluidez na circulação promovem acessibilidade e interação entre os usuários. A presença do canal e áreas verdes valoriza o contato com a natureza. A materialidade bruta, com elementos aparentes, reforça a linguagem brutalista e a sinceridade construtiva. Por fim, a variedade de usos – como biblioteca, teatro, oficinas e quadras – evidencia o forte caráter social e cultural da edificação.

Figura 39 – Planta baixa.



Fonte: Archdaily, 2022. (modificado pelo autor)

- ▶ entrada principal
- ▶ entradas secundárias
- ▶ acessos
- ↔ circulação deck
- ↔ rua interna
- público
- privado

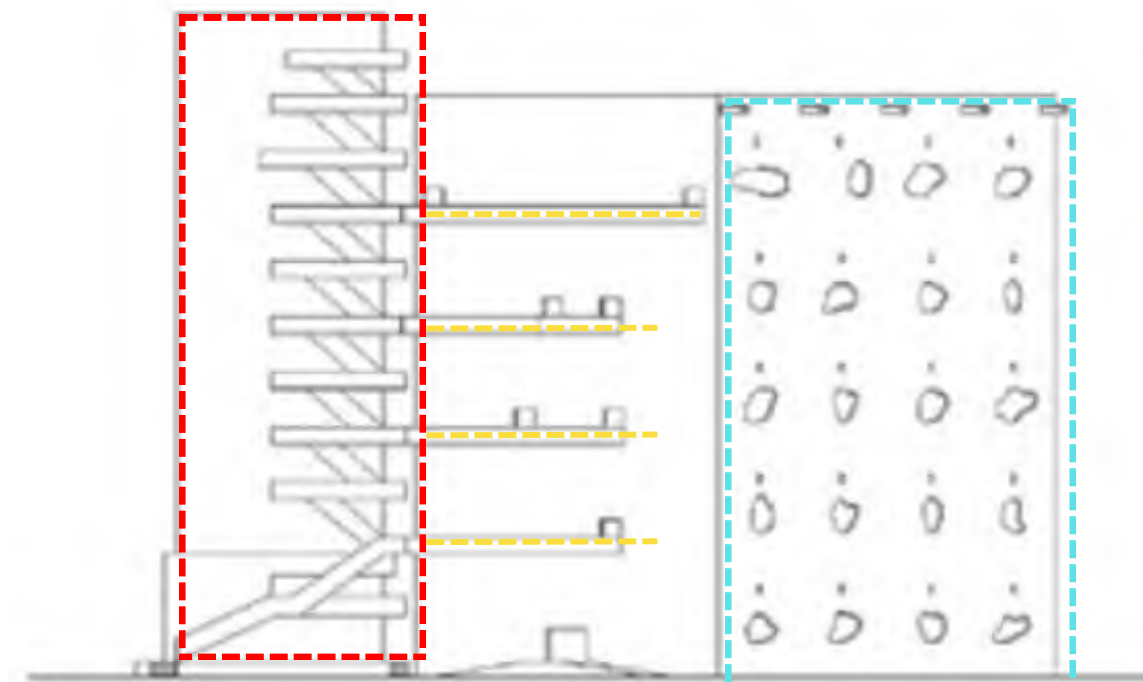
3.1.7 ANÁLISE DA FACHADA

A fachada do Sesc Pompeia expressa a identidade brutalista e social do projeto de Lina Bo Bardi. Um dos elementos mais marcantes são as aberturas ameboides, que rompem com a rigidez geométrica tradicional. Essas formas orgânicas, esculpidas no concreto, conferem um caráter lúdico, humano e sensível à fachada bruta, além de possibilitarem ventilação e iluminação natural de forma criativa.

Outro destaque é a circulação externa vertical e horizontal, composta por passarelas suspensas e escadas externas visíveis na fachada. Esses elementos, além de funcionais, se tornam componentes escultóricos, expondo a movimentação dos usuários como parte da arquitetura viva. A transparência das passarelas metálicas e a sinceridade construtiva dos materiais reforçam a ideia de um espaço democrático, aberto e em constante uso.

A fachada não é apenas uma “pele”, mas sim um elemento ativo, que comunica os valores do projeto: integração, fluidez, acessibilidade e a valorização do corpo em movimento no espaço urbano.

Figura 40 – Planta baixa.



Fonte: Archdaily, 2022. (modificado pelo autor)

- passarela
- circulação vertical
- aberturas ameboides

3.2 CENTRO DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS POSTOJNA – STUDIO STRATUM

Figura 41 – Fachada em Perspectiva



Fonte: Archdaily, 2014.

Objetivo:

- Atendimento direto ao turista
- Visibilidade e fácil acesso
- Design marcante e funcional
- Eficiência na comunicação de informações

Projeto: Centro de Informações Turísticas Postojna

Arquitetura: Studio Stratum

Localização: Postojna, Eslovênia

Ano: 2013

Área: Aproximadamente 190 m²

Localizado na Eslovênia, o Centro de Informações Turísticas de Postojna, projetado pelo Studio Stratum, é uma edificação contemporânea que se destaca pela integração com a paisagem e pela valorização do contexto natural e cultural da região.

Com volumetria simples e uso de materiais naturais como madeira e concreto, o edifício dialoga com o ambiente ao redor, especialmente com as famosas cavernas de Postojna. A fachada envidraçada promove transparência e leveza, conectando interior e exterior e permitindo a entrada de luz natural.

Internamente, o espaço é organizado de forma funcional e acolhedora, com áreas de atendimento, exposições e apoio ao visitante. O projeto valoriza a sustentabilidade, o uso racional dos recursos e a arquitetura como meio de acolhimento e orientação para os turistas.

Figura 42 – Fachada do Centro de Informações Turísticas.



Fonte: Archdaily, 2014.

3.2.1 PROGRAMA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

O edifício é composto por um programa funcional e compacto, pensado para atender com eficiência os visitantes da cidade e das cavernas de Postojna. A organização espacial é clara, acessível e favorece a experiência do usuário.

Programa:

- Recepção e balcão de informações: área de atendimento principal aos turistas.
- Espaço expositivo: apresenta conteúdos culturais, naturais e históricos da região.
- Sala multiuso: destinada a pequenas palestras, apresentações ou reuniões.
- Loja de souvenirs: integrada ao espaço principal, voltada para a valorização da produção local.
- Sanitários e apoio administrativo: em áreas mais reservadas.

Organização espacial:

O edifício possui planta térrea e layout linear e fluido, facilitando o deslocamento do visitante desde a entrada até os espaços de exposição e loja. A fachada envidraçada garante visibilidade para o exterior, tornando o espaço interno mais acolhedor e conectado com o entorno natural. Os materiais e a iluminação natural criam um ambiente funcional, aconchegante e convidativo.

Figura 43 – Vista Interna Centro de Informações Turísticas.



Fonte: Archdaily, 2014.

3.2.2 MATERIAIS E ESTRUTURA

O edifício apresenta uma combinação equilibrada entre materiais naturais e contemporâneos, refletindo a intenção do projeto de dialogar com a paisagem e com a identidade local.

Estrutura:

A estrutura é simples e eficiente, composta principalmente por concreto armado nas fundações e elementos de suporte, garantindo estabilidade e durabilidade. A cobertura é sustentada por uma estrutura leve, com elementos metálicos discretos ou madeira laminada, conforme as versões do projeto indicam, permitindo vãos amplos e espaços livres internos.

Materiais:

- Madeira: amplamente utilizada nos revestimentos internos e na fachada, transmite calor, acolhimento e conexão com a natureza.
- Concreto aparente: utilizado com sobriedade na base e em elementos estruturais, reforçando a estética contemporânea.
- Vidro: presente em grandes planos na fachada frontal, promove transparência, leveza e integração com o entorno.
- Revestimentos neutros e naturais: como piso de madeira clara ou materiais de fácil manutenção, contribuindo para a sustentabilidade e conforto ambiental.

Essa escolha material valoriza o contexto local, reduz o impacto visual na paisagem e proporciona um espaço funcional, acolhedor e eficiente.

Figura 44 – Vista lateral.



Fonte: Archdaily, 2014. (modificado pelo autor)

3.2.3 ANÁLISE DA PLANTA

1. Distribuição Espacial

Os ambientes são dispostos de forma sequencial, respeitando a lógica do uso:

- A entrada principal leva diretamente à área de recepção, o ponto de acolhimento e orientação.
- Próximo à recepção, encontra-se o espaço expositivo, com circulação livre e layout flexível.
- A sala multiuso e os ambientes administrativos estão posicionados em áreas mais reservadas.
- A loja de souvenirs é facilmente acessada na saída, promovendo o fluxo natural do visitante.
- Os sanitários e espaços de apoio estão estrategicamente distribuídos, de forma discreta.

2. Setorização clara

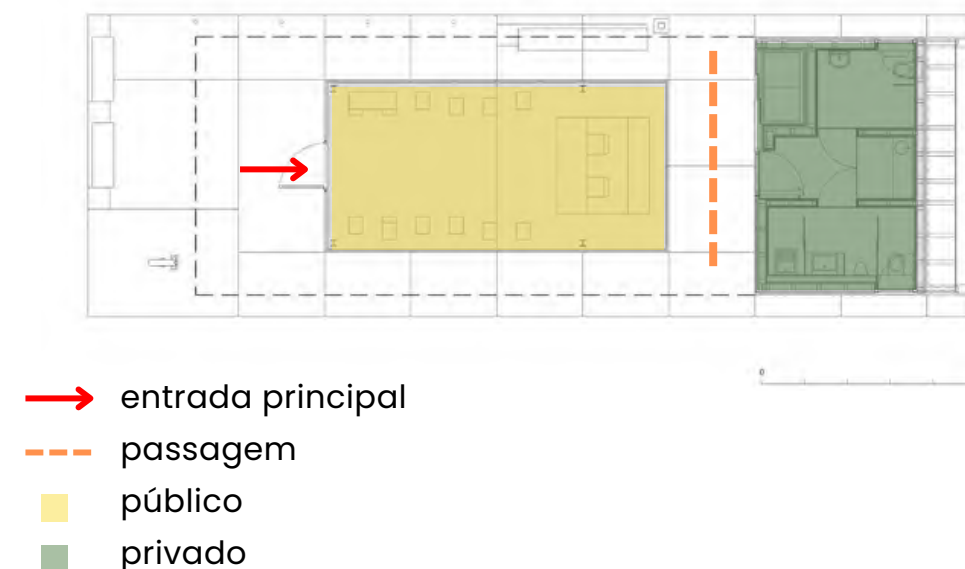
A planta evidencia uma setorização eficiente, separando as áreas públicas (atendimento, exposições, loja) das áreas de apoio e serviços (administração, sanitários). Isso garante privacidade, organização e bom funcionamento das atividades.

3. Relação com o exterior

A forma da planta e os planos de vidro na fachada permitem constante integração visual com a paisagem, valorizando o entorno natural. A planta acompanha o terreno, respeitando a topografia e a orientação solar.

4. Flexibilidade

Os espaços principais são projetados com layout adaptável, permitindo usos diversos ao longo do tempo, como exposições temporárias, eventos e atendimentos diferenciados.



3.3 COMPLEXO HOTEL PAINEIRAS – FIGUEROA ARQ + URB

Figura 45 – Vista aérea.



Fonte: Archdaily, 2016.

Objetivo:

- Área gastronômica e loja
- Relação entre o edifício e relevo
- Relação entre o edifício e natureza

Projeto: Complexo Hotel Paineiras

Arquitetura: Figuerola.arq + Urbanismo (projeto vencedor de concurso)

Localização: Rio de Janeiro, Brasil

Ano: Concurso em 2010 / Construção concluída em 2016

Área: Aproximadamente 4.500 m²

Localizado no Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, o projeto do Complexo Hotel Paineiras propõe a requalificação de uma antiga construção histórica para abrigar um novo centro de apoio ao visitante. O edifício abriga espaços como loja, restaurante, centro de visitantes, bilheteria, sanitários e áreas técnicas, funcionando como um portal de recepção para quem visita o Cristo Redentor.

A proposta busca integração com a paisagem natural, respeitando a topografia e a vegetação nativa. A materialidade leve, com uso de madeira, vidro e estruturas metálicas, promove leveza visual e mínimo impacto ambiental. A arquitetura valoriza o percurso, os mirantes e a experiência do visitante, aliando função, preservação e paisagem em um mesmo gesto arquitetônico.

Figura 46 – Fachada.



Fonte: Archdaily, 2016.

3.3.1 PROGRAMA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

1. Setorização clara de funções

O complexo articula três grandes blocos interligados:

- Estação de transferência: abrigando vans, trem do Corcovado, bilheteria, sanitários e lojas, organizada como área de embarque e desembarque
- Hotel e centro de visitantes: recuperação do edifício histórico com recepção, saguão, restaurante panorâmico, café, loja e centro de eventos/convenções
- Estacionamento segmentado: intervenções em níveis térreo e subsolo para carros, vans e taxis, de modo a evitar impactar a paisagem urbana

2. Fluxos articulados

- O desenho do projeto separa os fluxos dos veículos turísticos (vans, trem, taxis) e dos pedestres, reduzindo conflitos e melhorando a mobilidade
- O percurso do visitante começa na estação, segue sobre jardins suspensos (cobertura-circuito em topo verde que conecta caixas) até outros pontos (praça do trem, pavilhão de café etc.)
- Trilha suave em plataforma e escadas conecta a estação à praça do hotel, com vistas controladas e atravessamento do espaço de forma fluida

3. Integração com a paisagem

- A cobertura da estação serve como novo patamar paisagístico, reforçando o passeio na topografia existente, aproximando o usuário da Mata Atlântica através de pavimentação permeável e vegetação nativa.
- O percurso arquitetônico funciona como um museu a céu aberto, exibindo espécies da floresta e trechos da rocha natural.

As aberturas do hotel foram resignificadas: remoção de muros de fundo, inclusão de vazios e decks que conectam o interior à paisagem, especialmente com o mirante sobre o vale

4. Integração histórica e contemporânea

- Preserva-se claramente o edifício histórico original, ao qual são acrescentados novos volumes contemporâneos, como o centro de convenções e o mirante panorâmico, mantendo distintamente as épocas construtivas

3.3.2 INSOLAÇÃO E VENTILAÇÃO

O projeto do Complexo Hotel Paineiras valoriza os princípios de conforto ambiental passivo, aproveitando os recursos naturais do entorno para garantir iluminação natural e ventilação cruzada nos ambientes.

Insolação:

- A implantação respeita a orientação solar, com aberturas estrategicamente posicionadas para captar luz natural em áreas de permanência, como o restaurante e o centro de visitantes.
- O uso de brises, coberturas verdes e pérgulas ajuda a filtrar a incidência solar direta, reduzindo o ganho térmico e aumentando o conforto térmico dos usuários.
- A vegetação do entorno e o próprio sombreamento gerado pela topografia contribuem para proteger as fachadas da radiação excessiva, mantendo o edifício naturalmente mais fresco.

Ventilação:

- A arquitetura favorece a ventilação cruzada, especialmente nas áreas abertas como o café, os mirantes e o saguão de recepção, permitindo a renovação constante do ar.
- Os vazios, varandas e aberturas generosas auxiliam na circulação natural do ar, reduzindo a necessidade de sistemas mecânicos de climatização.
- A integração com a paisagem e a topografia permite o uso de ventilação natural também nas áreas técnicas e de apoio, promovendo sustentabilidade e eficiência energética.

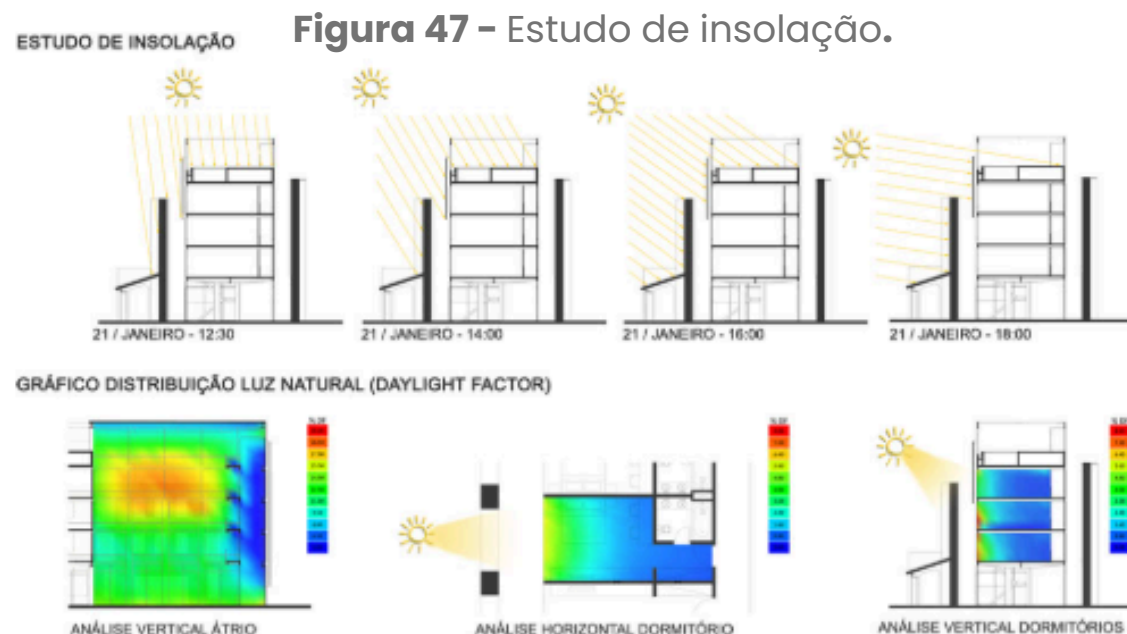
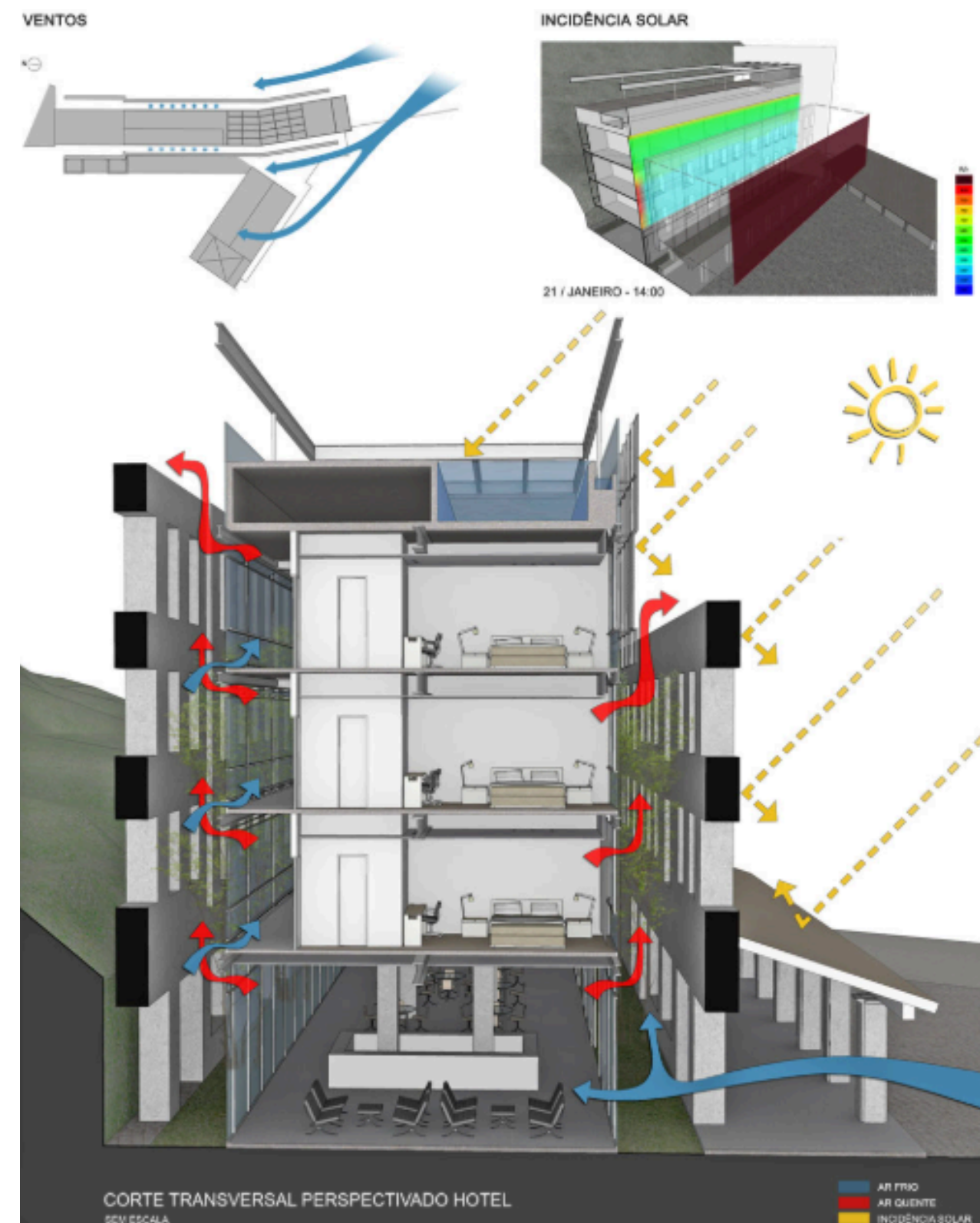


Figura 47 - Estudo de insolação.

Fonte: Archdaily, 2016.

Figura 48 - Corte esquemático.



Fonte: Archdaily, 2016.

3.3.3 MATERIAIS E ESTRUTURA

O projeto combina restauração de patrimônio histórico com soluções arquitetônicas contemporâneas, utilizando materiais que respeitam o contexto natural e a memória do lugar.

Materiais:

- O edifício histórico do antigo hotel foi preservado e restaurado, mantendo alvenaria original e elementos da construção existente.
- Nas novas intervenções, foram utilizados materiais leves e discretos, como estrutura metálica, vidro e madeira, que se integram visualmente ao ambiente natural da Mata Atlântica.
- O uso de coberturas verdes e pavimentos drenantes reforça o compromisso ambiental do projeto, além de contribuir para o conforto térmico e o manejo sustentável da água da chuva.

Estrutura:

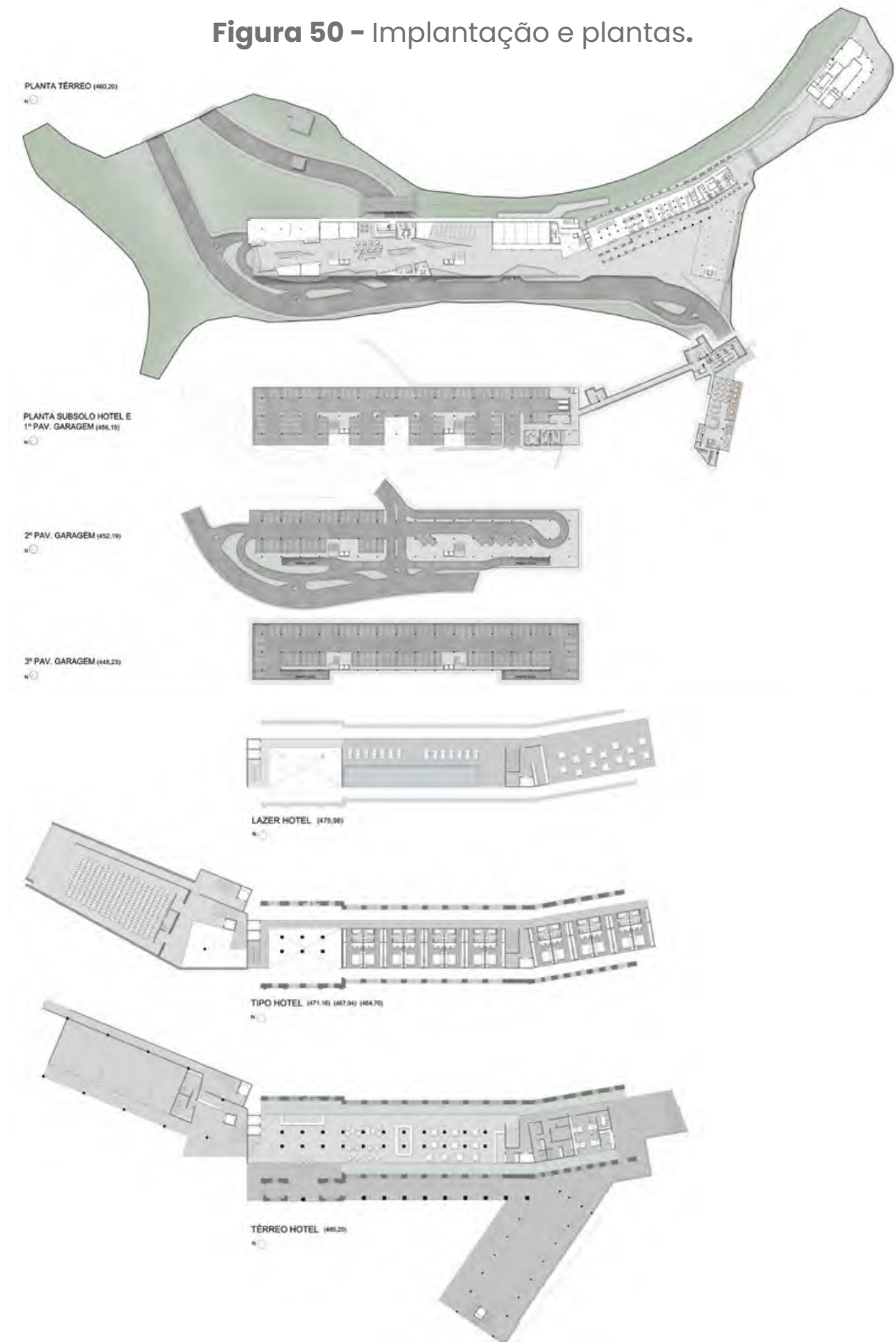
- As novas estruturas metálicas permitiram a construção de volumes contemporâneos mais leves e com maior vão livre, sem interferir na volumetria original do edifício histórico.
- As passarelas e mirantes utilizam estruturas elevadas metálicas, que tocam minimamente o solo, garantindo menor impacto na topografia e na vegetação existente.
- A escolha de sistemas construtivos modulares e secos facilitou a montagem no local com menor interferência ambiental, reduzindo o tempo de obra e a geração de resíduos.

Figura 49 – Perspectiva explodida.



Fonte: Archdaily, 2016.

Figura 50 – Implantação e plantas.



Fonte: Archdaily, 2016.

3.4 ELEVADOR PÚBLICO E PASSARELA PEDONAL – VAUMM

Figura 51 – Vista frontal.



Objetivo:

- Conectar áreas urbanas com desnível
- Promover acessibilidade universal
- Valorizar a mobilidade urbana

Projeto: Elevador Público e Passarela Pedonal

Arquitetura: VAUMM (Vaillo + Irigaray Architects)

Localização: Hernani, Espanha

Ano: 2015

Área: Aproximadamente 200 m² de passarela + torre de elevador

Fonte: Archdaily, 2015.

Localizado em Errenteria, no País Basco (Espanha), o projeto do escritório VAUMM propõe uma solução arquitetônica para conectar áreas urbanas separadas por desnível acentuado. A proposta inclui a construção de um elevador vertical e uma passarela pedonal elevada, permitindo acessibilidade universal e melhoria da mobilidade urbana.

A arquitetura do conjunto é leve, funcional e contemporânea, utilizando estrutura metálica e painéis de vidro, que garantem transparência, leveza e integração visual com o entorno urbano. O projeto também valoriza o espaço público, transformando o ponto de conexão em um novo lugar de encontro e contemplação da paisagem da cidade.

Figura 52 – Vista do Pav. Superior.



Fonte: Archdaily, 2015.

Figura 53 – Vista lateral.



Fonte: Archdaily, 2015.

3.4.1 ESTRUTURA

O projeto utiliza uma estrutura metálica leve, que possibilita grandes vãos e montagem rápida com mínima interferência no espaço urbano já consolidado. A escolha do aço como principal material estrutural garante resistência, durabilidade e leveza visual.

A passarela é composta por perfis metálicos e piso metálico perfurado, o que reduz o peso e melhora a drenagem, além de oferecer transparência e segurança ao pedestre. Já o volume vertical do elevador é revestido com painéis de vidro e policarbonato translúcido, que conferem leveza e permitem a entrada de luz natural, reduzindo a sensação de confinamento e ampliando o conforto dos usuários.

Toda a estrutura foi pensada para se adaptar ao terreno íngreme, com mínimo impacto físico e visual, além de seguir princípios de acessibilidade universal e sustentabilidade urbana.

Figura 54 – Vista lateral.



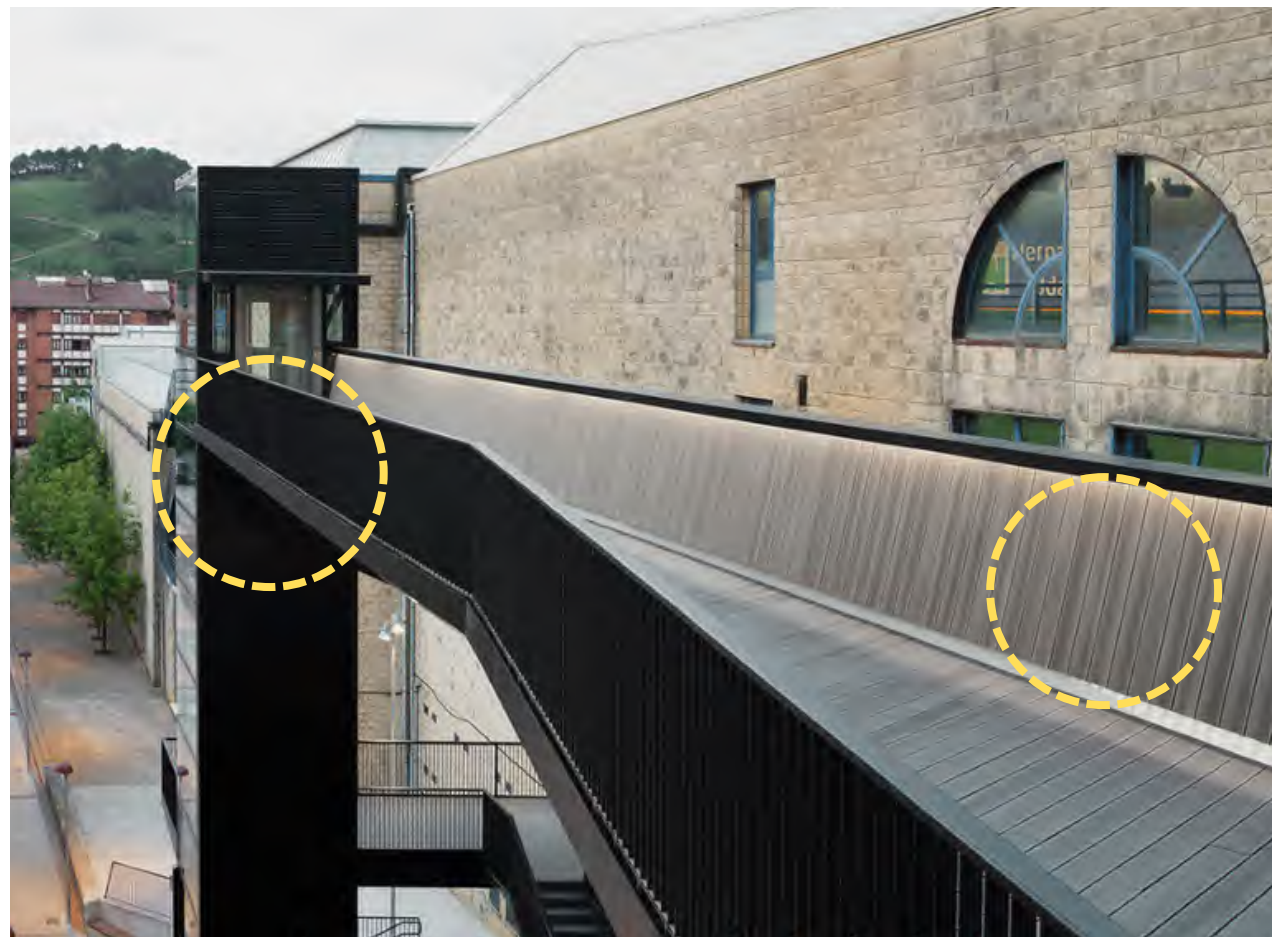
Fonte: Archdaily, 2015.

3.4.2 MATERIAIS

O mobiliário urbano inserido no projeto tem como intenção principal promover conforto, permanência e acessibilidade no espaço de transição criado entre os diferentes níveis da cidade. Mais do que elementos funcionais, os bancos, corrimãos, guarda-corpos e sinalizações fazem parte da linguagem arquitetônica do conjunto, integrando-se à estrutura metálica leve da passarela e do elevador.

Os materiais escolhidos, como metal e madeira, reforçam a durabilidade e resistência ao tempo, enquanto o design simples e contemporâneo contribui para a estética discreta e eficiente do espaço. Além disso, o mobiliário foi posicionado estrategicamente para estimular o uso do lugar como ponto de encontro, descanso e contemplação da paisagem urbana – não apenas como passagem, mas como espaço público qualificado.

Figura 55 – Vista da Passarela, Pav. Superior



Fonte: Archdaily, 2015.

Figura 56 – Vista Frontal, elevador e escadaria.



Fonte: Archdaily, 2015.

3.4.3 ANÁLISE GRÁFICA COMPLEMENTAR

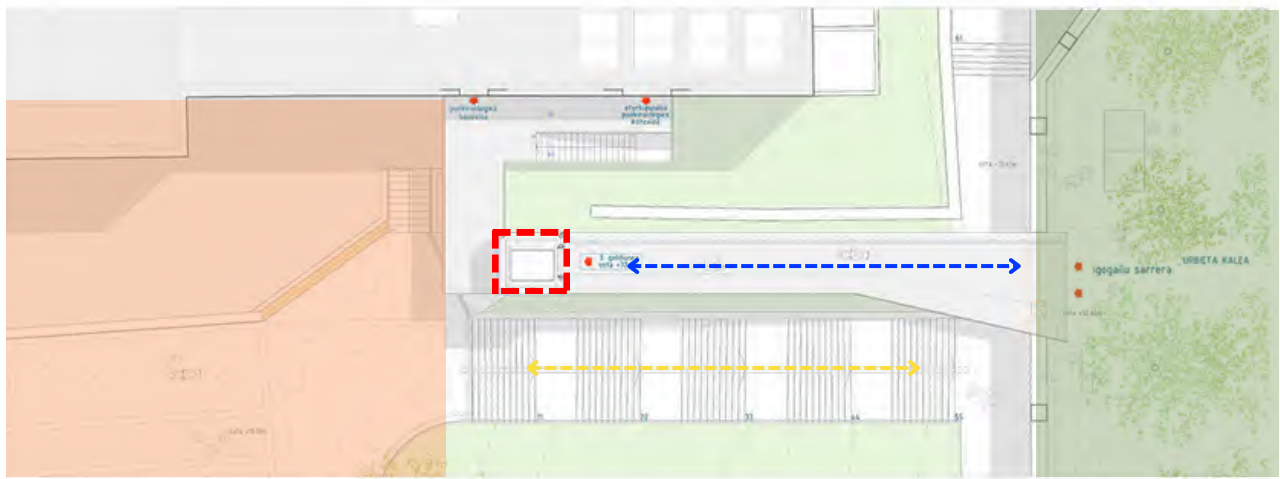
A planta baixa revela a organização funcional do projeto, destacando o acesso ao elevador e à passarela, bem como a articulação com o tecido urbano existente. A clareza do traçado evidencia a intenção de continuidade e conexão entre níveis da cidade, permitindo que o pedestre se mova com fluidez.

O corte permite visualizar a relação entre o desnível natural do terreno e a solução vertical implantada, reforçando o papel do elevador como elemento-chave de acessibilidade. É possível observar também a integração visual e física entre os diferentes planos urbanos e o leve impacto da estrutura no solo.

Já a planta de acessibilidade demonstra o compromisso do projeto com a inclusão e mobilidade universal, evidenciando rotas acessíveis, rampas com inclinação adequada, plataformas niveladas e a presença de elementos de segurança e apoio, como corrimãos e sinalização tátil, garantindo conforto e segurança para todos os usuários.

Essas representações gráficas são fundamentais para compreender a solução arquitetônica simples, eficiente e humanizada, que transforma uma área de desnível em um espaço público de convivência e integração social.

Figura 57 - planta baixa.



- > acesso escadas
- > acesso elevador
- elevador
- piso inferior
- piso superior

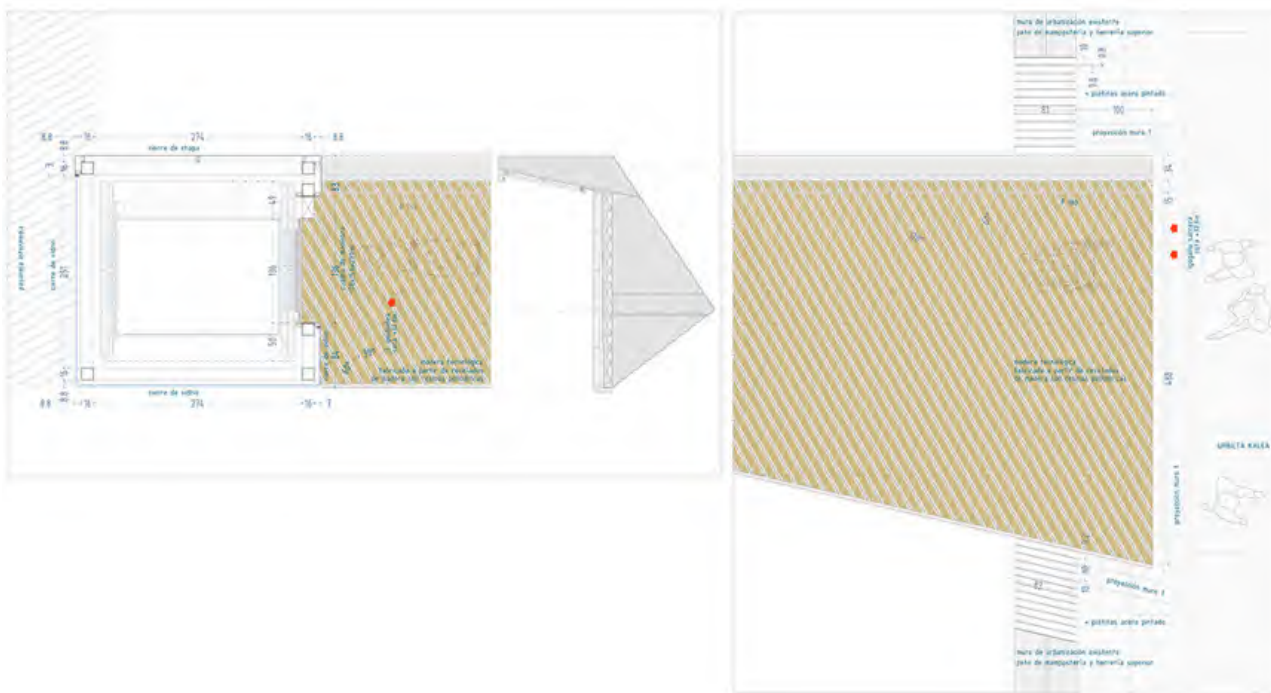
Fonte: Archdaily, 2015.

Figura 58 - vista frontal e lateral.



Fonte: Archdaily, 2015.

Figura 59 - planta acessibilidade.



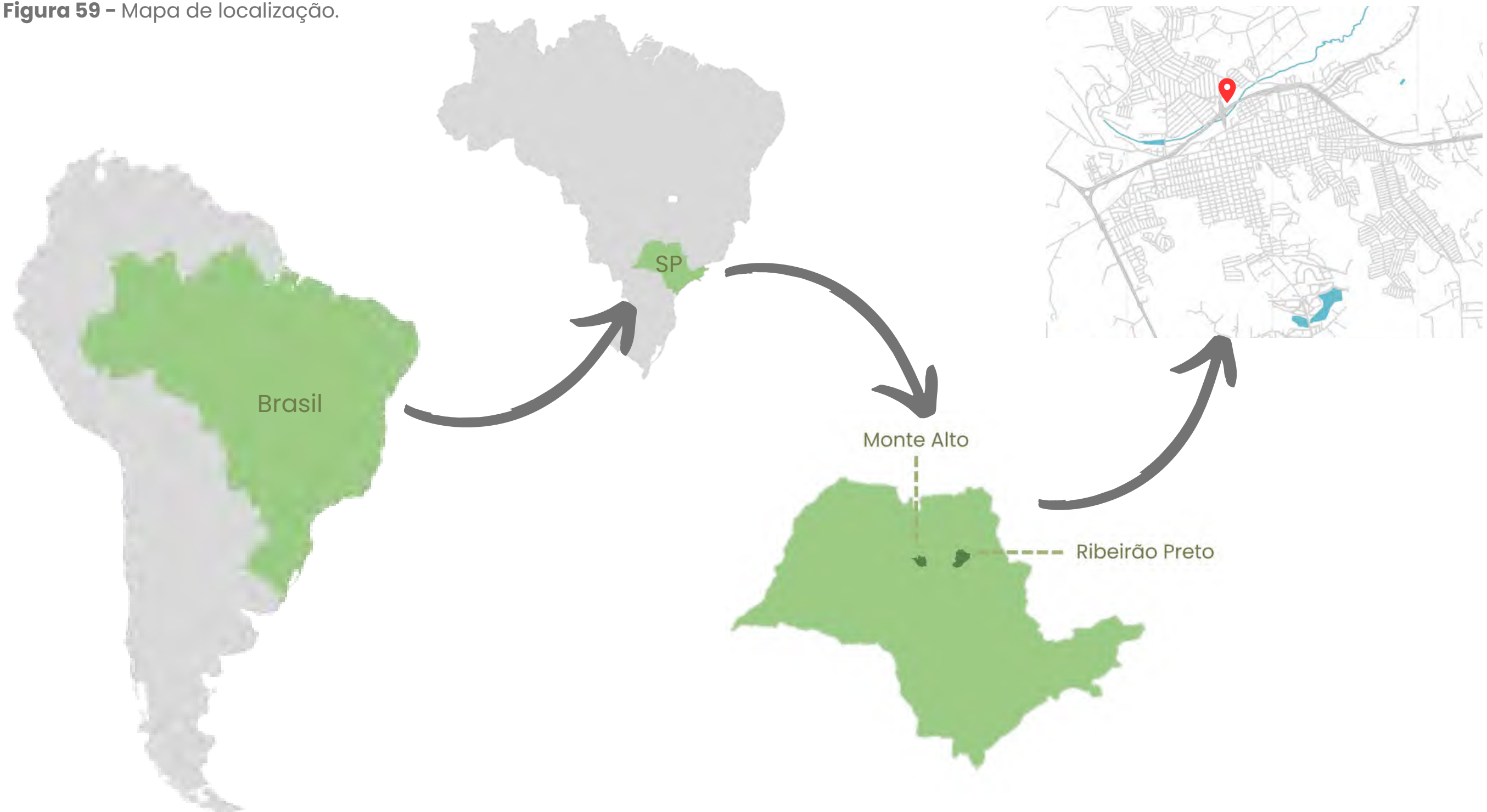
Fonte: Archdaily, 2015.

4

PROJETO

4.1 LOCALIZAÇÃO

Figura 59 – Mapa de localização.

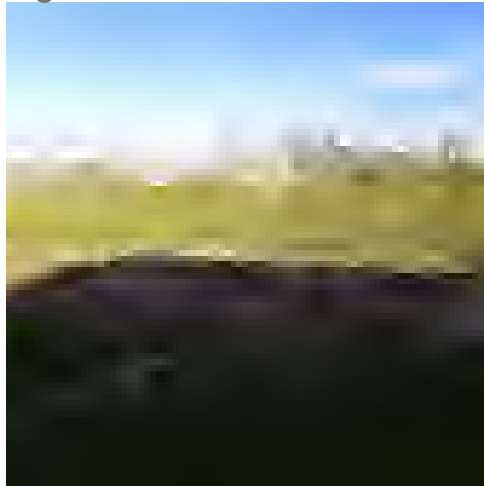


Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

A cidade de Monte Alto está localizada a aproximadamente **80 km** de Ribeirão Preto. O trajeto entre as duas cidades pode ser percorrido de carro em cerca de uma hora, dependendo das condições do trânsito e da rota escolhida.

4.2 ÁREA DE INTERVENÇÃO

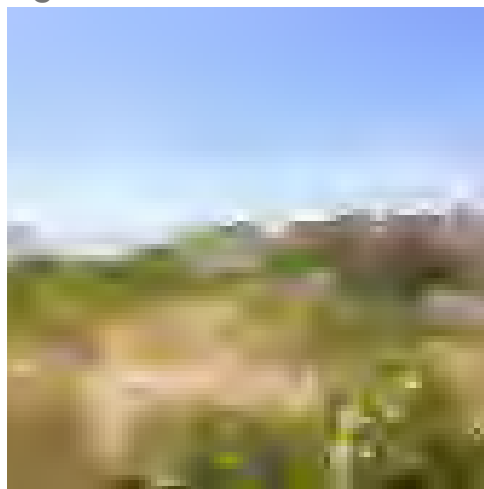
Figura 60 – Ponto de vista 1.



1

Fonte: Acervo pessoal, 2025.

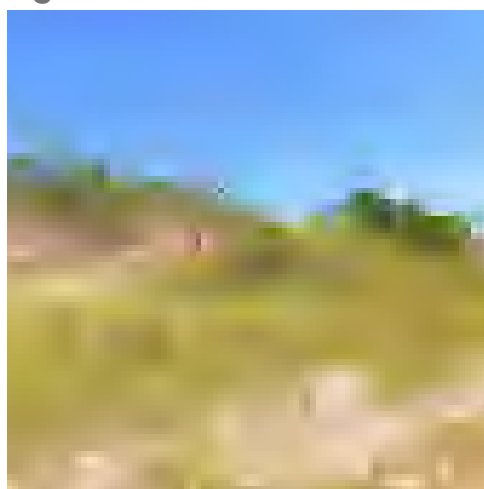
Figura 61 – Ponto de vista 2.



2

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 62 – Ponto de vista 3.



3

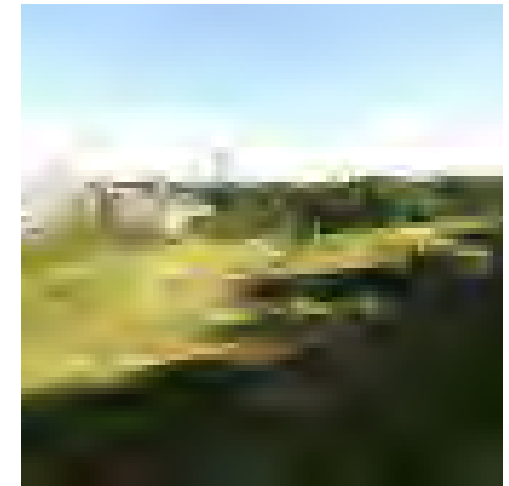
Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 63 – Área de Projeto.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 64 – Ponto de vista 4.



4

Fonte: Acervo pessoal, 2025.

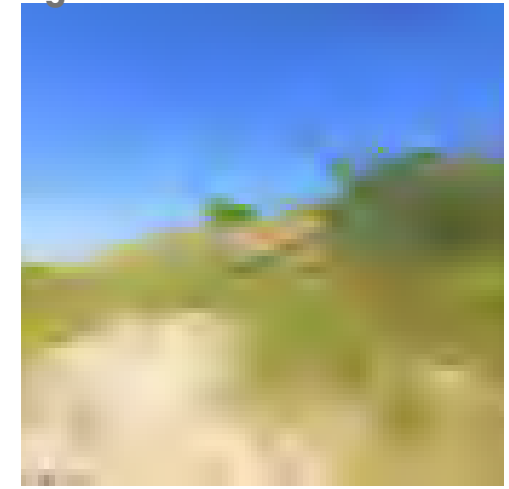
Figura 65 – Ponto de vista 5.



5

Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 66 – Ponto de vista 6.



6

Fonte: Acervo pessoal, 2025.

4.3 MAPA VIÁRIO

O terreno para o projeto está estrategicamente localizado, garantindo fácil acesso tanto para quem vem do centro da cidade quanto para os moradores dos bairros ao redor. Ele está conectado a uma rede eficiente de vias arteriais, coletoras e locais, facilitando o fluxo de veículos e pedestres e garantindo acessibilidade a diferentes públicos.

A presença dessas vias estruturadas permite uma circulação ágil e organizada, tornando o local ideal para um espaço de grande fluxo de visitantes. Além disso, a conectividade com as principais avenidas da cidade reforça sua posição privilegiada, garantindo conveniência e acessibilidade para turistas e moradores que desejam usufruir dos serviços e atividades oferecidos no local.

Figura 67 – Mapa viário.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

- LEGENDA
- ÁREA DE PROJETO
 - ÁREA VERDE
 - VIA ARTERIAL
 - VIA COLETORA
 - VIA LOCAL

4.4 MAPA DE USOS

O terreno escolhido está localizado em um bairro privilegiado, cercado por áreas verdes e uma combinação equilibrada de espaços residenciais e institucionais. Sua posição estratégica permite uma integração harmoniosa com o entorno, oferecendo proximidade a importantes equipamentos urbanos que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da cidade.

A presença de áreas residenciais garante um fluxo constante de moradores que poderão usufruir das atividades e serviços oferecidos no local, enquanto os espaços institucionais fortalecem a dinâmica do bairro, tornando-o um ponto de referência para a comunidade. Além disso, a proximidade com áreas verdes contribui para a qualidade ambiental da região, proporcionando um ambiente agradável e sustentável para visitantes e moradores.

Figura 68 – Mapa de Usos.



LEGENDA

- ÁREA DE PROJETO
- ÁREA VERDE
- COMERCIAL
- SERVIÇOS
- RESIDENCIAL
- INSTITUCIONAL
- MISTO
- INDUSTRIAL

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.



500 m

4.5 MAPA DE CHEIOS E VAZIOS

A leitura das cheias e vazios no entorno evidencia uma ocupação predominantemente residencial, caracterizada por edificações de pequeno porte e uso misto, com a presença pontual de instituições, como escolas e serviços básicos. A malha urbana apresenta uma configuração contínua, com poucas áreas livres ou não edificadas, o que reforça a densidade construtiva típica de bairros consolidados.

Arquitetonicamente, nota-se uma diversidade formal nas construções, com predominância de soluções espontâneas e adaptadas ao uso cotidiano. A ocupação é marcada por uma arquitetura funcional, muitas vezes sem unidade estilística, mas que responde às necessidades imediatas da comunidade local.

Os vazios urbanos presentes, mesmo que escassos, representam oportunidades estratégicas para qualificar os espaços públicos e promover uma maior integração entre as funções existentes. A leitura desses vazios no mapa evidencia potenciais áreas de intervenção arquitetônica, seja por meio de espaços culturais, áreas de convivência ou equipamentos urbanos que dialoguem com o contexto já estabelecido.

Figura 69 – Mapa Cheios e Vazios.



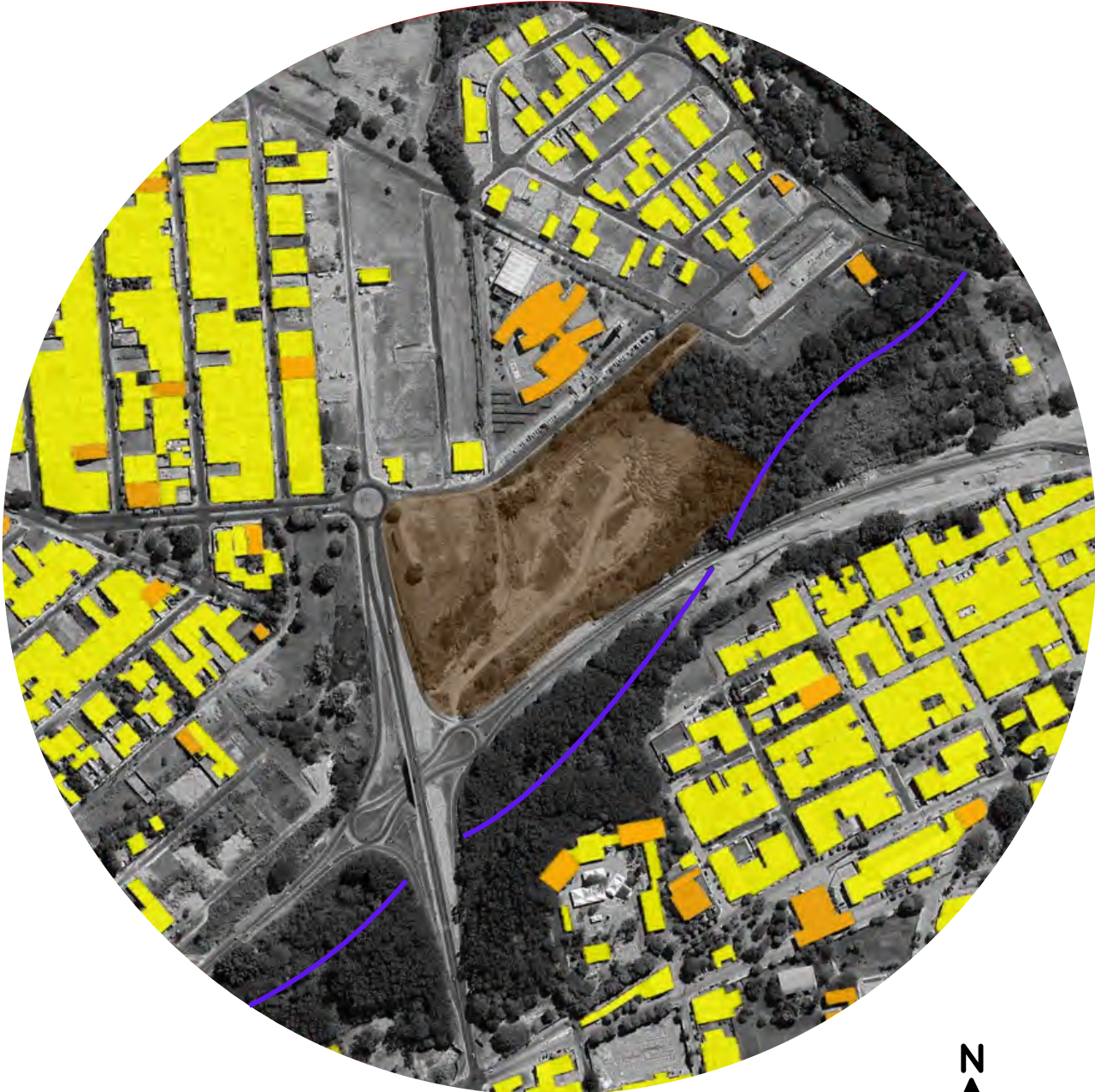
4.6 MAPA DE GABARITOS

A análise do gabarito no entorno imediato revela uma ocupação predominantemente térrea e de baixo a médio porte, coerente com o caráter residencial da região. As edificações, em sua maioria, apresentam um pavimento, com exceções pontuais de construções de dois ou três andares, geralmente associadas a instituições ou comércios locais.

Arquitetonicamente, a paisagem urbana é marcada pela horizontalidade e pela presença de lotes bem definidos, com recuos frontais variáveis e fachadas simples, refletindo uma arquitetura voltada à funcionalidade do uso habitacional. As instituições próximas, como escolas, igrejas ou unidades de saúde, tendem a ocupar terrenos maiores, com volumetrias mais destacadas, mas ainda respeitando a escala do bairro.

O gabarito predominante contribui para uma ambiência urbana de baixa densidade, que preserva a relação de proximidade entre os edifícios e o espaço público. Essa característica oferece boas condições para a implantação de novas propostas arquitetônicas que dialoguem com o entorno, respeitando sua escala e promovendo uma transição harmoniosa entre o novo e o existente.

Figura 70 – Mapa Gabaritos.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

LEGENDA

- 1 PAVIMENTO
- 2 A 3 PAVIMENTOS
- 4 OU MAIS PAVIMENTOS
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
- CURSO D'ÁGUA

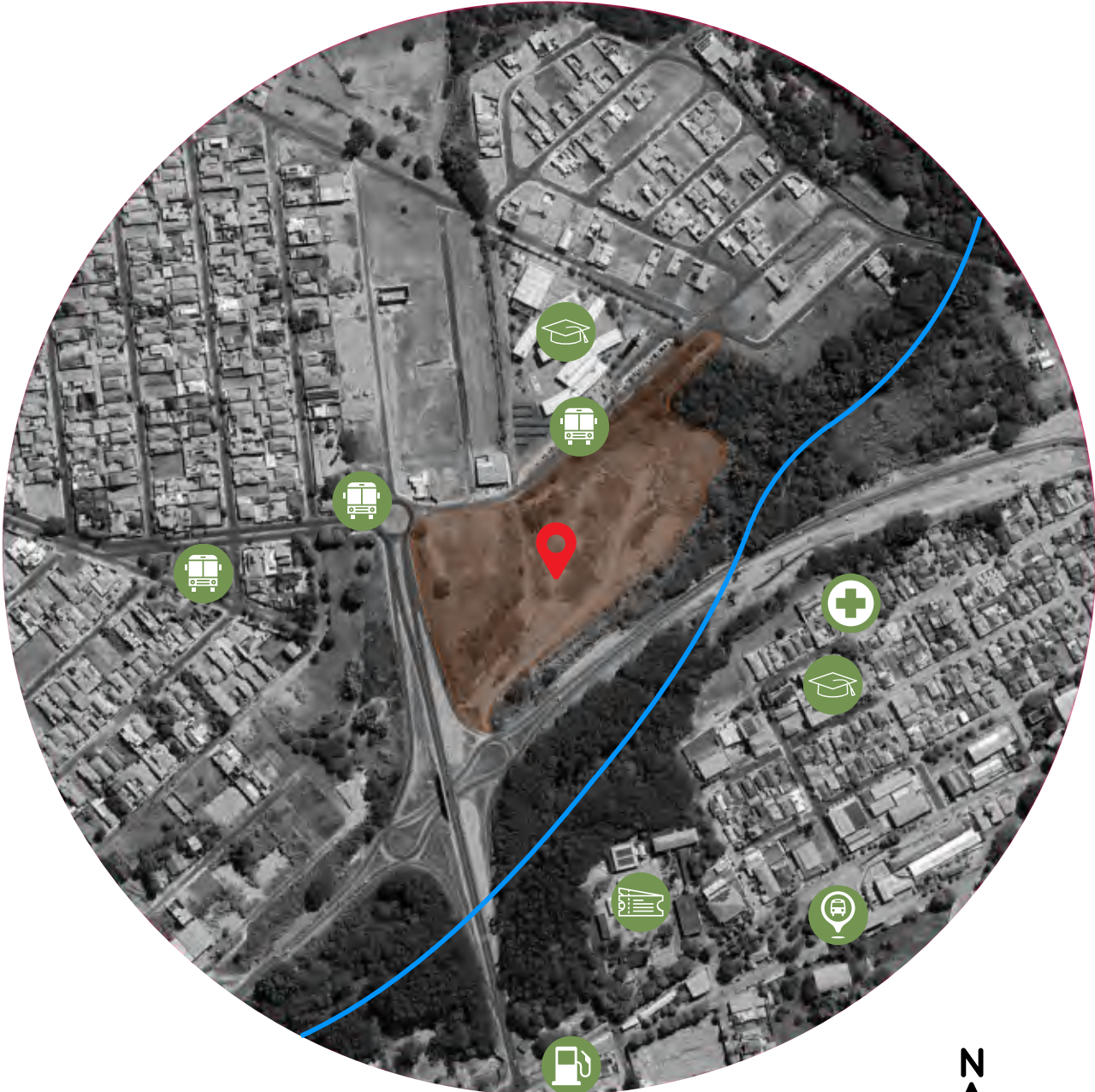
500 m

4.7 MAPA DE EQUIPAMENTOS URBANOS

Essa área onde está localizado o terreno escolhido conta com uma infraestrutura urbana bem desenvolvida, abrigando importantes equipamentos que desempenham um papel essencial na dinâmica da cidade. Dentre eles, destacam-se os espaços culturais, que promovem atividades artísticas e educativas (centro cívico), contribuindo para a valorização da identidade local e o enriquecimento sociocultural da população.

Além disso, a presença de equipamentos voltados para a área da saúde reforça a relevância do bairro, oferecendo serviços essenciais à comunidade e garantindo facilidade de acesso para moradores e visitantes. Outro ponto estratégico é a infraestrutura de transporte, que inclui a rodoviária e pontos de ônibus bem distribuídos, facilitando a locomoção tanto dentro da cidade quanto para outras regiões. Essa conexão eficiente torna o local acessível e funcional, fortalecendo ainda mais sua posição como um ponto de referência para diferentes públicos.

Figura 71 – Mapa Equipamentos urbanos.



LEGENDA

ÁREA DE PROJETO

CENTRO CÍVICO E CULTURAL

ESCOLAS

PONTO DE ÔNIBUS

RODOVIÁRIA

UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

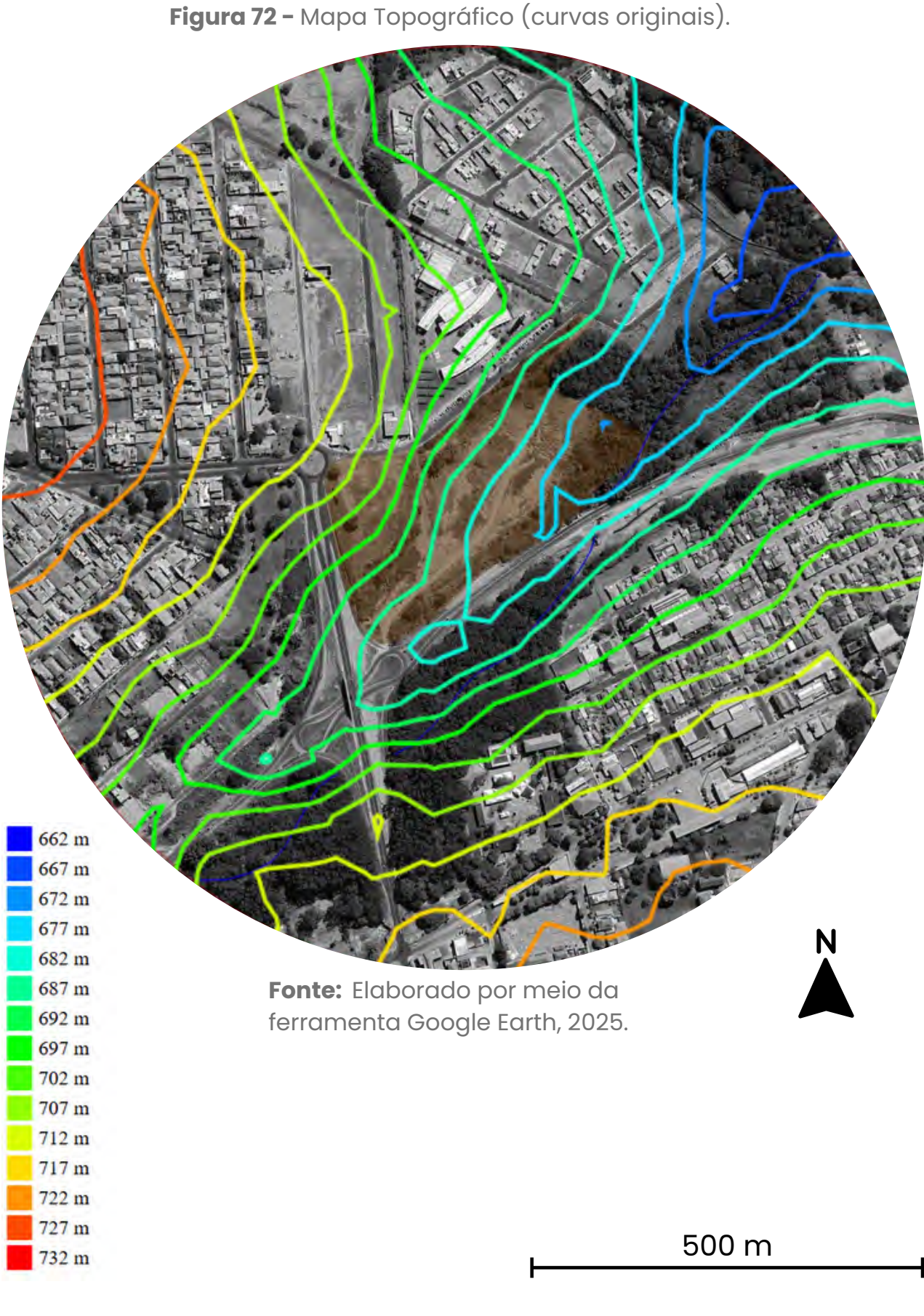
POSTO DE COMBUSTÍVEL

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

500 m

4.8 MAPA TOPOGRÁFICO

A leitura topográfica da área evidencia um relevo com variação altimétrica entre 662 m e 732 m, marcado pela presença de um fundo de vale central e elevações suaves nas extremidades. A distribuição das curvas de nível revela um escoamento natural em direção à zona mais baixa, atualmente ocupada por vegetação, o que sugere sua função como corredor de drenagem ou área de preservação. A ocupação urbana se desenvolve predominantemente sobre as cotas mais altas, em conformidade com a morfologia do terreno. Essa configuração reforça a importância da análise topográfica no processo de implantação arquitetônica, contribuindo para decisões projetuais mais adequadas ao sítio, respeitando o relevo, potencializando a drenagem natural e promovendo soluções sustentáveis de conforto térmico e eficiência energética.



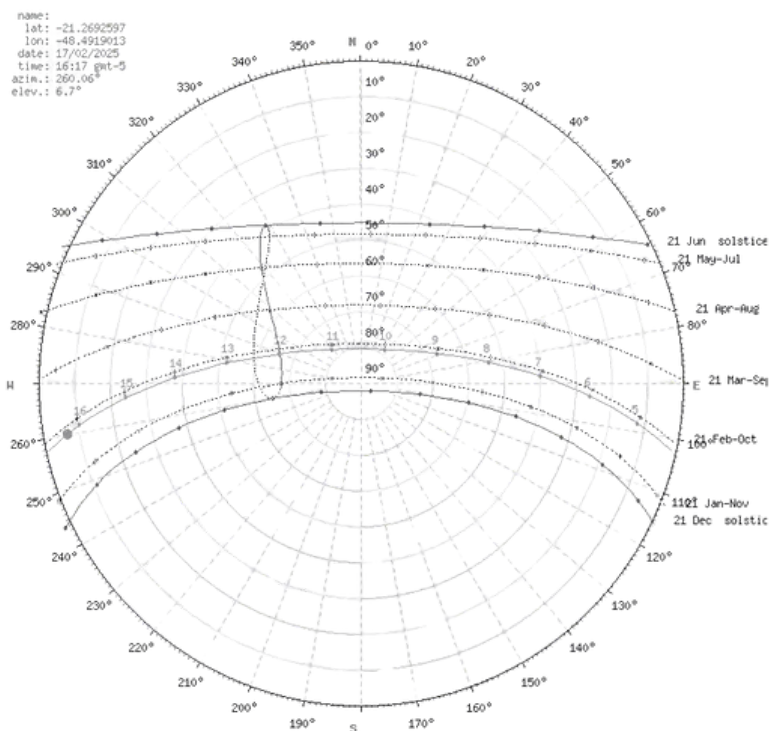
4.9 MAPA DE INSOLAÇÃO

A trajetória do sol sobre o terreno influencia diretamente no conforto térmico e na eficiência energética da futura construção. Durante o dia, o sol nasce a leste, alcança seu ponto mais alto ao norte e se põe a oeste. Essa movimentação determina quais áreas do terreno recebem maior incidência solar ao longo do dia e como isso pode ser aproveitado ou mitigado no projeto.

Para garantir ambientes confortáveis e bem iluminados, a construção será estrategicamente posicionada. As fachadas voltadas para o norte terão maior insolação ao longo do ano, sendo ideais para áreas de convivência que necessitam de iluminação natural equilibrada. Já as faces voltadas para o leste recebem o sol da manhã, proporcionando um clima mais ameno, enquanto as voltadas para o oeste são mais expostas ao sol da tarde, exigindo soluções como brises, vegetação ou elementos de sombreamento para evitar superaquecimento.

Com esse estudo da trajetória solar, o projeto poderá integrar estratégias passivas de conforto térmico, garantindo um ambiente agradável e sustentável, reduzindo a necessidade de iluminação e climatização artificial.

Figura 73 - Carta solar.



Fonte: SUN EARTH TOOLS. Solar position tool, 2025.

Figura 74 - Mapa Insolação.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

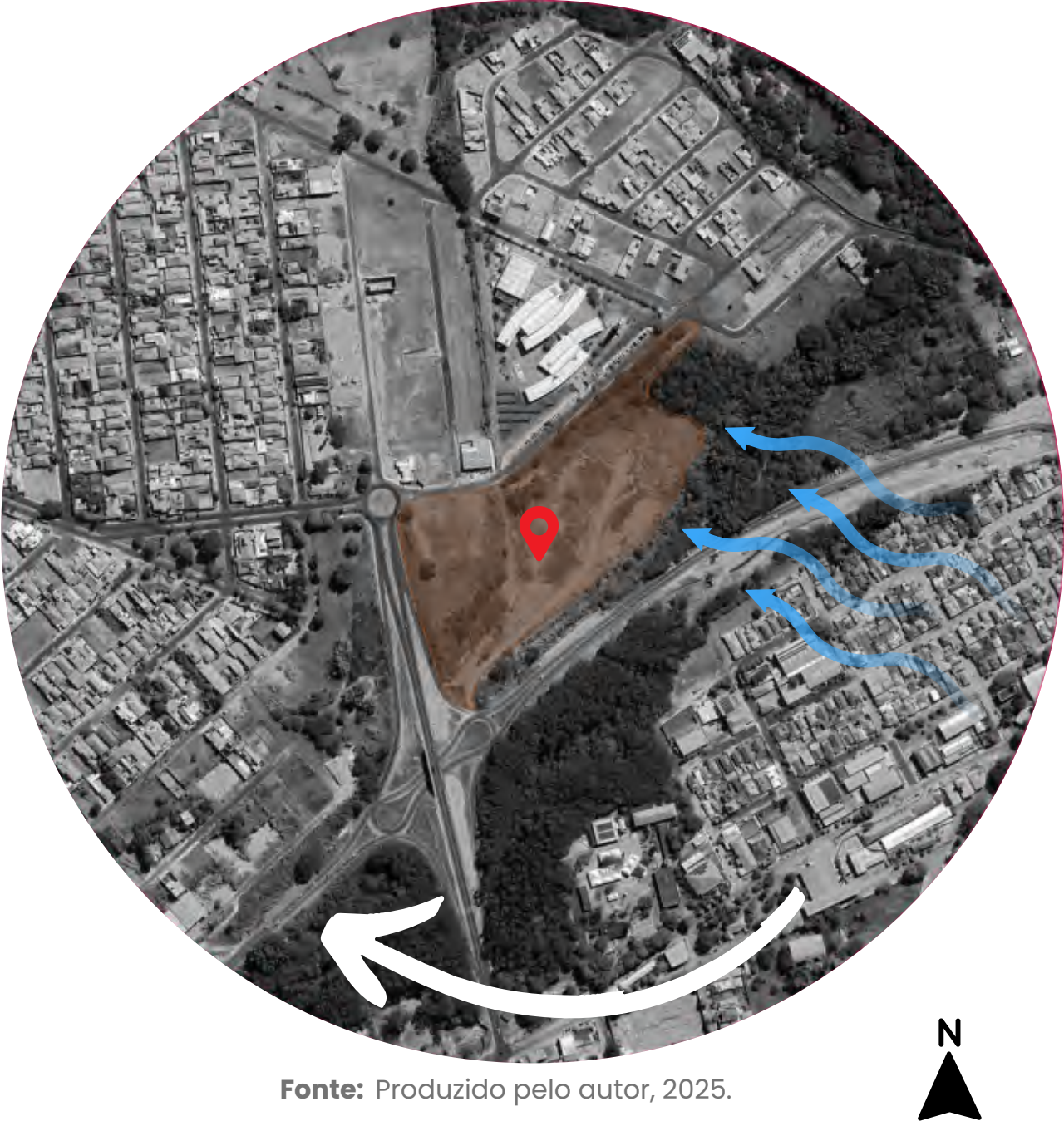
4.10 VENTOS PREDOMINANTES

A ventilação natural no terreno é influenciada tanto pela trajetória do sol quanto pelos ventos predominantes na região. Para garantir um ambiente interno confortável e reduzir a necessidade de ventilação mecânica, a construção será estrategicamente posicionada, aproveitando ao máximo as correntes de ar e minimizando o impacto de ventos indesejados.

Os ventos predominantes devem ser analisados para que as aberturas da edificação sejam orientadas de forma a favorecer a ventilação cruzada, permitindo a renovação constante do ar e evitando o acúmulo de calor nos ambientes internos. As fachadas leste e norte costumam receber brisas mais frescas pela manhã, sendo ideais para janelas amplas e aberturas que facilitem a entrada de ar. Já as fachadas oeste e sul, mais propensas a ventos quentes e intempéries, podem ser protegidas com barreiras naturais, como vegetação, ou elementos arquitetônicos, como brises e cobogós.

Com um bom planejamento da ventilação, o projeto poderá garantir maior conforto térmico, melhor qualidade do ar e eficiência energética, criando um espaço mais agradável e sustentável para seus usuários.

Figura 75 – Ventos predominantes.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.11 DADOS CLIMÁTICOS

Monte Alto, localizada no interior do estado de São Paulo, possui um clima tropical de altitude, caracterizado por verões quentes e chuvosos e invernos mais amenos e secos. A temperatura média anual gira em torno de 22°C, com máximas que podem ultrapassar 35°C no verão e mínimas abaixo dos 10°C no inverno.

A distribuição das chuvas é irregular ao longo do ano, sendo mais intensa entre outubro e março, quando a umidade relativa do ar também é mais elevada. Nos meses de abril a setembro, ocorre um período seco, com pouca precipitação e baixos índices de umidade, o que pode afetar o conforto térmico e a qualidade do ar. Além disso, os ventos predominantes sopram das direções sudeste e leste, influenciando a ventilação natural da região.

Figura 76 – Dados climáticos de Monte Alto, obtidos através do Projeteeee.



Fonte: BRASIL, 2025.

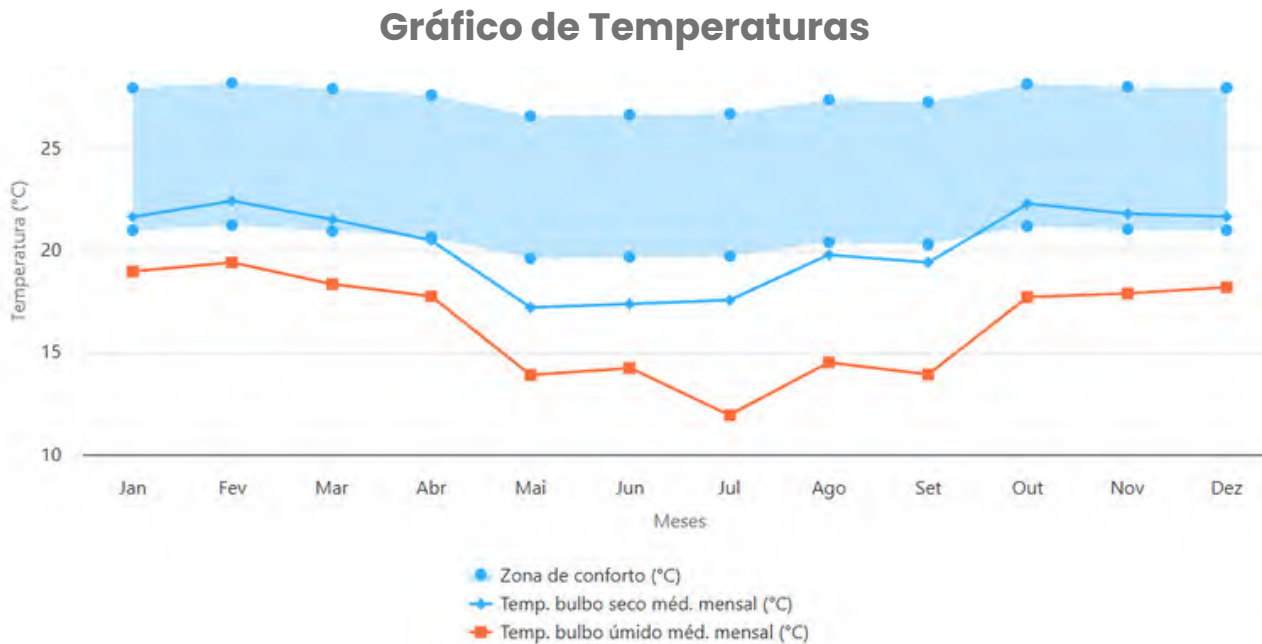
4.12 INFLUÊNCIA NO PROJETO

Essas condições climáticas exigem estratégias arquitetônicas que garantam o conforto térmico e a eficiência energética do espaço. Para minimizar o calor excessivo no verão e aproveitar a iluminação natural no inverno, a edificação deve ser orientada de forma a otimizar a incidência solar e permitir ventilação cruzada, aproveitando os ventos predominantes para resfriamento passivo dos ambientes.

Além disso, o uso de elementos como brises, cobogós e vegetação pode auxiliar na proteção das fachadas mais expostas ao sol, reduzindo a absorção térmica e melhorando a qualidade do ar interno. No período seco, materiais e soluções sustentáveis, como a captação de água da chuva e a vegetação em áreas externas, ajudam a equilibrar o microclima e manter o conforto térmico.

Com um planejamento adequado, o projeto poderá oferecer um ambiente sustentável, eficiente e adaptado ao clima de Monte Alto, garantindo bem-estar para seus usuários ao longo de todas as estações do ano.

Figura 77 – Dados climáticos de Monte Alto, obtidos através do Projeteeee.



Fonte: BRASIL, 2025.

4.13 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Tabela 2 – Programa de necessidades.

	AMBIENTE	MOBILIÁRIO	QUANTIDADE	ÁREA
ACESSO	ENTRADA/ INFORMAÇÃO	balcão, bancos, cadeira, expositor, mapa interativo, totem	1	45,89m²
	PASSARELA	-	1	235,73m²
ADMINISTRATIVO	ALMOXARIFADO	prateleiras	1	7,20m²
	ÁREA COMUM	cadeiras, mesa	1	7,67m²
	ARQUIVO	prateleiras	1	10,80m²
	COORDENAÇÃO	armário, cadeiras, computadores, mesa	1	9,61m²
	COPA	armário, bancada com pia, cadeiras, eletrodomésticos, mesa	1	14,76m²
	DIRETORIA	armário, cadeiras, computador, mesa	1	8,88m²
	FINANCEIRO	armário, cadeiras, computador, mesa	1	8,10m²
	RECEPÇÃO	armário, balcão, cadeira, puffs	1	56,84m²
	REUNIÕES	cadeiras, mesa, TV	1	10,94m²
	SECRETARIA	armário, cadeiras, mesa, computador	1	6m²
	SEGURANÇA	armário, cadeiras, mesa, computadores	1	12,40m²
	VESTIÁRIO FEM	bacias sanitárias,chuveiros, lavatórios	1	12,95m²
	VESTIÁRIO MASC.	bacias sanitárias, chuveiros, lavatórios, mictórios	1	10,86m²
	WC FEM	bacias sanitárias, lavatórios	1	3,45m²
	WC MASC.	bacias sanitárias, lavatórios	1	3,45m²
CULTURAL	CAFÉ/LOJA	armário, balcão, cadeiras, computador, expositores, freezer, mesas, prateleiras	1	70,32m²
	CORREDOR DE SAÍDA	catraca	1	10,72m²
	DEPÓSITO/RESTAURO	armários, bancada	1	12,50m²
	OFICINAS	armários, balcão, cadeiras, computadores, mesas	1	278,36m²
	RECEPÇÃO	armário, balcão, cadeiras, catraca, computadores	1	26,39m²
	SALA DE EXPOSIÇÕES	expositores	1	122,69m²
ESTACIONAMENTO	ESTACIONAMENTO 1	estacionamento acesso	1	1.176,55m²
	ESTACIONAMENTO 2	estacionamento adm	1	486,89m²

	AMBIENTE	MOBILIÁRIO	QUANTIDADE	ÁREA
GASTRONÔMICO	ESTABELECIMENTO 1	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,44m²
	ESTABELECIMENTO 2	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,50m²
	ESTABELECIMENTO 3	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,59m²
	ESTABELECIMENTO 4	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,50m²
	ESTABELECIMENTO 5	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,44m²
	ESTABELECIMENTO 6	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,44m²
	ESTABELECIMENTO 7	armários, balcão, bancada com pia, eletrodomésticos	1	13,44m²
	PÁTIO 1	balcão, banquetas, cadeiras, lixeiras, mesas	1	498,89m²
	PÁTIO 2	balcão, banquetas, cadeiras, lixeiras, mesas	1	543,66m²
GUARITA	COPA	armários, bancada com pia, eletrodomesticos	1	9m²
	SALA	armários, balcão, cadeira, computadores	1	9,27m²
	WC	bacia sanitária, lavatório	1	3m²
PAVILHÃO DOS CICLISTAS	PAVILHÃO	bancos	1	280,07m²
SANITÁRIOS ACESSO	CIRCULAÇÃO	-	1	17,81m²
	WC FEM.	bacias sanitárias, lavatórios	1	10,71m²
	WC MASC.	bacias sanitárias, lavatórios, mictórios	1	10,71m²
	WC PCD FEM.	bacia sanitária, lavatório	1	3m²
	WC PCD MASC.	bacia sanitária, lavatório	1	3m²
SANITÁRIOS GASTRONOMICO	CIRCULAÇÃO	bebedouros, lixeiras	1	26,68m²
	FRALDÁRIO	balcão, lavatório, puff	1	10,59m²
	WC FEM.	bacias sanitárias, lavatórios	1	27,13m²
	WC MASC.	bacias sanitárias, lavatórios, mictórios	1	26,78m²
	WC PCD FEM.	bacia sanitária, lavatório	1	3m²
	WC PCD MASC.	bacia sanitária, lavatório	1	3m²

4.14 ORGANOGRAMA

Hierarquia dos espaços

A centralidade do espaço gastronômico (1.136,90m²) demonstra seu papel como núcleo ativo do projeto, atuando como ponto de encontro, permanência e distribuição dos fluxos. A partir dele, irradiam-se ligações diretas para os demais setores, indicando sua forte conectividade no funcionamento diário do centro.

Setores de apoio e permanência

- O espaço cultural (520,98m²) e o pavilhão do ciclista (280,07m²) surgem como áreas complementares que oferecem experiências diversificadas ao visitante, reforçando o caráter multifuncional do projeto.
- Os sanitários (divididos entre acesso e setor gastronômico) foram distribuídos estrategicamente para garantir cobertura funcional em pontos-chave, otimizando o conforto do usuário em diferentes áreas do percurso.

Acessos bem resolvidos

O setor de acesso (281,62m²) aparece como um filtro inicial, conectando diretamente com os sanitários de entrada e o pavilhão, funcionando como ponto de recepção e orientação. A presença da guarita (21,27m²) reforça a segurança e o controle de fluxo, especialmente para o acesso de veículos.

Estacionamentos em dois pontos distintos

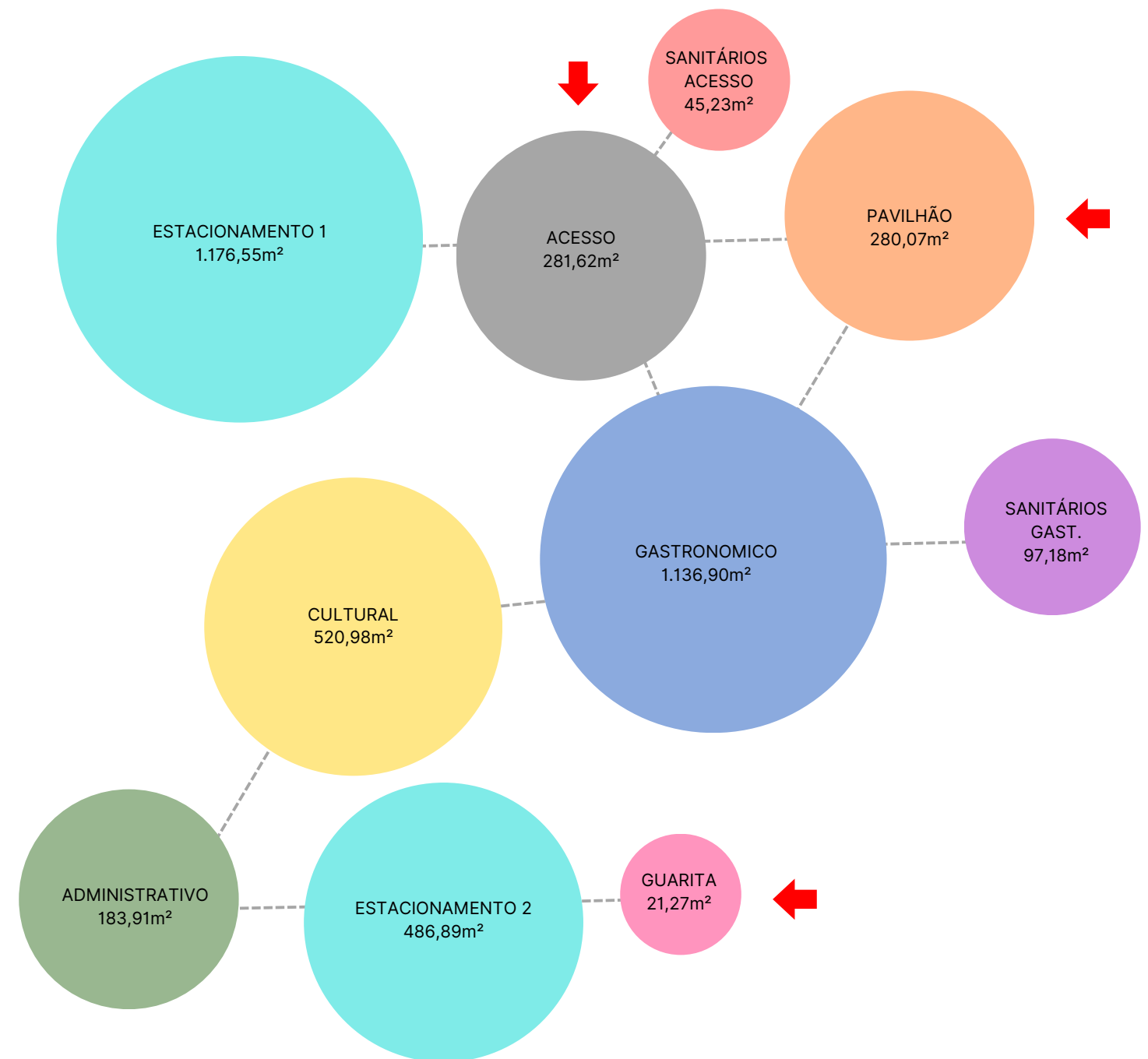
A implantação de dois estacionamentos – Estacionamento 1 (1.176,55m²) e Estacionamento 2 (486,89m²) – garante flexibilidade no uso do espaço e permite distribuir o público de forma equilibrada, atendendo aos diferentes acessos e usos.

Administração e suporte operacional

O setor administrativo (183,91m²), posicionado junto ao Estacionamento 2 e próximo aos espaços funcionais, reforça a infraestrutura de gestão e operação do centro, garantindo autonomia e suporte aos demais usos.

O objetivo do projeto é traduzir, por meio de uma organização funcional e estratégica, a inteligência espacial voltada à experiência do usuário, garantindo fluidez nos fluxos, eficiência nos usos e atendimento qualificado ao público-alvo. O conjunto foi pensado com clareza e propósito, equilibrando áreas de lazer, cultura, apoio e serviços, fortalecendo o espaço como um equipamento público completo, acessível e atrativo para moradores e visitantes.

Figura 78 – Organograma.



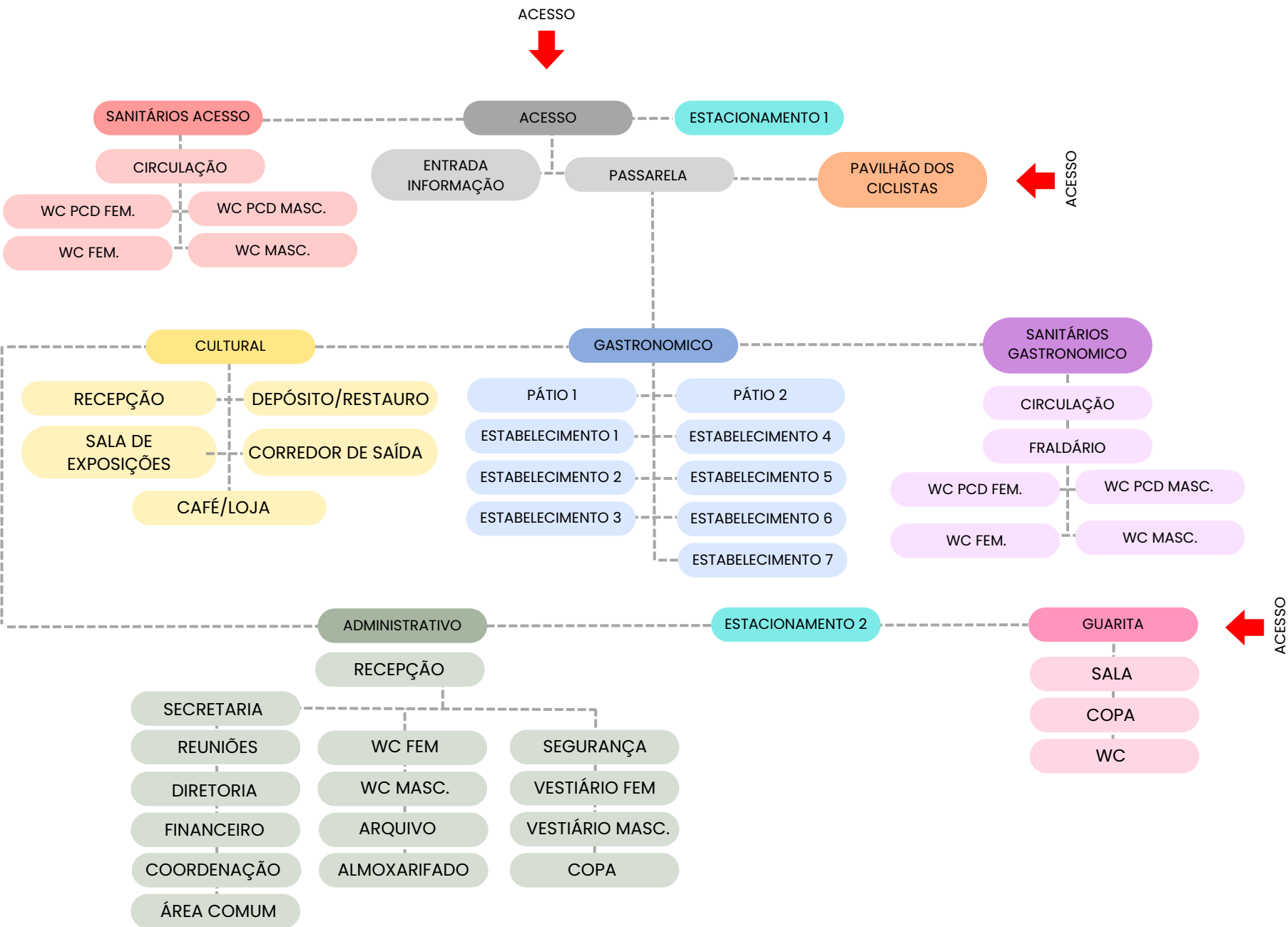
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.15 FLUXOGRAMA

O projeto foi desenvolvido com foco na clareza organizacional, funcionalidade e acessibilidade, promovendo uma experiência fluida para todos os públicos. Os espaços estão distribuídos de maneira estratégica, permitindo que os usuários transitem entre os setores com facilidade e lógica. As áreas de apoio, como sanitários e estacionamentos, foram posicionadas de forma a garantir praticidade, enquanto os setores culturais, gastronômicos e administrativos mantêm independência funcional, mas com boa articulação entre si.

Essa estrutura valoriza a eficiência no atendimento, facilita a orientação dos visitantes e reforça a integração entre os diferentes usos do complexo. A proposta também se destaca por contemplar a inclusão, com sanitários acessíveis e ambientes planejados para atender com equidade, além de áreas específicas para serviços e apoio ao funcionamento geral do espaço. Com isso, o projeto se consolida como um equipamento urbano completo, funcional e preparado para receber um público diversificado com conforto e organização.

Figura 79 – Fluxograma.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.16 PLANO DE MASSAS

4.16.1 DESENVOLVIMENTO 1

Nesta primeira imagem de desenvolvimento do projeto, observamos a definição inicial dos eixos de força e caminhos principais, que estruturam a implantação dos usos no terreno. A proposta apresenta uma leitura clara das dinâmicas de circulação e da distribuição funcional, articulando o espaço de forma fluida e coerente com a topografia local.

Os eixos de circulação estão representados por linhas tracejadas: em vermelho, o eixo de acesso principal, que percorre longitudinalmente o terreno e conecta todas as áreas; e em azul, o eixo de circulação interna, que interliga os espaços de uso, promovendo uma caminhada agradável e integrada.

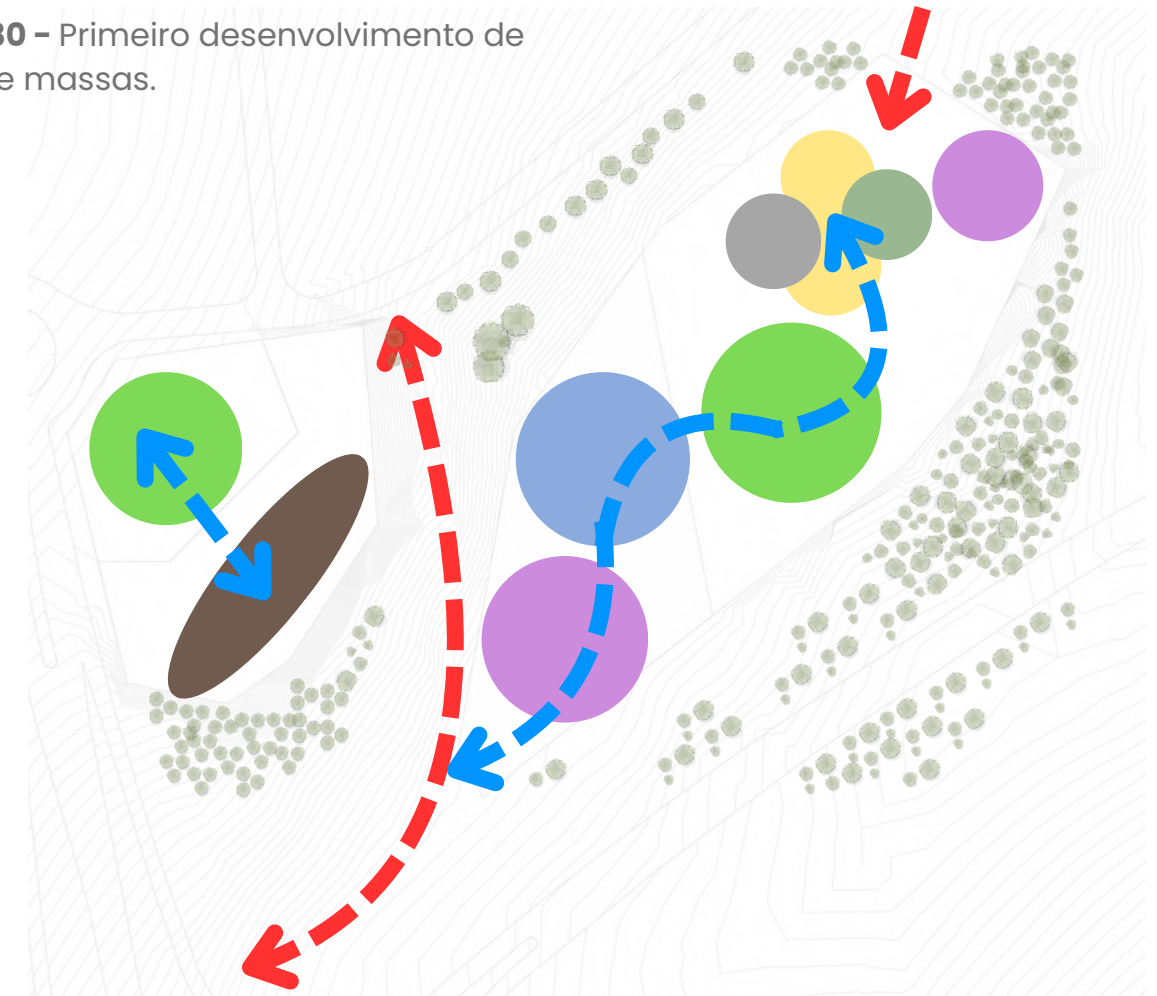
A arquitetura do espaço foi pensada para valorizar a paisagem natural e criar percursos intuitivos que conectam as diferentes atividades propostas. A implantação respeita os níveis do terreno, aproveitando os platôs naturais para alocar as funções. O conjunto de usos foi distribuído em volumes circulares e orgânicos, que dialogam com o entorno e geram uma linguagem leve e acolhedora.

Nesta etapa, destacam-se:

- A criação de pontos de ancoragem funcional, como o espaço gastronômico e o apoio ao turista, que estruturam a dinâmica de uso diário.
- A organização dos espaços em sequência funcional, que guia o visitante desde o estacionamento até os espaços de convivência, contemplação, cultura e serviços.
- O deck de contemplação, estrategicamente posicionado para proporcionar vistas privilegiadas, reforçando a conexão com a paisagem.

Este primeiro estudo é essencial para garantir uma base sólida de organização espacial, que será refinada nas próximas etapas, buscando uma arquitetura sensível ao lugar e funcional para o visitante.

Figura 80 – Primeiro desenvolvimento de plano de massas.



LEGENDA

- área de convivência
- deck de contemplação
- área de estacionamento
- espaço gastronômico
- apoio ao turista e informações
- espaço cultural
- área administrativa
- circulação
- acessos

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.16.2 DESENVOLVIMENTO 2

Nesta segunda imagem de desenvolvimento do projeto, já é possível observar uma evolução significativa em relação à proposta inicial. Os eixos de força e circulação continuam sendo os elementos estruturadores da implantação, porém com ajustes que refinam a fluidez do percurso e a disposição dos espaços.

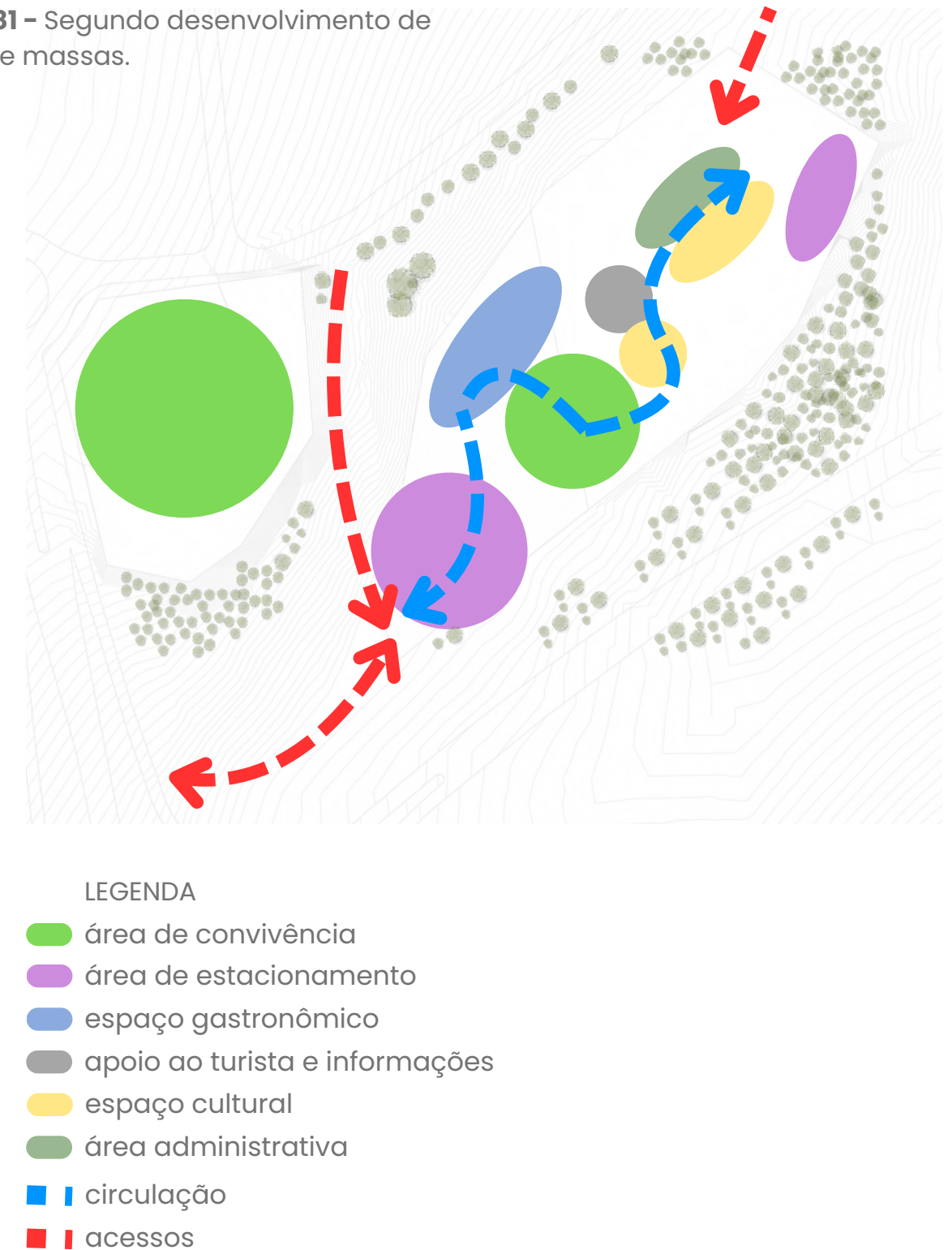
Principais mudanças em relação à primeira imagem:

- Reposicionamento e ampliação da área de convivência: A área verde (convivência) foi realocada para um setor mais afastado, em uma porção maior do terreno, conferindo protagonismo ao uso coletivo e oferecendo maior liberdade para atividades diversas em um ambiente mais calmo e contemplativo.
- Reorganização dos volumes funcionais: As formas antes circulares foram levemente alongadas e ajustadas para se adequarem melhor ao terreno e entre si. Isso gera uma implantação mais orgânica e harmônica, com melhor aproveitamento das cotas topográficas e dos fluxos naturais.
- Integração mais clara entre os espaços: A sequência funcional está mais coesa. Os volumes seguem um ritmo lógico que favorece a experiência do visitante, que percorre um caminho contínuo desde o estacionamento até os espaços administrativos e culturais, passando pelo gastronômico e de informações turísticas.
- Refinamento dos eixos de circulação: O traçado da circulação interna (azul tracejado) foi suavizado, reforçando o caráter fluido da caminhada e promovendo uma melhor conexão entre os blocos. O eixo de acesso (vermelho) permanece como espinha dorsal do projeto, mas agora se encaixa melhor no conjunto geral, com um entroncamento mais direto com a área de estacionamento.

Arquitetura e desenvolvimento espacial:

Este estágio representa uma transição entre a proposta conceitual e o início da definição de áreas programáticas. A arquitetura começa a se manifestar de maneira mais clara, buscando equilíbrio entre funcionalidade, integração com o terreno e qualidade espacial. A leitura do local permanece respeitosa, e o partido adotado reforça a ideia de um percurso experiencial e contínuo, onde cada espaço contribui para enriquecer a vivência do visitante.

Figura 81 – Segundo desenvolvimento de plano de massas.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.16.3 DESENVOLVIMENTO 3

Nesta terceira imagem, o projeto atinge um estágio mais consolidado, com intervenções que aprofundam a proposta anterior e reforçam os eixos estruturais e os fluxos de circulação. A linguagem dos espaços ganha mais clareza e funcionalidade, preparando o terreno para os últimos ajustes rumo à proposta final.

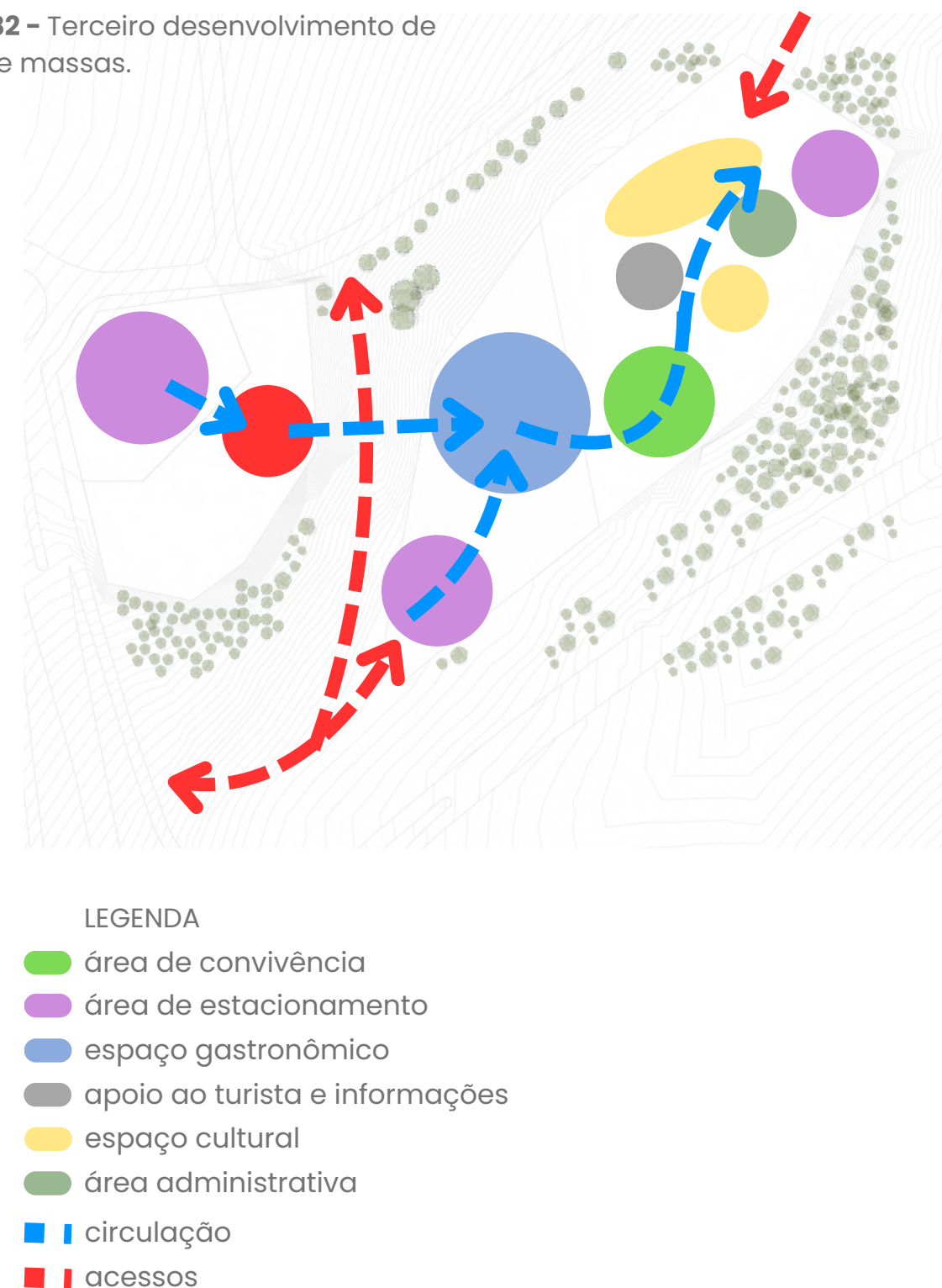
Principais mudanças em relação à segunda imagem:

- Criação de um novo eixo transversal (circulação azul horizontal): Um dos elementos mais significativos desta etapa é a inclusão de um eixo de circulação transversal, conectando diretamente a área de estacionamento (lilás) ao espaço gastronômico (azul) e às áreas de apoio e convivência. Esse caminho fortalece a fluidez entre os setores e cria novos pontos de encontro e acesso, tornando a circulação mais dinâmica e eficiente.
- Inclusão do “acesso à passarela” (vermelho escuro): Surge um novo ponto de transição importante, que conecta a área de estacionamento à outra margem por meio de uma passarela. Essa intervenção sugere um elemento arquitetônico marcante, provavelmente elevado, que articula áreas separadas pela topografia ou vegetação, enriquecendo a experiência do visitante e ampliando a acessibilidade.
- Reposicionamento e ajustes nas áreas funcionais: Nota-se uma sutil reorganização dos volumes, com o espaço gastronômico reposicionado levemente, assim como os apoios e área administrativa. Esse ajuste melhora o equilíbrio espacial entre os blocos, evitando aglomerações e sobreposição de usos.
- Reforço nos eixos de acesso principal: O eixo vermelho pontilhado de acesso se mantém como a espinha dorsal da proposta, mas agora está mais articulado com os novos caminhos e acessos secundários, como o da passarela.

A proposta caminha para um resultado mais completo e acessível, em que a arquitetura da circulação se torna protagonista, conectando os espaços com leveza e estratégia. Os caminhos são pensados como experiências espaciais contínuas, guiando o visitante por usos variados sem rupturas. A relação com o terreno continua sendo respeitosa, e a implantação segue o relevo, evitando grandes cortes ou movimentações de terra.

Essa terceira fase demonstra maturidade no desenvolvimento do projeto, equilibrando função, forma e mobilidade.

Figura 82 – Terceiro desenvolvimento de plano de massas.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.16.4 DESENVOLVIMENTO FINAL

Na imagem final do desenvolvimento do projeto, podemos observar a consolidação de todas as intenções e diretrizes espaciais amadurecidas ao longo das etapas anteriores. O resultado revela um espaço claramente estruturado, funcional e acessível, com foco no bem-estar do visitante e na valorização da experiência turística e cultural.

Evolução e pontos positivos em relação às fases anteriores:

EIXOS DE FORÇA E CIRCULAÇÃO MAIS DEFINIDOS

A circulação (eixo azul) tornou-se fluida e estratégica, articulando de forma clara os espaços centrais de uso com acessos bem posicionados. O traçado conecta diretamente os principais setores do projeto – como a área de convivência, estacionamento, espaço gastronômico e áreas culturais – promovendo uma navegação intuitiva e confortável para o visitante.

ACESSOS MAIS FUNCIONAIS E INTEGRADOS

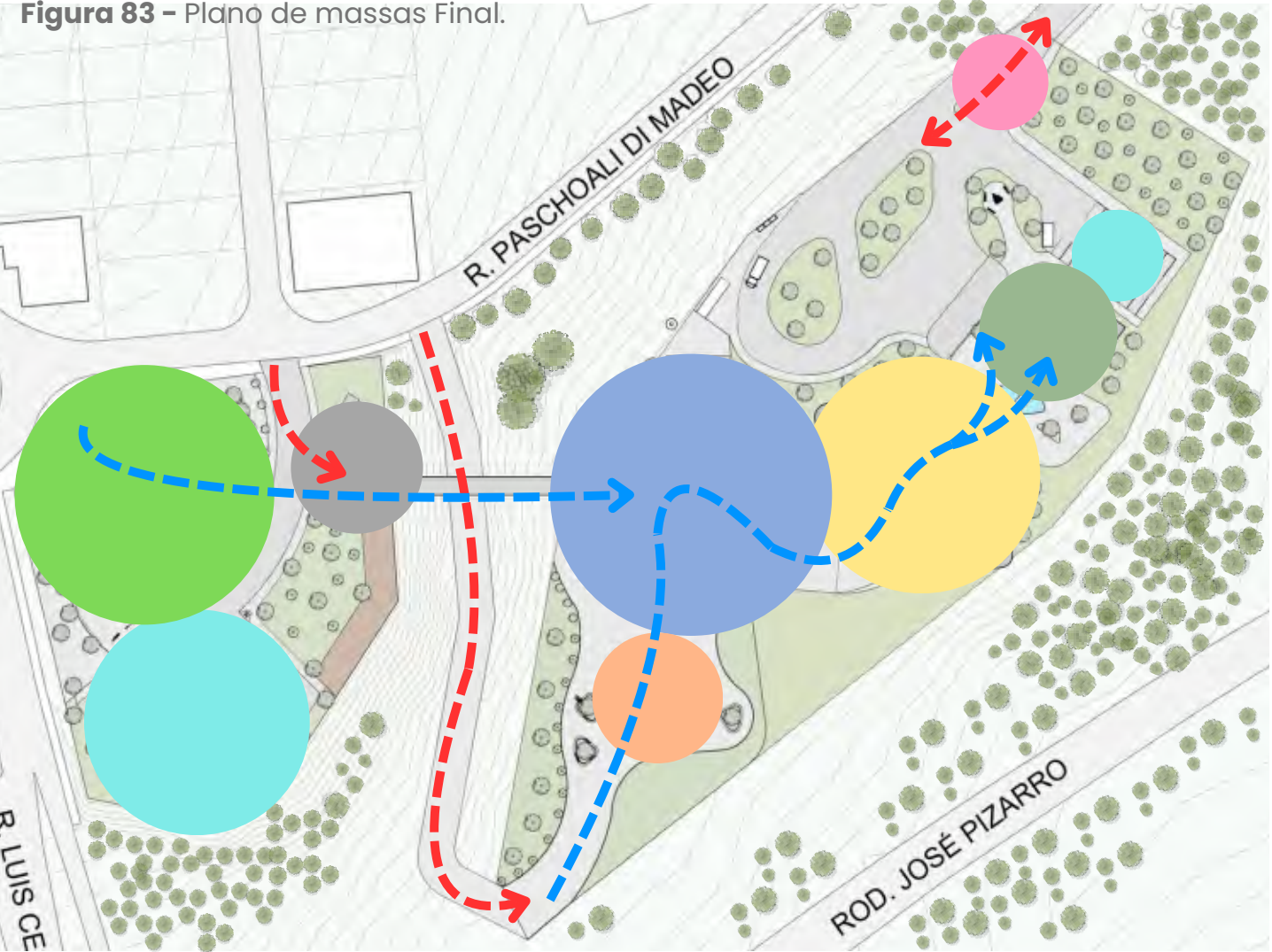
O eixo de acesso (vermelho) foi aprimorado, considerando dois pontos principais de entrada, que conectam diferentes frentes urbanas (Rua Paschoali Di Madeo e Rua Luiz C.) e atendem públicos distintos, incluindo veículos, pedestres e ciclistas. A área de acesso à passarela e sanitários ganhou destaque funcional, tornando-se um ponto de apoio essencial no percurso, ao lado da área de informações.

DISTRIBUIÇÃO EQUILIBRADA DOS ESPAÇOS

Cada função foi alocada com base na lógica do fluxo de uso e no respeito à topografia. A setorização permite uma leitura clara dos espaços:

- O espaço gastronômico (azul escuro) aparece como ponto central e de permanência;
- A área de convivência e o espaço cultural estão estrategicamente localizados para proporcionar descanso e experiências culturais ao longo do percurso;
- O pavilhão do ciclista (laranja) reforça o incentivo à mobilidade ativa e atende a um público específico de forma eficiente.

Figura 83 – Plano de massas Final.



LEGENDA

- área de convivência
- acesso (sanitários/área de informações/passarela)
- área de estacionamento
- espaço gastronômico
- pavilhão do ciclista
- área cultural
- área administrativa
- circulação
- acessos

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM E CONFORTO DO USUÁRIO

A implantação final respeita os contornos do terreno, aproveitando os platôs naturais e vegetação existente. Os caminhos evitam trechos de declive acentuado, garantindo acessibilidade universal e conforto na circulação.

PROJETO PENSADO PARA O PÚBLICO-ALVO

O conjunto está claramente voltado para o turismo local, cultura e lazer, oferecendo pontos de parada, áreas de apoio, espaços de contemplação e convivência – elementos fundamentais para atrair e reter visitantes. A clareza do percurso, a diversidade de usos e a estrutura de apoio tornam o espaço convidativo para todos os perfis de público: famílias, ciclistas, turistas e moradores.

CONCLUSÃO

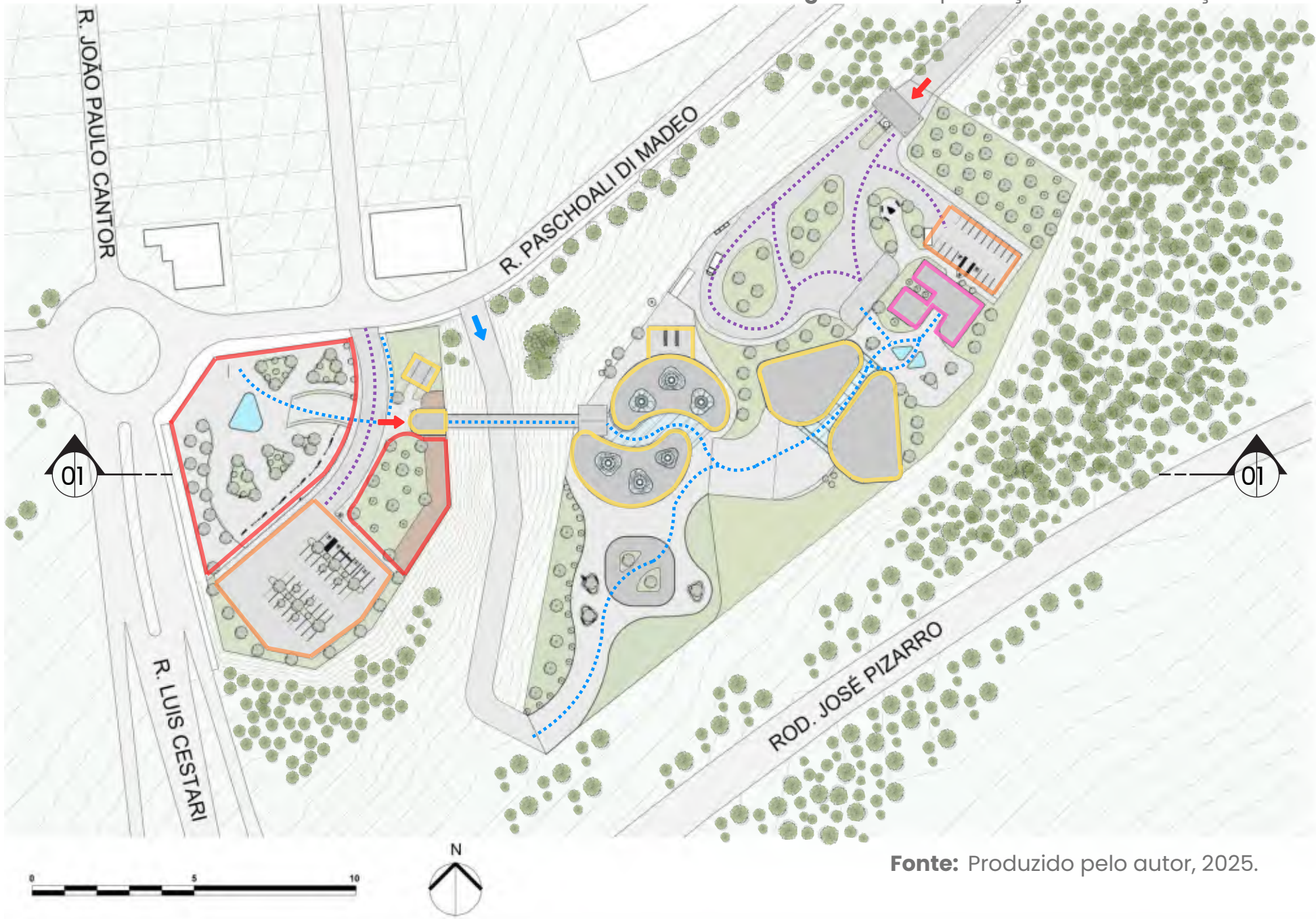
Do primeiro estudo conceitual à proposta final, o projeto evoluiu significativamente em termos de organização espacial, acessibilidade e funcionalidade. Os eixos de circulação e os acessos passaram de um esboço abstrato para uma malha coerente e estratégica, enquanto os volumes ganharam posicionamento e proporção equilibrados, criando um espaço arquitetonicamente atrativo e funcional.

A proposta final demonstra um entendimento profundo do lugar, das necessidades do usuário e do papel que o espaço deve cumprir: ser um ponto de referência cultural e turístico para a cidade.

4.17 IMPLANTAÇÃO E SETORIZAÇÃO

Figura 84 - Implantação com setorização.

- LEGENDA
- espaço público aberto
 - espaço público fechado
 - área de estacionamento
 - espaço privativo
 - acesso
 - acesso de pedestres
 - circulação de pedestre
 - circulação de veículos



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

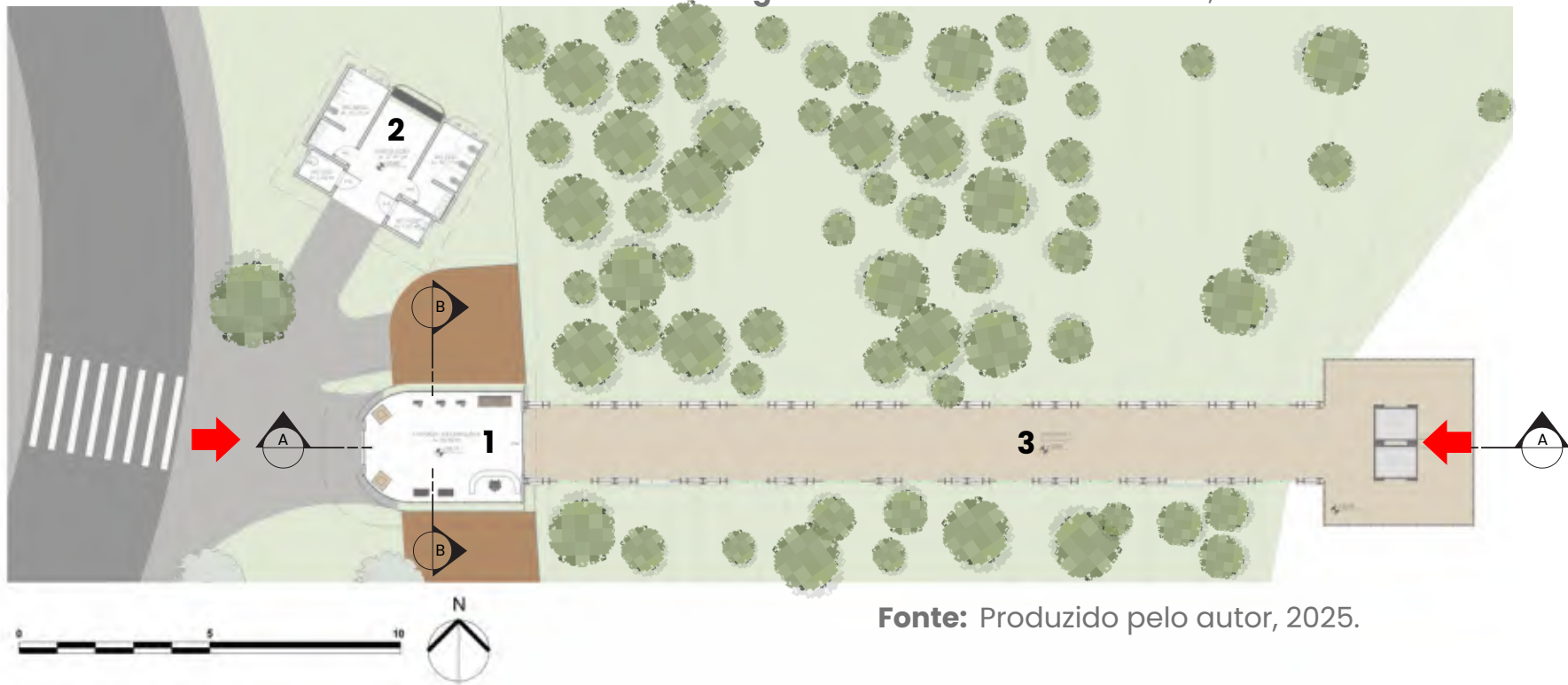
Figura 85 - Corte esquemático do terreno.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

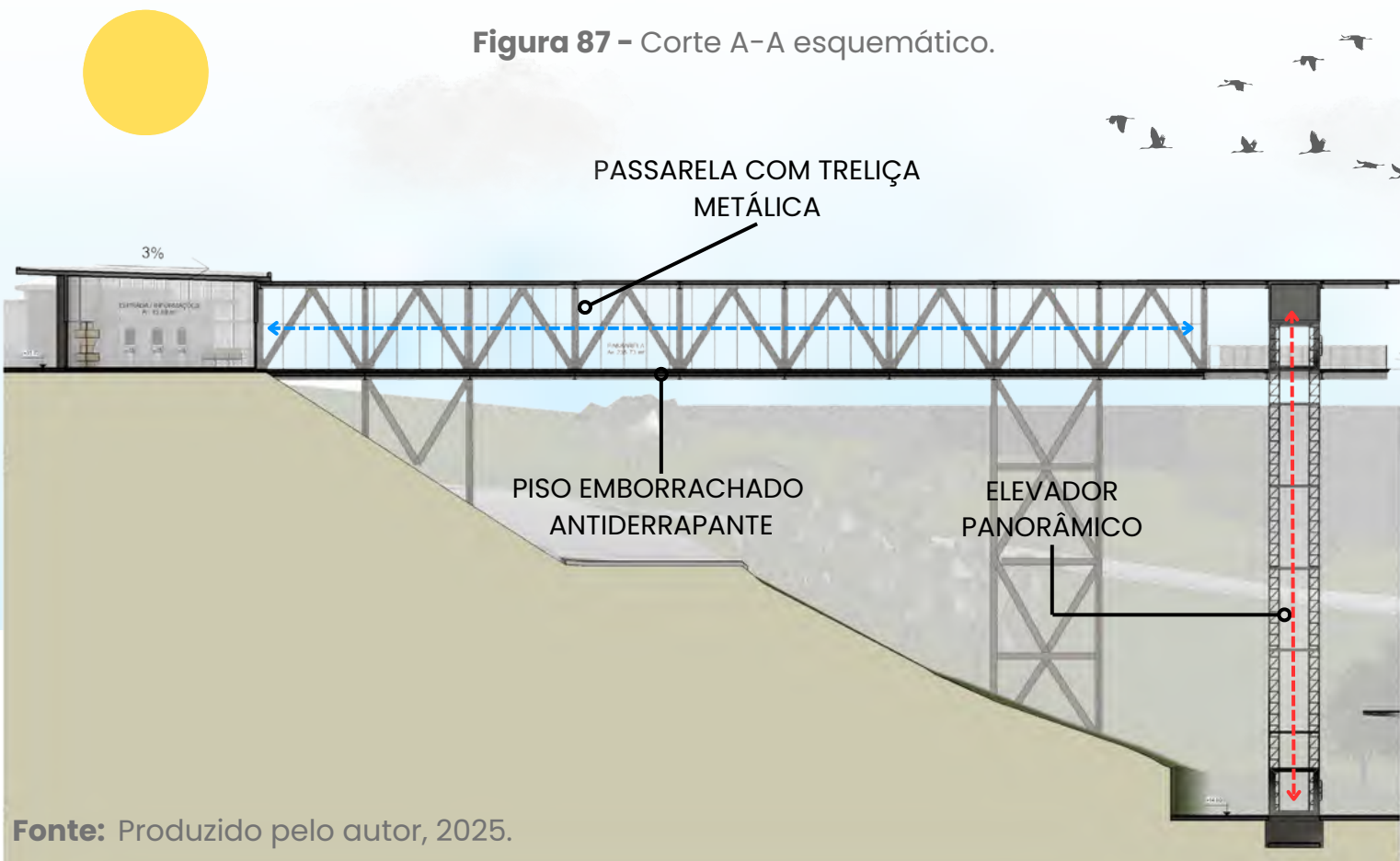
4.18 ÁREA DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS E ENTRADA

Figura 86 – Planta baixa: Sanitário, Entrada e Passarela.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

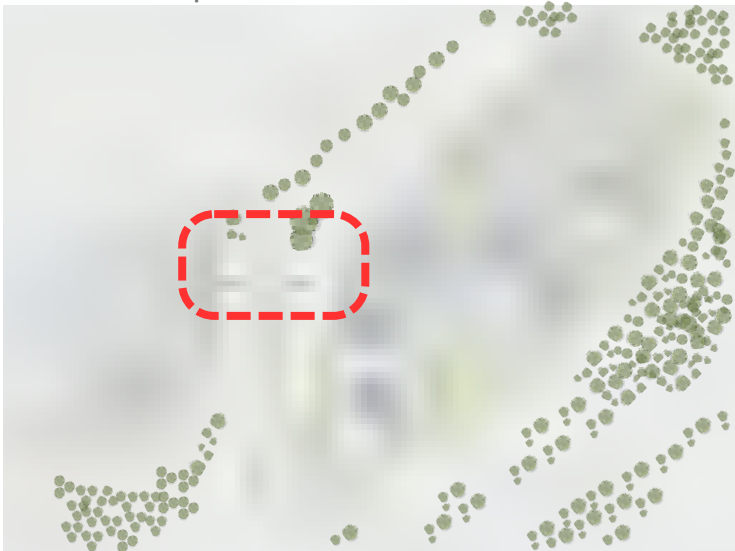
Figura 87 – Corte A-A esquemático.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

CORTE ESQUEMÁTICO A-A

Figura 88 – Implantação com marcação da área ampliada.



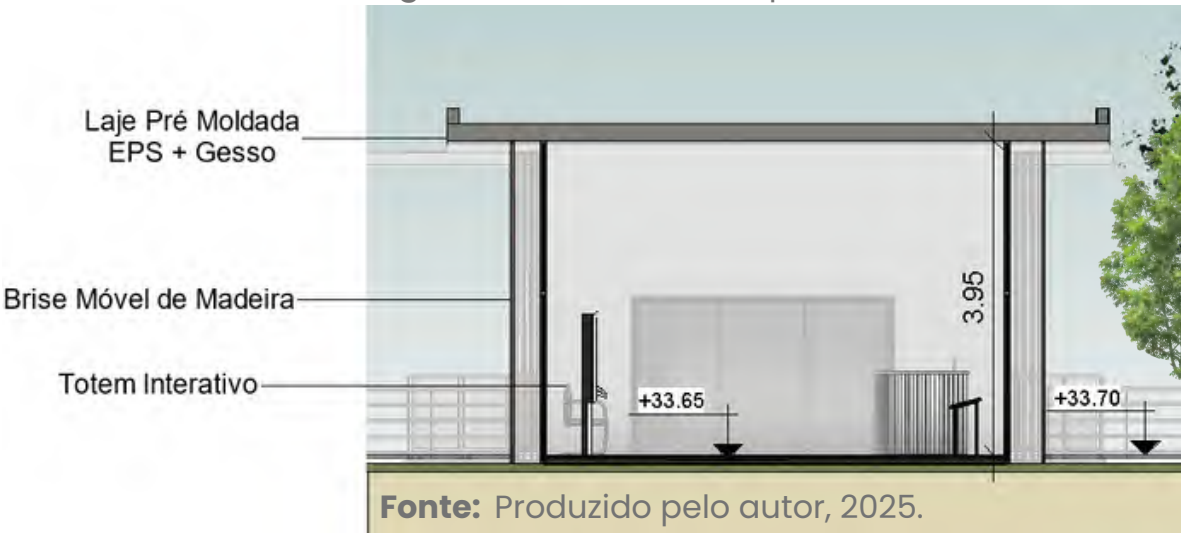
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

LEGENDA

- 01 ÁREA DE INFORMAÇÕES / ENTRADA
- 02 SANITÁRIOS
- 03 PASSARELA

- ➡ ACESSO PRINCIPAL
- ↔ CIRCULAÇÃO HORIZONTAL
- ↕ CIRCULAÇÃO VERTICAL

Figura 89 – Corte B-B esquemático.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

CORTE ESQUEMÁTICO B-B

Figura 90 – Maquete eletrônica: Fachada área de informações.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 91 – Maquete eletrônica: vista interna.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 92 – Maquete eletrônica: perspectiva lateral.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 93 – Maquete eletrônica: vista elevador – passarela.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.19 PAVILHÃO DO CICLISTA E ÁREA GASTRONÔMICA

Figura 94 – Planta baixa Pavilhão do Ciclista e Área Gastronômica.

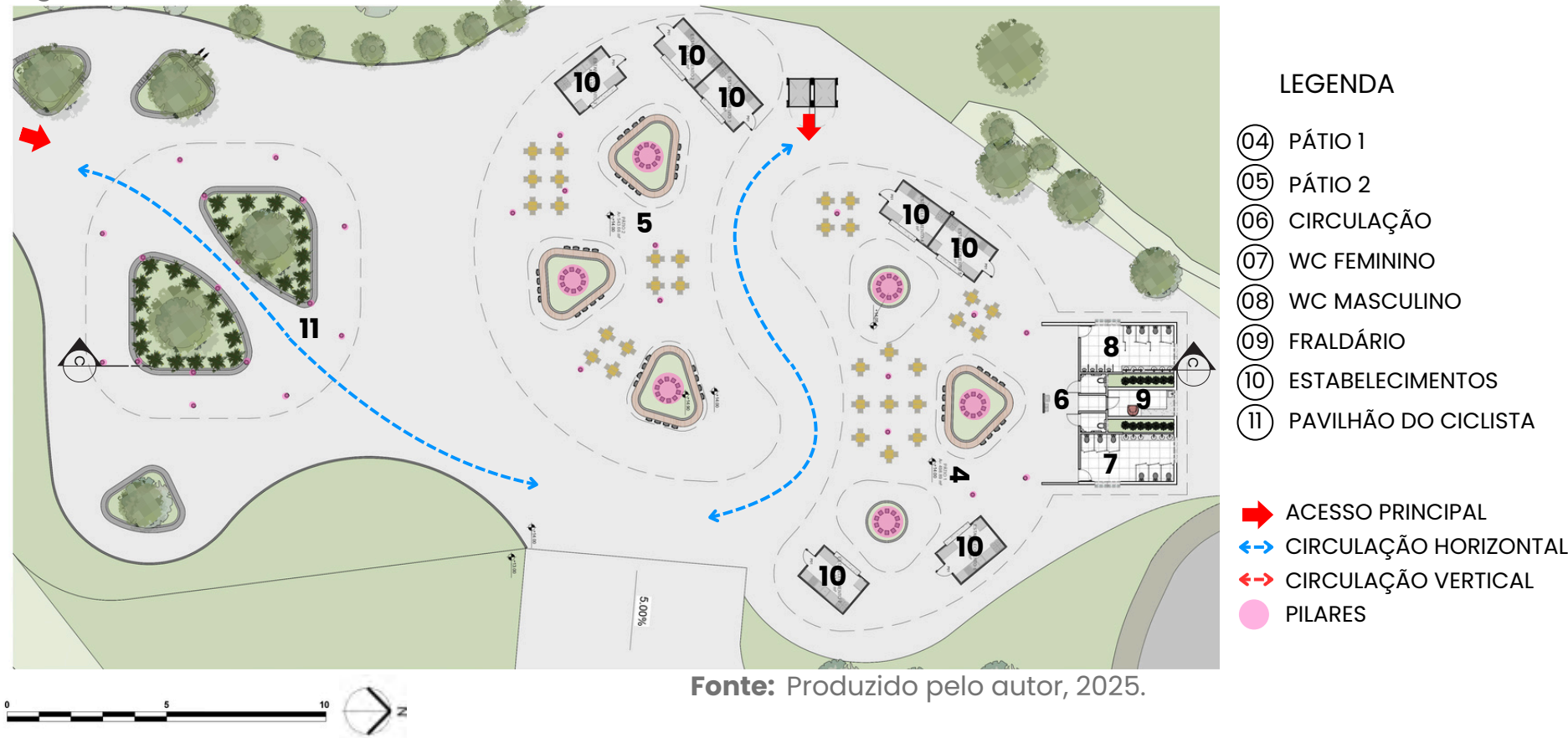


Figura 95 – Corte C-C esquemático.

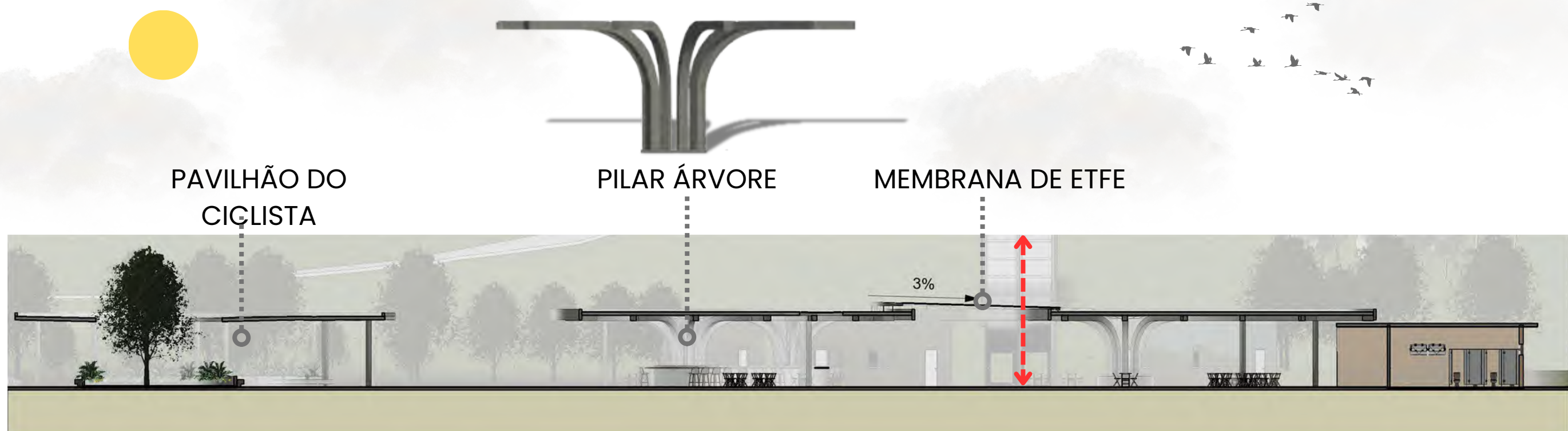


Figura 96 – Implantação com marcação da área ampliada.



Figura 96 – Maquete eletrônica: vista interna Área Gastronômica.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 97 – Maquete eletrônica: vista interna (mobiliário e estrutura).



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 98 – Maquete eletrônica: perspectiva aérea.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

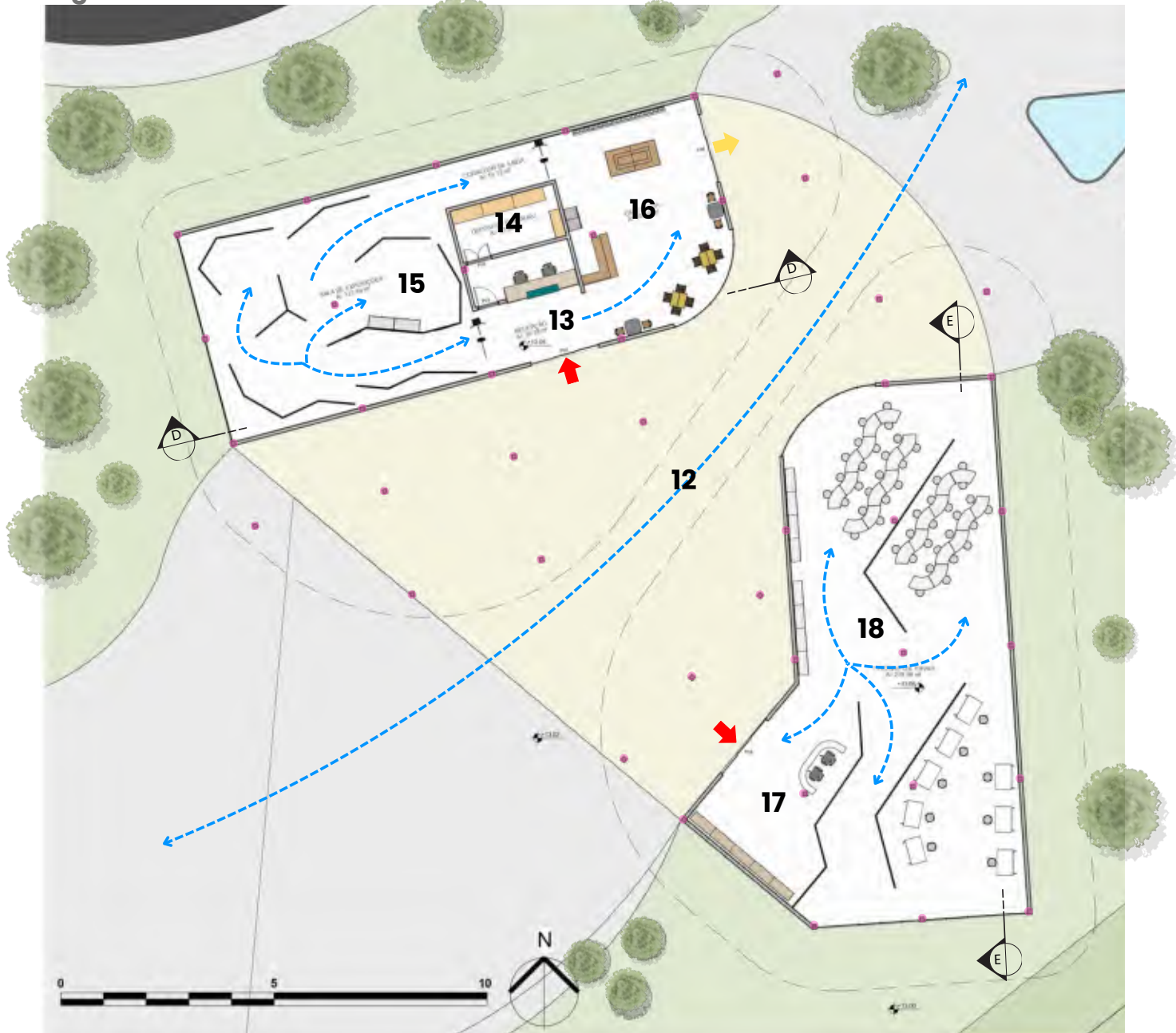
Figura 99 – Maquete eletrônica: vista saindo do elevador.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.20 EDIFÍCIO CULTURAL

Figura 100 – Planta baixa Pavilhão do Ciclista e Área Gastronômica.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

LEGENDA

- 12 CIRCULAÇÃO
 - 13 RECEPÇÃO EXPOSIÇÕES
 - 14 DEPÓSITO / RESTAURO
 - 15 SALA DE EXPOSIÇÕES
 - 16 LOJA / CAFÉ
 - 17 RECEPÇÃO OFICINAS
 - 18 OFICINAS CULTURAIS
- ➡ ACESSO PRINCIPAL
 - ➡ SAÍDA
 - ↔ CIRCULAÇÃO HORIZONTAL
 - PILARES

Figura 101 – Implantação com marcação da área ampliada.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

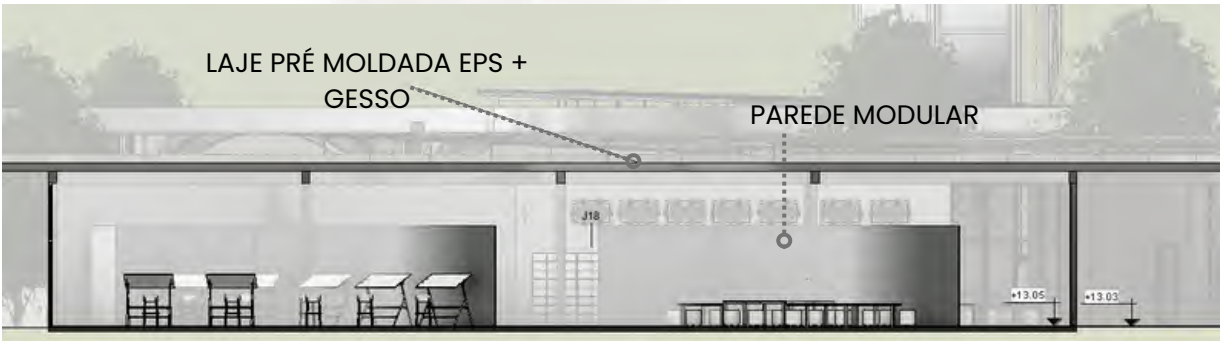
Figura 102 – Corte D-D esquemático.



CORTE ESQUEMÁTICO D-D

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

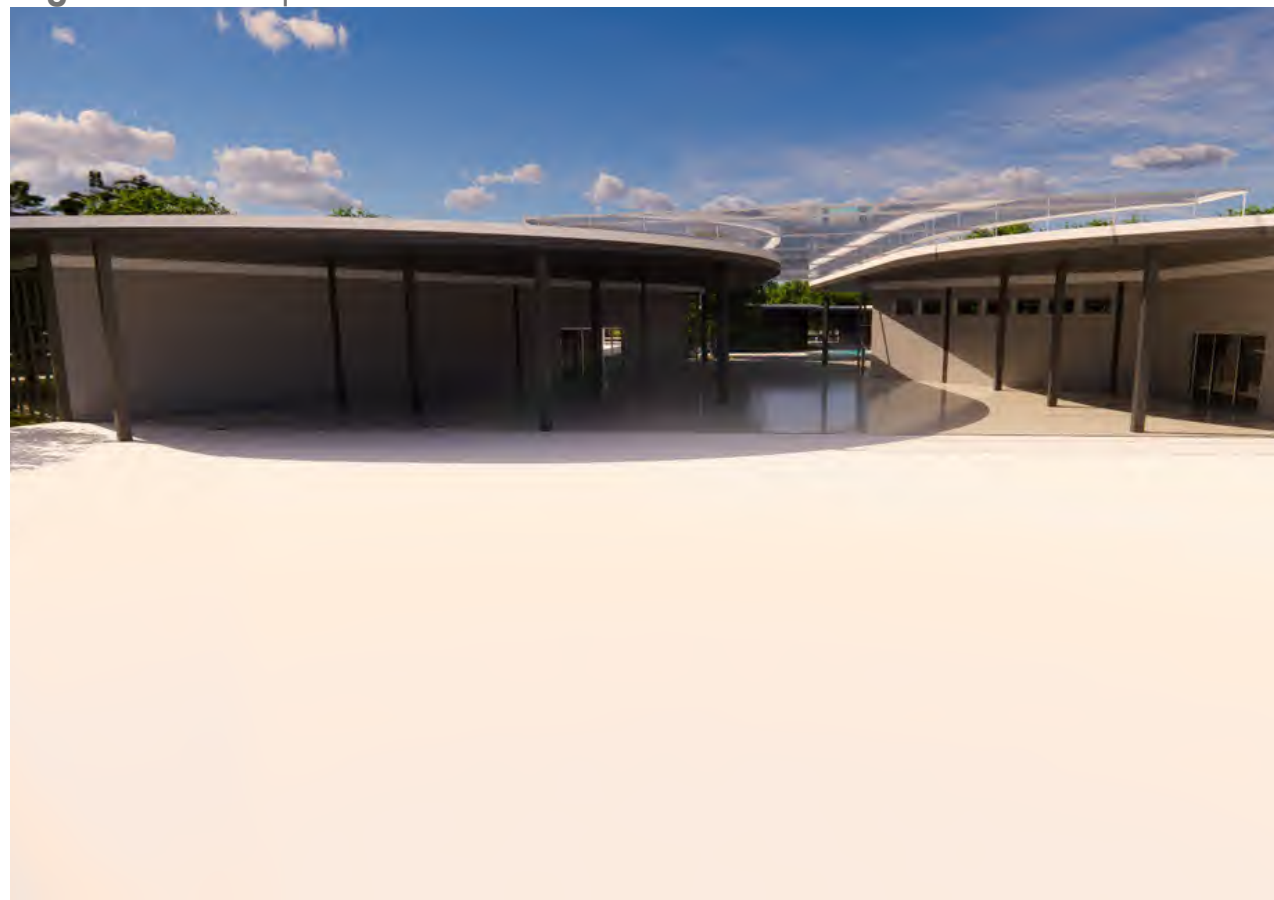
Figura 103 – Corte E-E esquemático.



CORTE ESQUEMÁTICO E-E

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 104 – Maquete eletrônica: vista frontal.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 105 – Maquete eletrônica: vista interna Café/Loja/Sala de Exposições.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 106 – Maquete eletrônica: vista posterior.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

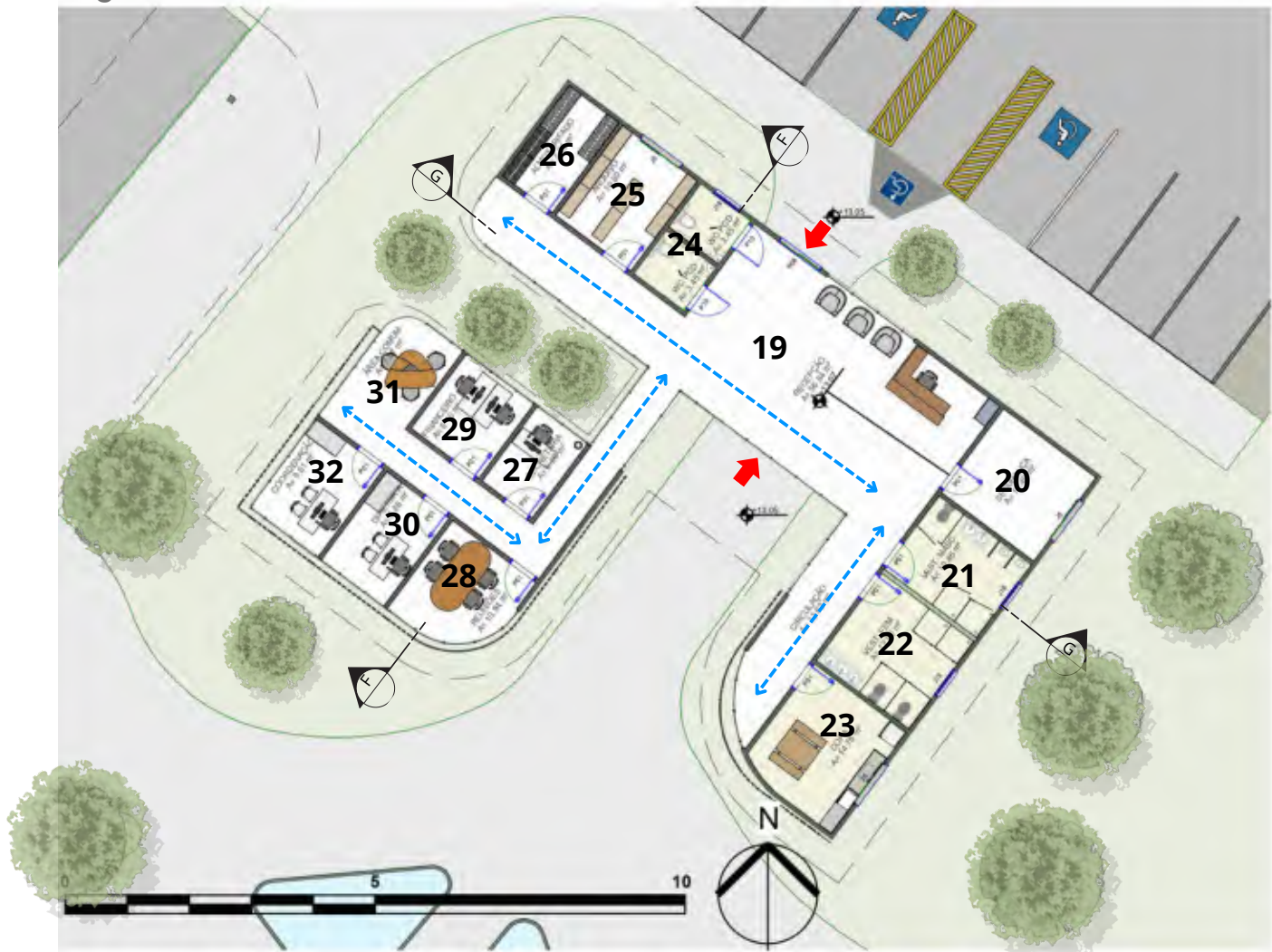
Figura 107 – Maquete eletrônica: vista interna Oficinas culturais.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.21 EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO

Figura 108 – Planta baixa Pavilhão do Ciclista e Área Gastronômica.



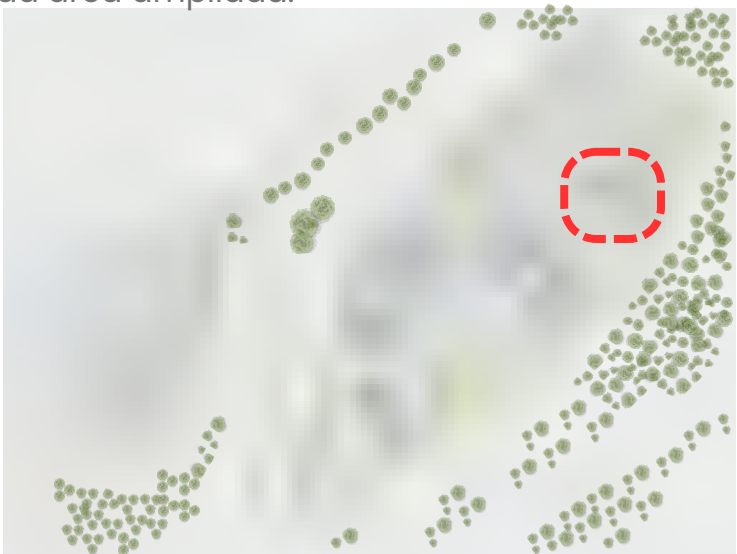
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

LEGENDA

- | | |
|----------------------|---------------------|
| ①9 RECEPÇÃO | ②6 ALMOXARIFADO |
| ②0 SALA DE SEGURANÇA | ②7 SECRETARIA |
| ②1 VEST. MASCULINO | ②8 SALA DE REUNIÕES |
| ②2 VEST. FEMININO | ②9 FINANCEIRO |
| ②3 COPA | ③0 DIRETORIA |
| ②4 SANITÁRIOS | ③1 COORDENAÇÃO |
| ②5 ARQUIVO | ③2 ÁREA COMUM |

- ➡ ACESSO PRINCIPAL
- ↔ CIRCULAÇÃO HORIZONTAL

Figura 110 – Implantação com marcação da área ampliada.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 109 – Corte F-F esquemático.



CORTE ESQUEMÁTICO F-F

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 111 – Corte G-G esquemático.



CORTE ESQUEMÁTICO G-G

Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 112 – Maquete eletrônica: vista frontal.



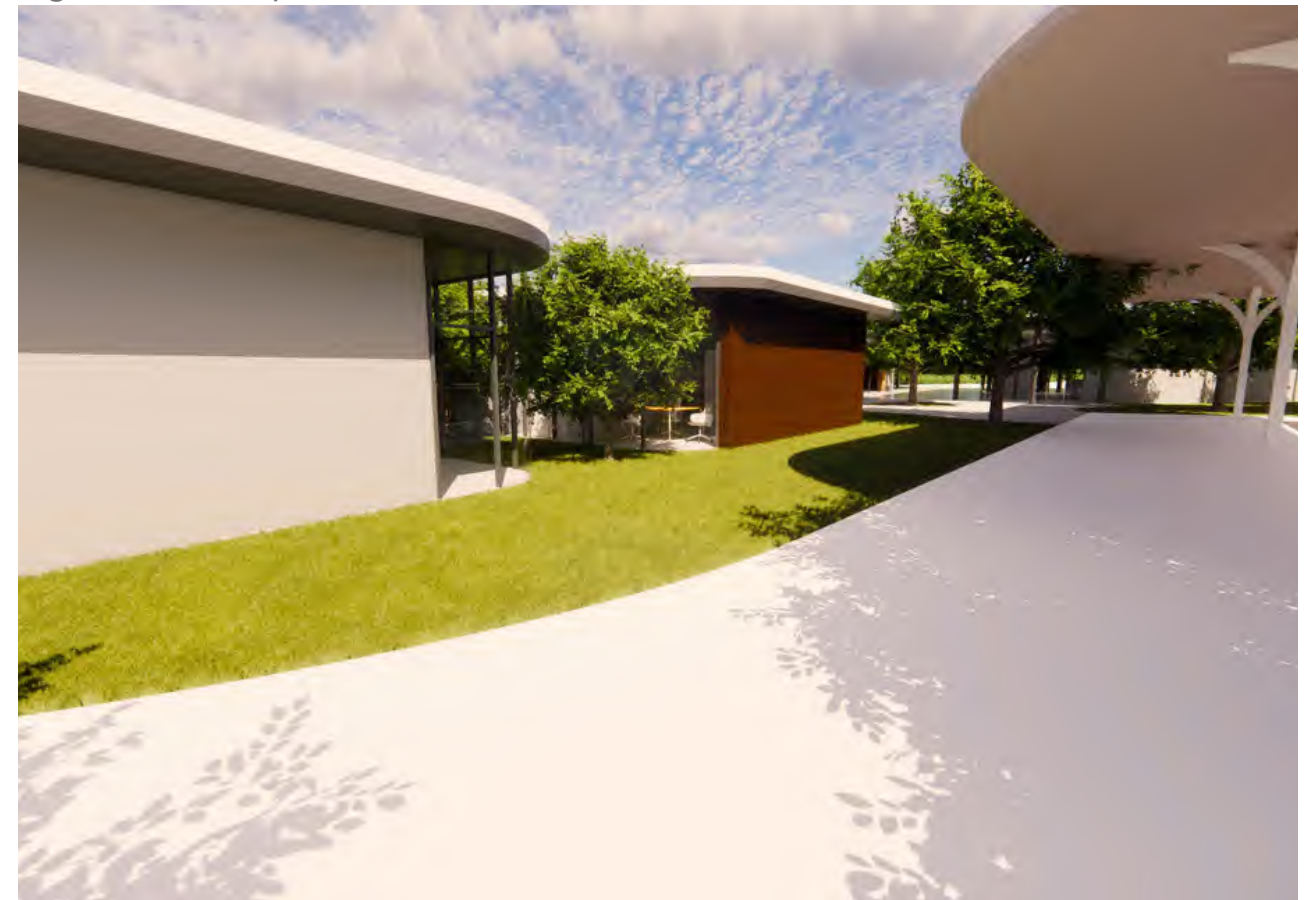
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 113 – Maquete eletrônica: vista interna recepção – salas.



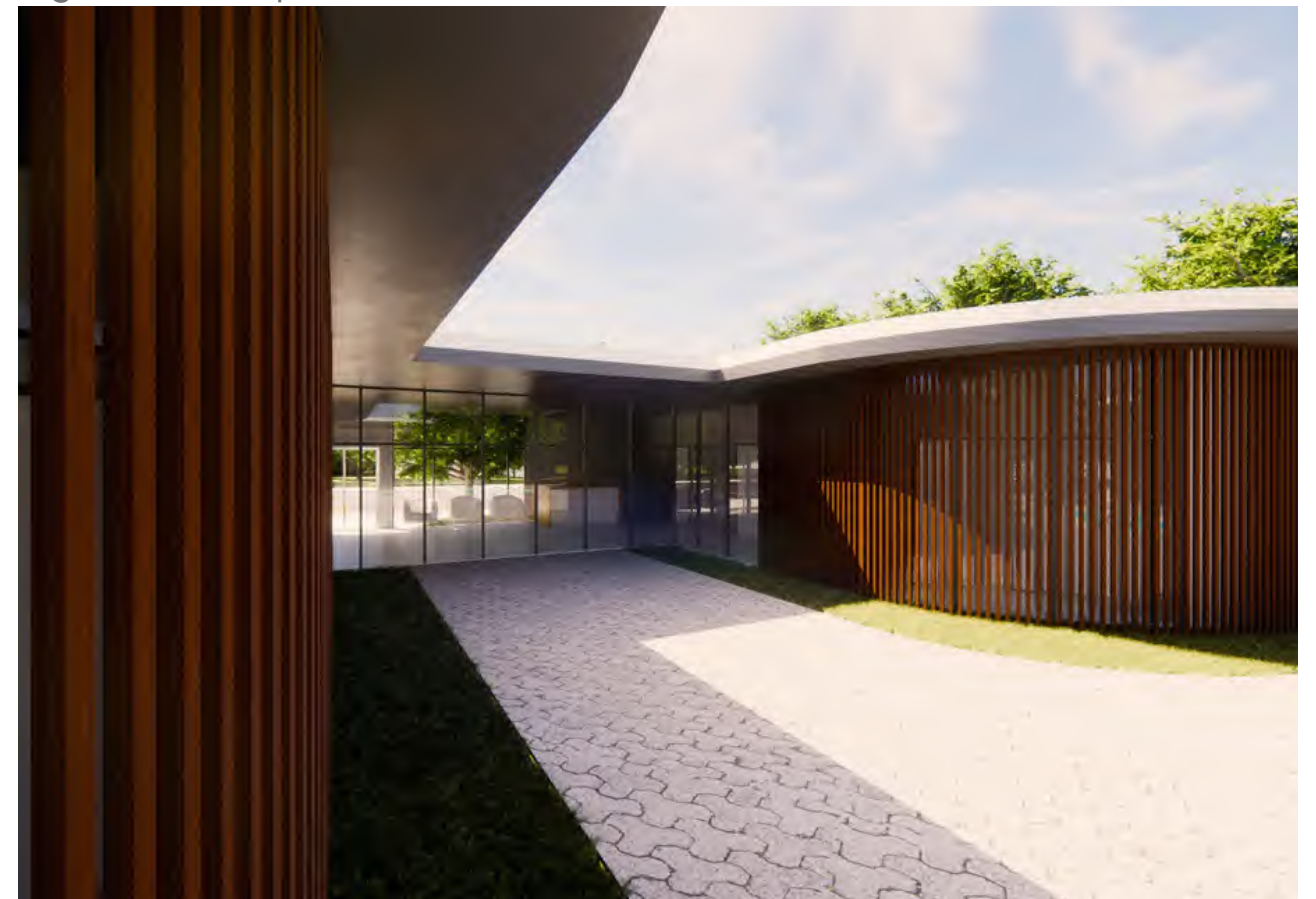
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 114 – Maquete eletrônica: vista lateral.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 115 – Maquete eletrônica: brises e fachada.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.22 SISTEMA ESTRUTURAL

O partido estrutural do projeto foi concebido com o objetivo de articular diferentes cotas do terreno acidentado, promovendo acessibilidade e integração visual entre os espaços. Para isso, foi projetada uma passarela com estrutura metálica leve, composta por perfis de aço galvanizado e piso metálico com tratamento antiderrapante, que estabelece uma conexão direta entre os ambientes inferiores e um elevador panorâmico. Esse elevador, estrategicamente posicionado, permite o vencimento do acentuado declive do terreno, garantindo fluidez no deslocamento vertical e valorizando a paisagem ao redor.

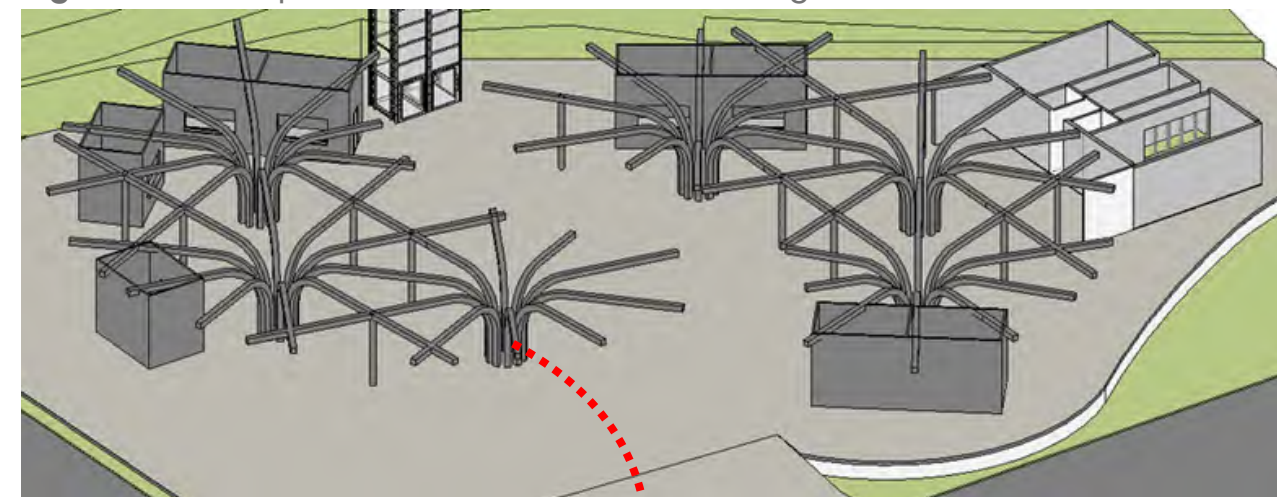
O espaço gastronômico, adota um sistema estrutural em concreto armado com linguagem biomimética. Os pilares foram moldados in loco com formas personalizadas que remetem à silhueta de árvores: os fustes centrais representam os troncos, enquanto as vigas ramificadas, que se desdobram a partir do topo desses pilares, simulam galhos que sustentam a laje superior. Esse recurso confere ao ambiente uma atmosfera leve, orgânica e acolhedora, além de permitir grandes vãos livres, otimizando a flexibilidade do espaço interno.

O sistema construtivo adotado combina elementos moldados in loco e pré-fabricados. A estrutura metálica da passarela foi montada com encaixes aparafusados e soldagens pontuais, permitindo rapidez na execução e menor interferência na topografia existente. Já o bloco gastronômico, com pilares-árvore, foi executado com concreto de alto desempenho (CAD) e fôrmas especiais reutilizáveis, garantindo precisão formal e racionalização dos recursos.

Os materiais utilizados em todo o projeto foram escolhidos tanto por seu desempenho técnico quanto por seu apelo estético. Aço e vidro predominam na passarela e no elevador, proporcionando leveza e transparência. No espaço gastronômico, o concreto aparente dos pilares se harmoniza com revestimentos naturais como madeira e pedra, promovendo um diálogo entre tecnologia e natureza.

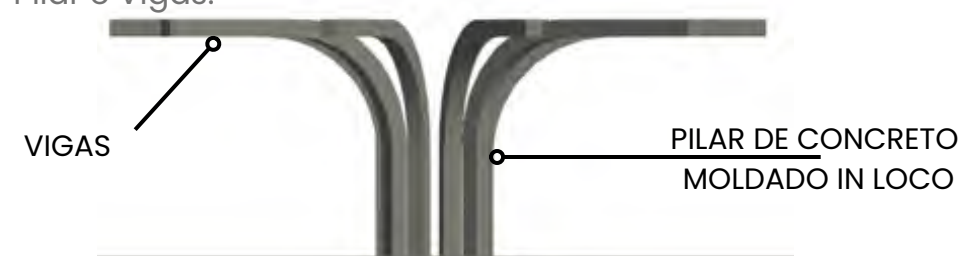
Essa combinação de soluções estruturais e construtivas traduz um conceito arquitetônico que privilegia funcionalidade, sustentabilidade e identidade visual única.

Figura 116 – Perspectiva sistema estrutural área gastronômica.



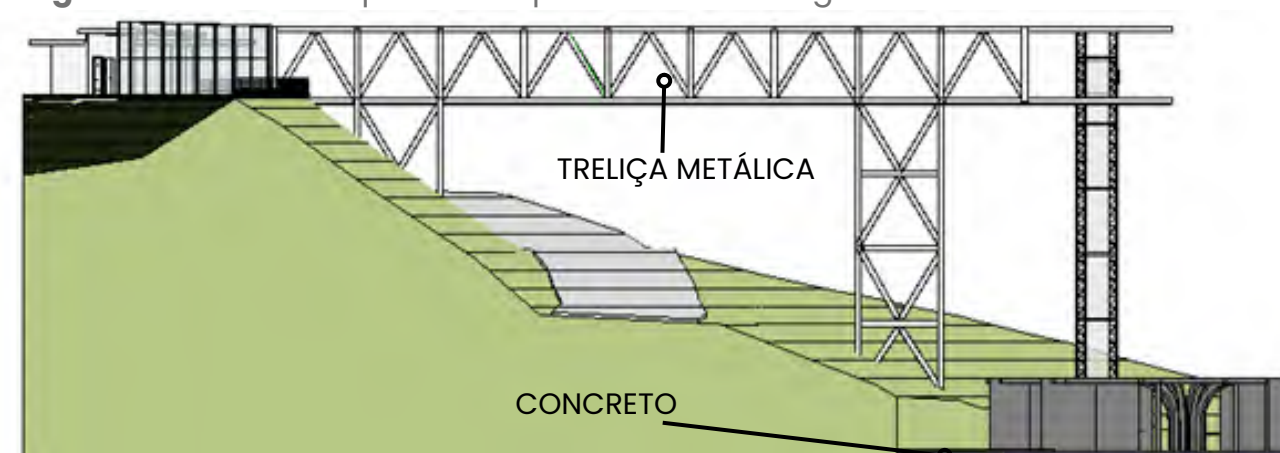
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 117 – Pilar e Vigas.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 118 – Corte esquemático passarela e área gastronômica.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.23 CONFORTO E SUSTENTABILIDADE

O projeto arquitetônico em questão priorizou estratégias bioclimáticas para otimizar o conforto térmico e lumínico, reduzindo a dependência de sistemas artificiais. A abordagem integrou soluções passivas e construtivas, alinhando eficiência energética à qualidade espacial, conforme preconizado por estudos sobre sustentabilidade na arquitetura.

4.23.1 Estratégias de Ventilação e Controle Térmico

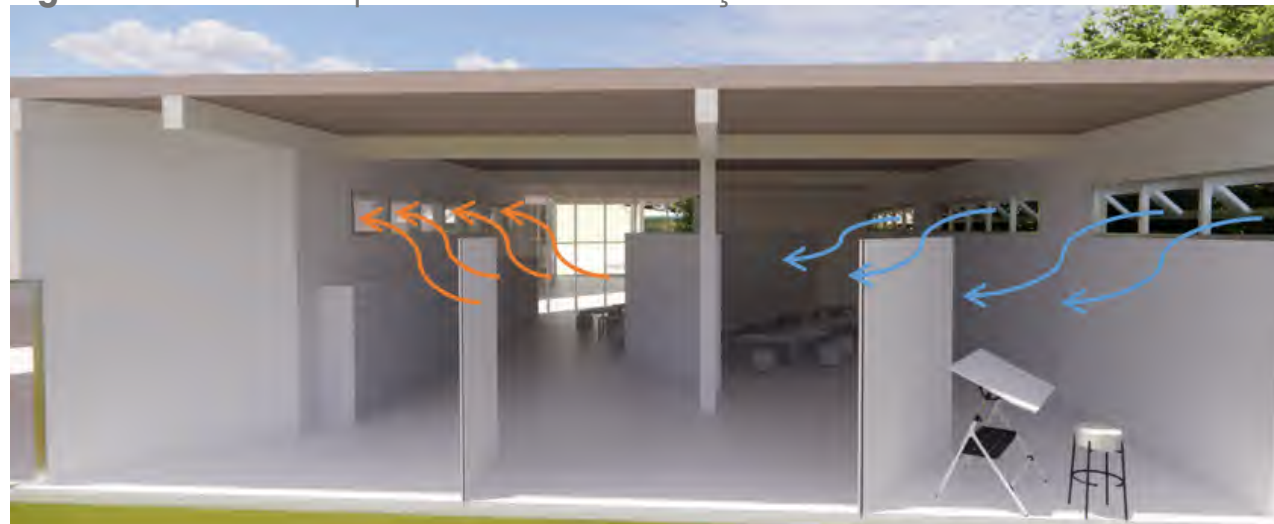
A adoção de pé-direito elevados nas áreas de permanência prolongada permite a estratificação térmica, em que o ar quente se acumula na zona superior, facilitando a renovação natural e mantendo temperaturas amenas nas zonas ocupadas (GIVONI, 1998). Complementarmente, janelas altas posicionadas estrategicamente funcionam como exaustores térmicos, induzindo ventilação cruzada contínua, estratégia validada por estudos sobre fluxo de ar em edifícios (LAMBERTS et al., 2014).

Figura 119 – Corte esquemático com ventilação cruzada e efeito chaminé.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 120 – Corte esquemático com ventilação cruzada.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.23.2 Controle Lumínico e Sombreamento

A utilização de elementos translúcidos, como o ETFE, permite a entrada de luz difusa, reduzindo a necessidade de iluminação artificial sem comprometer o conforto térmico – princípio destacado por Duarte (2007) em análises sobre iluminação natural. Nas fachadas de alta incidência solar, a arborização com espécies de médio porte atua como barreira de sombreamento, técnica recomendada pela norma NBR 15220 (ABNT, 2023) para climas tropicais.

4.23.3 Sistemas Construtivos e Materiais

As paredes em alvenaria de blocos de concreto (19 cm) asseguram massa térmica adequada, amortecendo variações de temperatura conforme demonstrado por Frota e Schiffer (2015). Já os painéis envidraçados de alta eficiência com controle solar alinham-se às diretrizes de projetos de baixo consumo energético (LEED, 2016).

4.23.4 Proteção Solar e Ergonomia

Os beirais ampliados seguem recomendações de projeto bioclimático para latitudes equatoriais, onde o sombreamento é crítico (OLGYAY, 2013).

Figura 121 – Corte esquemático com Insolação em diferentes épocas do ano.

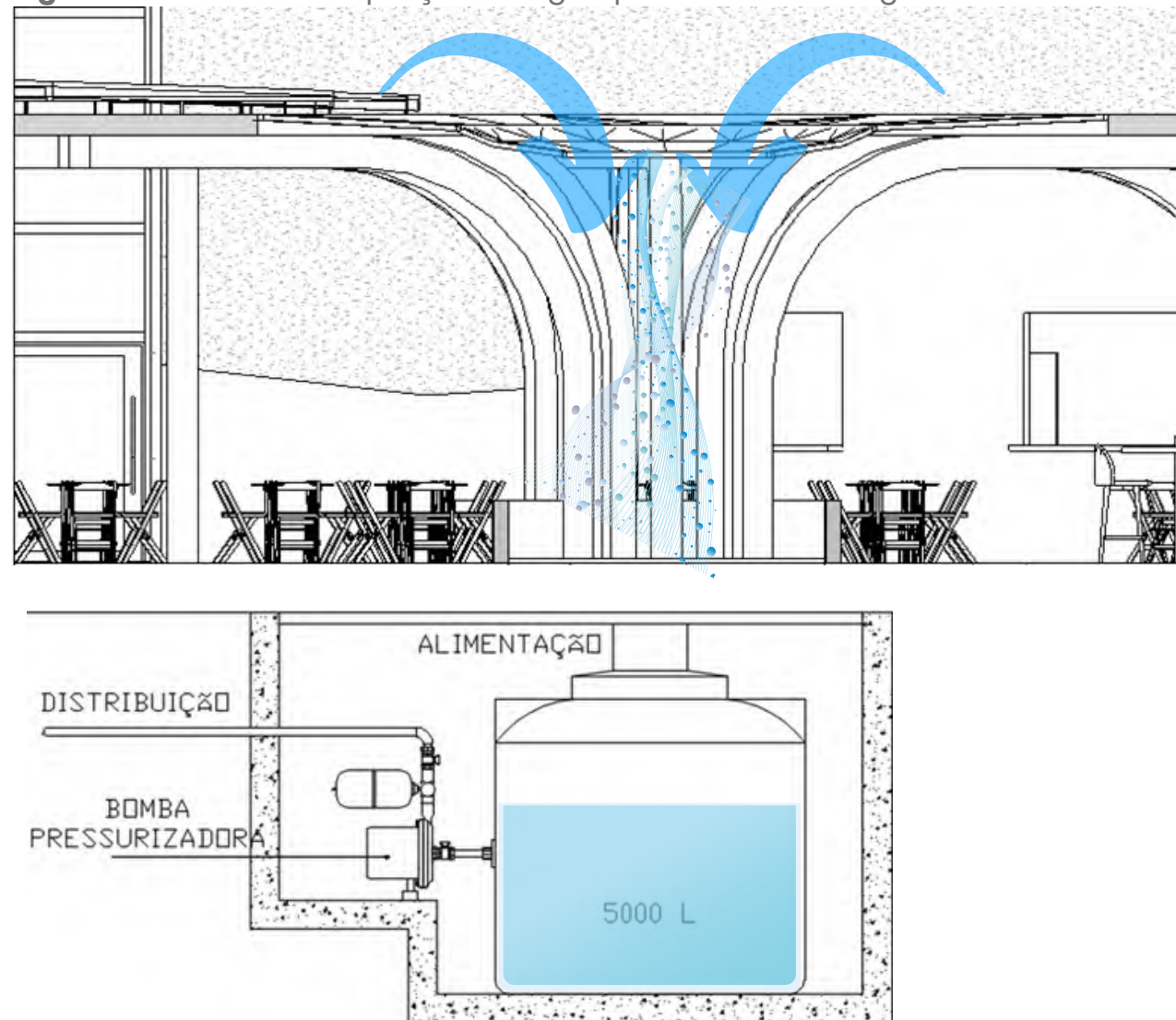


Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

4.23.5 COLETA E REAPROVEITAMENTO DE ÁGUA

A sustentabilidade hídrica foi integrada ao projeto por meio de sistemas de captação de água da chuva nas coberturas da área gastronômica. Os telhados, projetados em formato de funil, direcionam a água para as calhas coletoras, que a conduzem a filtros para remoção de impurezas (TOMAZ, 2010). O armazenamento é realizado em cisternas subterrâneas de polietileno, posicionadas estrategicamente abaixo dos pilares estruturais, garantindo aproveitamento eficiente do espaço e preservação estética da edificação.

Figura 122 – Corte da captação de água pluvial no edifício gastronômico



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do Centro de Turismo e Cultura de Monte Alto representou uma importante oportunidade de aprofundamento acadêmico e profissional, unindo teoria e prática na concepção de um espaço voltado à valorização cultural, social e econômica da cidade. Ao longo do trabalho, foi possível identificar as potencialidades locais e compreender a importância de se criar um equipamento urbano que acolha, conecte e divulgue a identidade montealtense.

Durante o processo de elaboração, buscou-se atender às necessidades específicas da população e dos visitantes, promovendo a interação entre o patrimônio cultural, o turismo e a economia criativa. O projeto foi cuidadosamente pensado para oferecer ambientes acessíveis, acolhedores e multifuncionais, como espaços expositivos, gastronômico, cultural, atendimento ao público, capazes de atrair tanto o público local quanto turistas de outras regiões.

Entre os principais pontos positivos do projeto, destacam-se a valorização da cultura local, o estímulo à economia por meio do turismo e do comércio artesanal, a criação de novas oportunidades de emprego e o fortalecimento da identidade urbana de Monte Alto. Além disso, o Centro proporcionará um novo espaço de convivência e aprendizado, promovendo o acesso à cultura e contribuindo para a formação de uma comunidade mais ativa e consciente do seu valor histórico e cultural.

Conclui-se, portanto, que o projeto não apenas preenche uma lacuna existente na cidade, como também representa uma proposta viável e de grande relevância para o fortalecimento regional. Espera-se que esta iniciativa inspire outras ações voltadas ao desenvolvimento urbano integrado e à valorização dos saberes locais, contribuindo com um legado significativo para as futuras gerações.

Figura 123 – Maquete eletrônica.



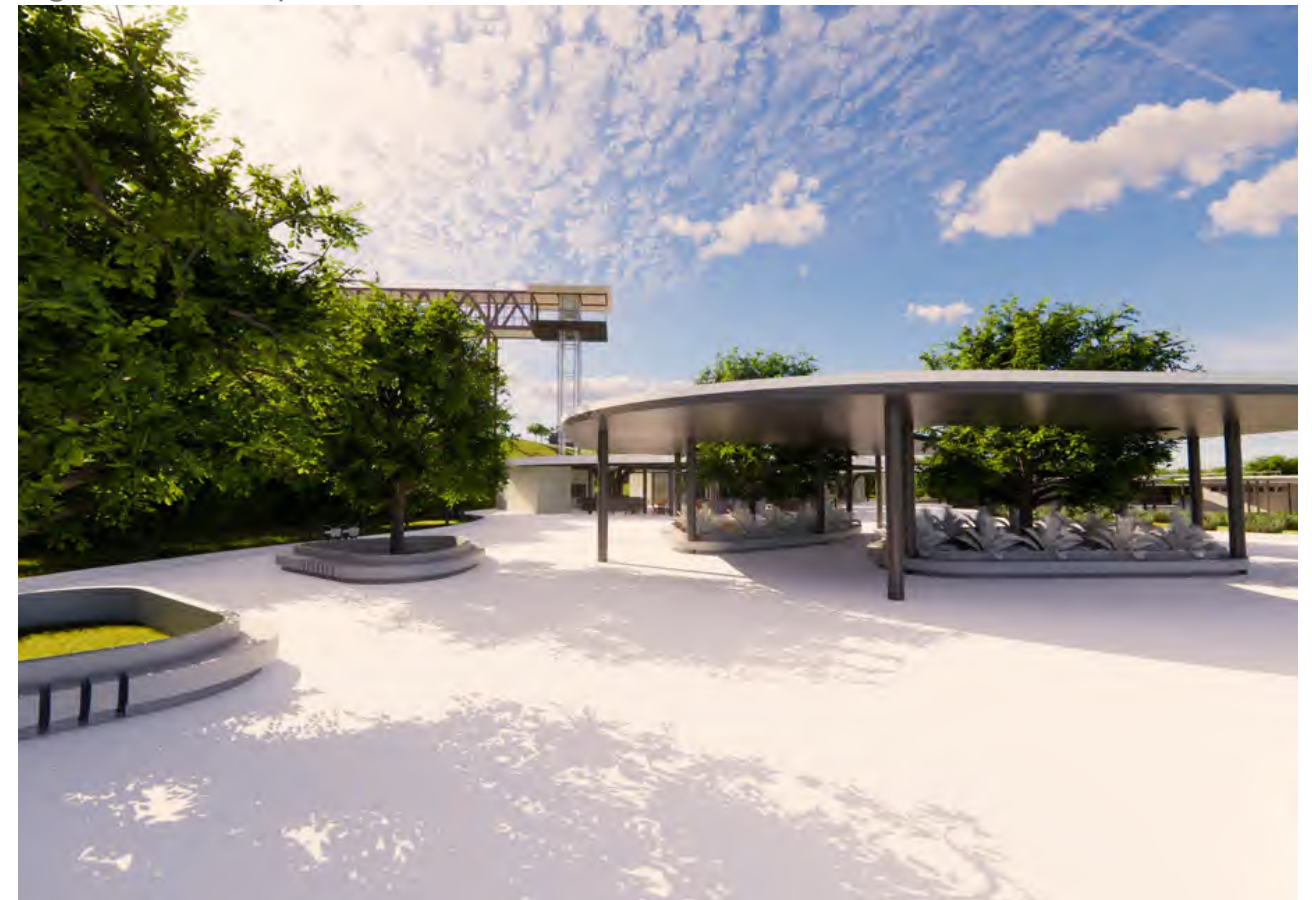
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 124 – Maquete eletrônica.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 125 – Maquete eletrônica.



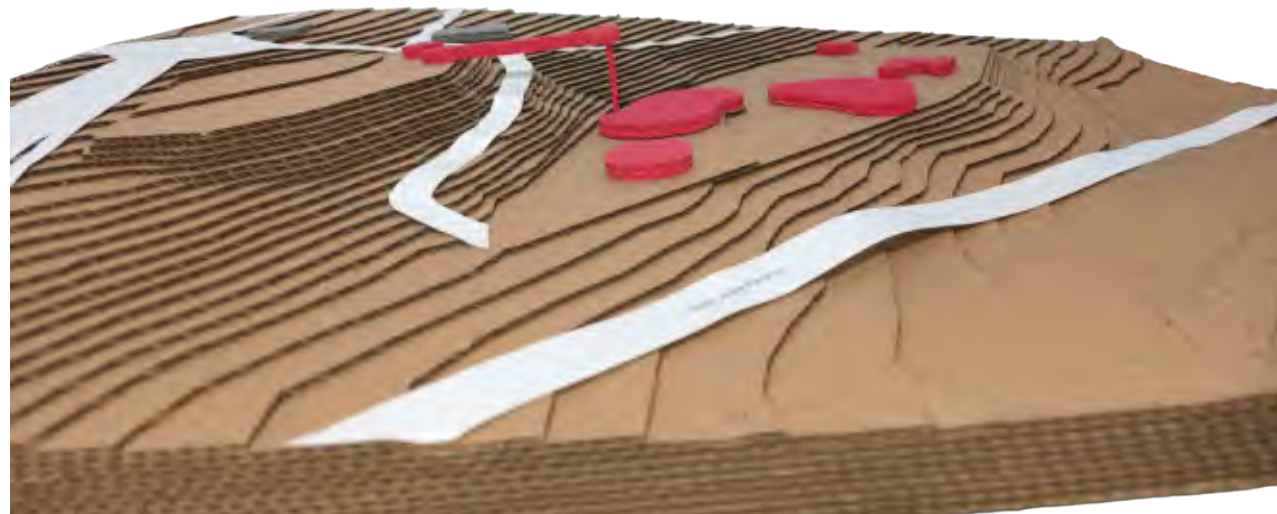
Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 126 – Maquete eletrônica.



Fonte: Produzido pelo autor, 2025.

Figura 127 – Maquete topográfica.



Fonte: Acervo pessoal (Produzido pelo autor), 2025.

Figura 128 – Maquete física.



Fonte: Acervo pessoal (Produzido pelo autor), 2025.

Figura 129 – Maquete física.



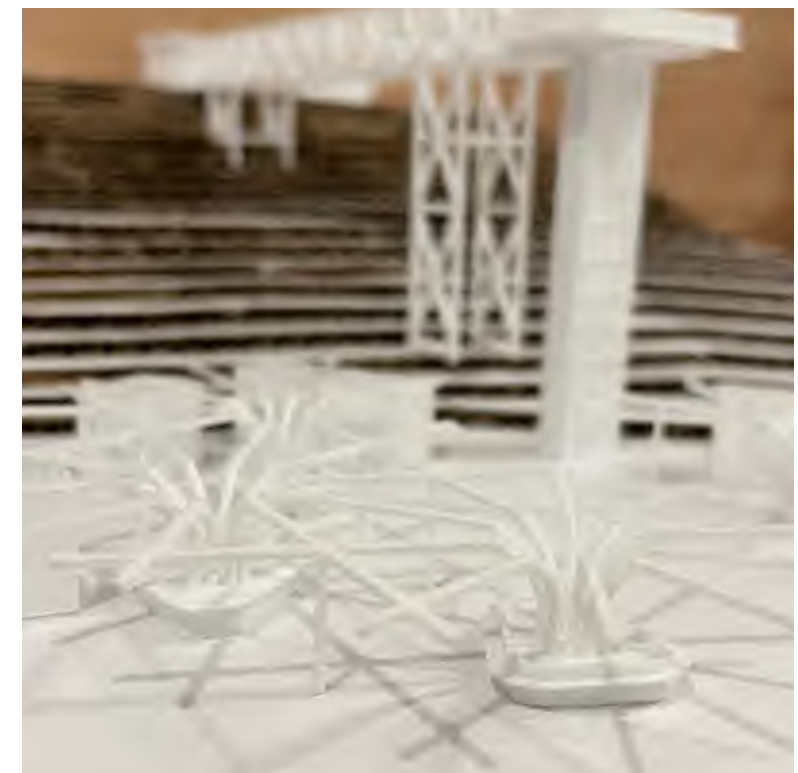
Fonte: Acervo pessoal (Produzido pelo autor), 2025.

Figura 130 – Maquete física.



Fonte: Acervo pessoal (Produzido pelo autor), 2025.

Figura 131 – Maquete física.



Fonte: Acervo pessoal (Produzido pelo autor), 2025.

5

REFERÊNCIAS

ABNT. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações.* Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

ABNT. *NBR 15.575: Edificações habitacionais – Desempenho.* Rio de Janeiro: ABNT, 2022.

ABNT. *NBR 16.590: Espaços interativos e imersivos.* Rio de Janeiro: ABNT, 2021.

BRASIL. *Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.* Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11 jul. 2001.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Plano Nacional de Cultura: diretrizes 2010–2020.* Brasília: MinC, 2010.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Tecnologias para Centros Culturais.* Brasília: MinC, 2023.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. *Mapa das Áreas Prioritárias para Pesquisa Paleontológica no Brasil.* Brasília: MCTI, 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. *Políticas de Integração do Turismo ao Desenvolvimento Urbano.* Brasília: MDR, 2021.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo.* Brasília: MMA, 2006.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Diretrizes para o Turismo Sustentável em Unidades de Conservação.* Brasília: MMA, 2021.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Marketing Territorial Sustentável.* Brasília: MMA, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Desenvolvimento Turístico: infraestrutura e sinalização.* Brasília: MTur, 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Científico no Brasil.* Brasília: MTur, 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Turismo Sustentável em Áreas Naturais.* Brasília: MTur, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Turismo Sustentável em Comunidades Locais.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Turismo Sustentável no Brasil.* Brasília: MTur, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Turismo Sustentável no Brasil.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para Arquitetura de Experiência em Equipamentos Culturais.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para Experiência do Visitante.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para Parcerias Público–Privadas no Turismo.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para Requalificação de Santuários e Locais de Peregrinação.* Brasília: MTur, 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Patrimônio Construído e Turismo Cultural.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Gestão Turística do Patrimônio Cultural.* Brasília: MTur, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo 2018–2022: mais emprego, renda e inclusão social.* Brasília: MTur, 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo 2022–2025.* Brasília: MTur, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Plano Nacional de Turismo 2023–2026.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Política Nacional de Ecoturismo: diretrizes para o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil.* Brasília: MMA, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Política Nacional de Turismo Religioso.* Brasília: MTur, 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Política Nacional de Turismo Sustentável.* Brasília: MTur, 2023.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Programa de Regionalização do Turismo: diretrizes para a gestão descentralizada do turismo.* Brasília: MTur, 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo sustentável: diretrizes para uma política pública integrada.* Brasília: MTur, 2018.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura como Estratégia de Desenvolvimento.* São Paulo: CAU/BR, 2023.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura e Identidade Cultural: diretrizes para projetos turísticos.* São Paulo: CAU/BR, 2020.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura e Memória: diretrizes para projetos de espaços memoriais*. São Paulo: CAU/BR, 2020.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura e Urbanismo para o Desenvolvimento Turístico Sustentável*. São Paulo: CAU/BR, 2021.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura Narrativa: princípios projetuais*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura Paulista: tradição e contemporaneidade*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Arquitetura Sustentável para Empreendimentos Turísticos*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Diretrizes para Infraestruturas Turísticas Sustentáveis*. São Paulo: CAU/BR, 2021.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Diretrizes para Projetos de Arquitetura no Turismo*. São Paulo: CAU/BR, 2020.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Diretrizes para Projetos Museológicos e Arquitetônicos em Sítios Paleontológicos*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Diretrizes para Projetos Urbanos em Áreas Turísticas*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Diretrizes para Reforma e Modernização de Museus Regionais*. São Paulo: CAU/BR, 2017.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Diretrizes para Sustentabilidade na Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: CAU/BR, 2020.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Guia de Arquitetura para o Turismo: princípios e projetos*. São Paulo: CAU/BR, 2019.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Inventário da Arquitetura Religiosa Brasileira: século XX*. São Paulo: CAU/BR, 2019.

CAU/BR. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. *Manual de Arquitetura Sustentável para Empreendimentos Turísticos**. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. *Arquitetura Colaborativa: metodologias de projeto com comunidades*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. *Arquitetura e Experiência do Usuário*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. *Arquitetura Narrativa: princípios e técnicas*. São Paulo: CAU/BR, 2023.

CAU/BR. *Arquitetura para Turismo Sustentável: diretrizes projetuais*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. *Arquitetura Sustentável para Centros de Visitantes*. São Paulo: CAU/BR, 2021.

CAU/BR. *Diretrizes Arquitetônicas para Ecoturismo*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. *Diretrizes para Projetos de Iluminação Natural*. São Paulo: CAU/BR, 2023.

CAU/BR. *Diretrizes para Projetos de Arquitetura no Turismo*. São Paulo: CAU/BR, 2022.

CAU/BR. *Diretrizes para Sustentabilidade na Arquitetura e Urbanismo*. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cau.br.gov.br>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAU/RJ. *Estudo de Caso: Museu do Amanhã*. Rio de Janeiro: CAU/RJ, 2021.

CAU/SP. *Arquitetura Contemporânea e Patrimônio*. São Paulo: CAU/SP, 2021.

CAU/SP. *Reabilitação de Patrimônio Industrial*. São Paulo: CAU/SP, 2022.

CAU/SP. *Reconstrução do Museu da Língua Portuguesa: estudo de caso*. São Paulo: CAU/SP, 2021.

CAU/SP. *Tecnologia e Patrimônio: o caso do MLP*. São Paulo: CAU/SP, 2021.

COMISSÃO DE ESTUDOS DA CULTURA PORTUGUESA NO BRASIL. *Patrimônio Imaterial Luso-Brasileiro: devoções e manifestações*. São Paulo: CECPB, 2019.

EMBRATUR. Instituto Brasileiro de Turismo. *Ecoturismo: orientações básicas*. Brasília: Instituto Brasileiro de Turismo, 2010.

EMBRATUR. Instituto Brasileiro de Turismo. *Relatório de Impactos do Turismo em Destinos Brasileiros*. Brasília: Embratur, 2020.

FEILDEN, Bernard M.; JOKILEHTO, Jukka. *Management Guidelines for World Cultural Heritage Sites*. Roma: ICCROM, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estudos Setoriais: Emprego no Turismo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Manual Técnico da Vegetação Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. *Guia Brasileiro de Arquitetura Religiosa Contemporânea*. Brasília: IBRAM, 2020.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. *Normas de Infraestrutura para Museus Brasileiros*. Brasília: IBRAM, 2019.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Boas Práticas em Gestão Turística: o caso de Bonito*. Brasília: ICMBio, 2022.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação Federais*. Brasília: ICMBio, 2018.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Manual de Boas Práticas para o Ecoturismo*. Brasília: ICMBio, 2020.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Manual de Boas Práticas para Turismo em Áreas Naturais*. Brasília: ICMBio, 2021.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Manual de Ecoturismo em Áreas Protegidas*. Brasília: ICMBio, 2021.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Manual de Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação*. Brasília: ICMBio, 2022.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Plano de Ação Nacional para Conservação de Mamíferos da Mata Atlântica*. Brasília: ICMBio, 2020.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Plano de Manejo Participativo: Diretrizes para uso público em Unidades de Conservação Federais*. Brasília: ICMBio, 2014.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Relatório Anual de Áreas Protegidas do Interior Paulista*. Brasília: ICMBio, 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Arranjos Produtivos Locais e Desenvolvimento Territorial*. Brasília: IPEA, 2021.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Impactos Socioeconômicos do Turismo em Cidades Médias*. Brasília: IPEA, 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Impactos Socioeconômicos do Turismo em Comunidades Tradicionais*. Brasília: IPEA, 2020.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Arquitetura e Identidade Cultural: diretrizes para projetos*. Brasília: IPHAN, 2020.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Arquitetura e Identidade Cultural: diretrizes para projetos turísticos*. Brasília: IPHAN, 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Arquitetura e Memória Afetiva*. Brasília: IPHAN, 2022.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Arquitetura Sacra no Brasil: diretrizes para preservação*. Brasília: IPHAN, 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Casos Exemplares de Reabilitação Arquitetônica*. Brasília: IPHAN, 2022.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Diretrizes para Equipamentos Culturais*. Brasília: IPHAN, 2020.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Diretrizes para Preservação de Bens Culturais de Natureza Religiosa*. Brasília: IPHAN, 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário Nacional de Museus Brasileiros*. Brasília: IPHAN, 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Museus como Motores de Desenvolvimento*. Brasília: IPHAN, 2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Arquitetônico e Memória Afetiva*. Brasília: IPHAN, 2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Cultural e Experiência Turística*. Brasília: IPHAN, 2020.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Cultural e Turismo: diretrizes para intervenções*. Brasília: IPHAN, 2020.

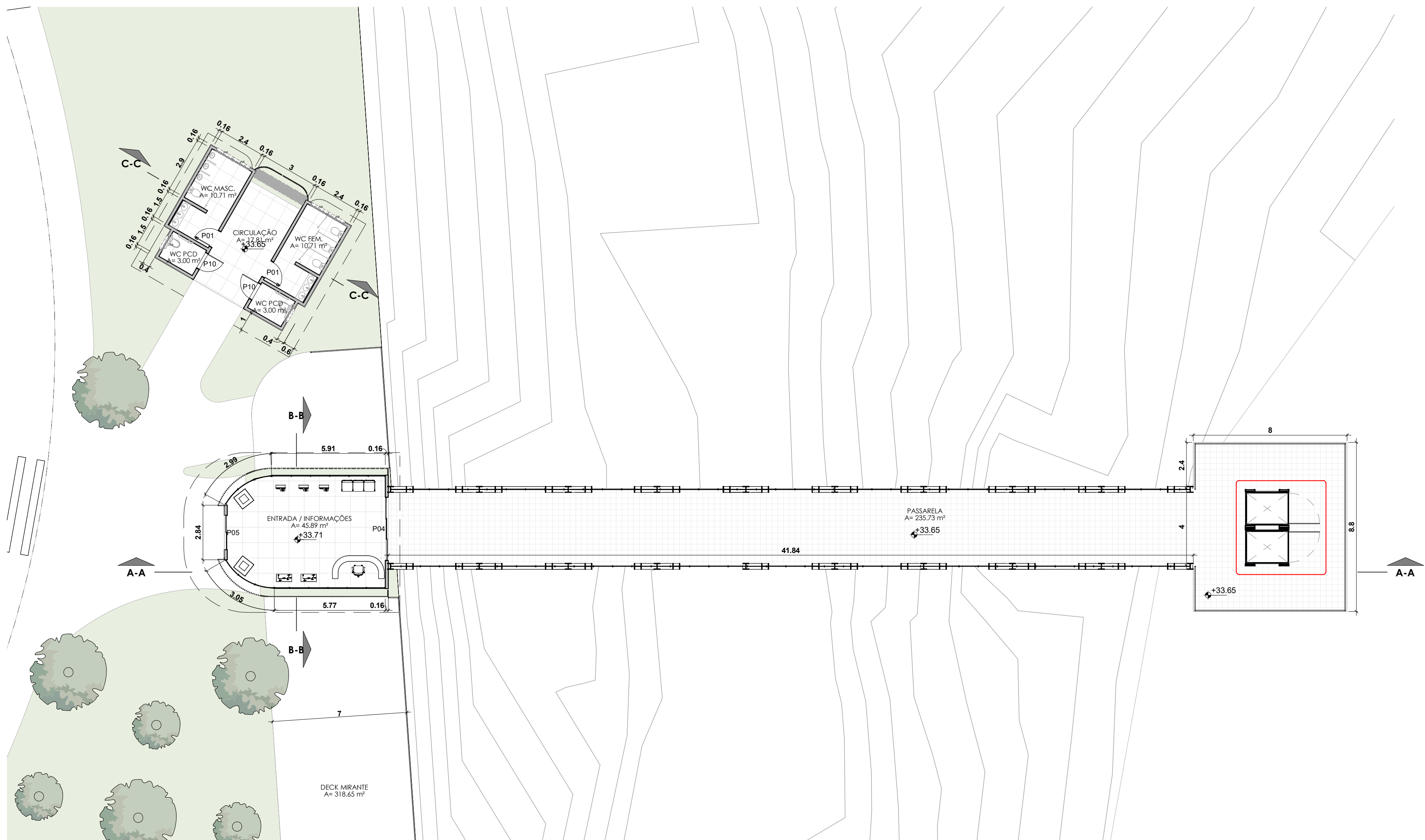
IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Imaterial: políticas públicas e gestão compartilhada*. Brasília: IPHAN, 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Material e Imaterial: interfaces projetuais*. Brasília: IPHAN, 2022.

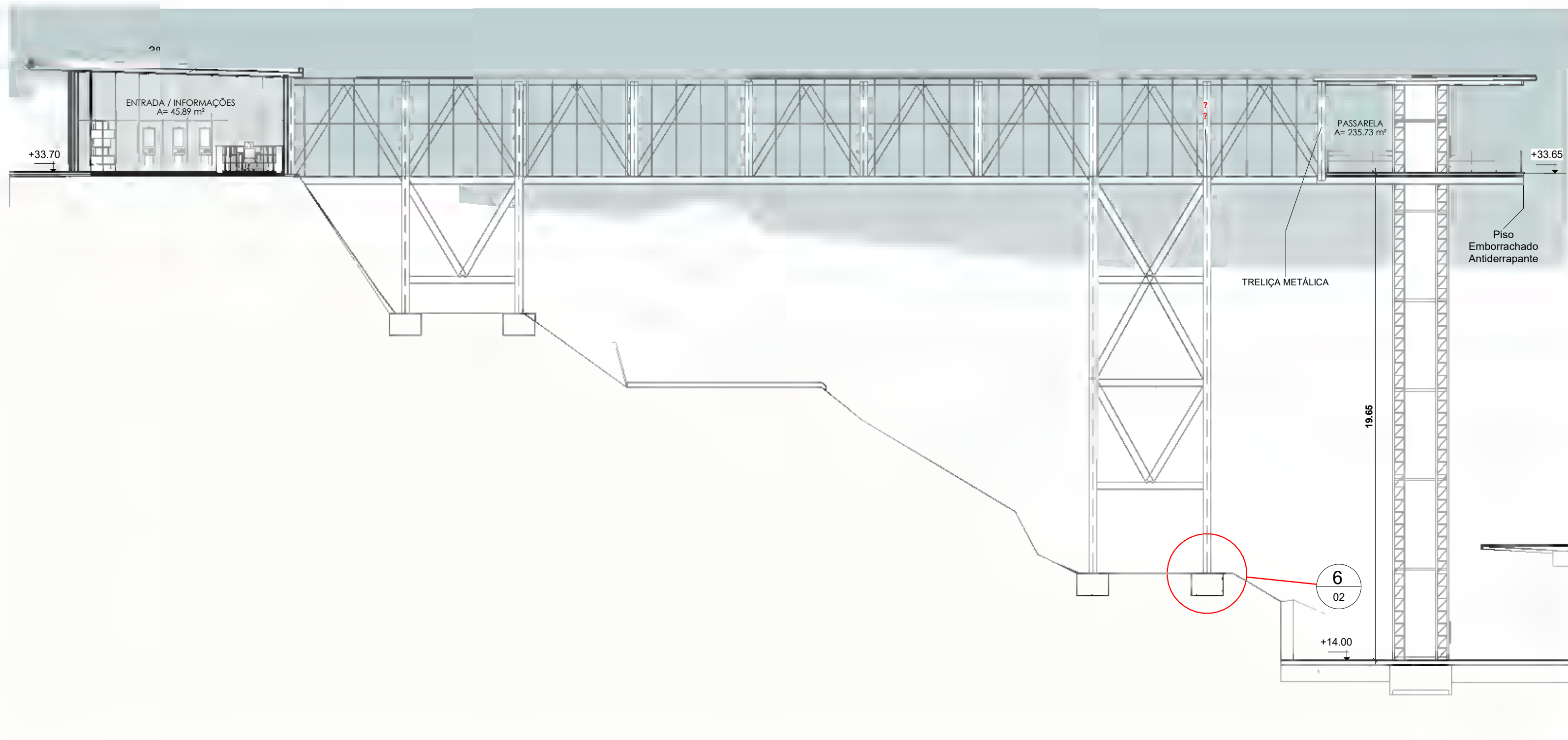
IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Programa Monumenta: resultados e perspectivas*. Brasília: IPHAN, 2019.

APÊNDICES





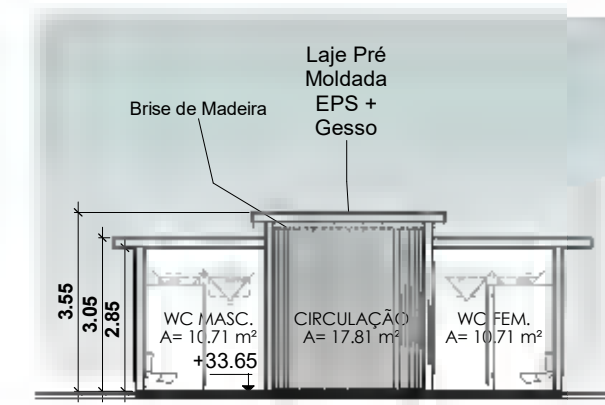
1 PLANTA BAIXA - ENTRADA / INFORMAÇÕES / PASSARELA
1 : 150



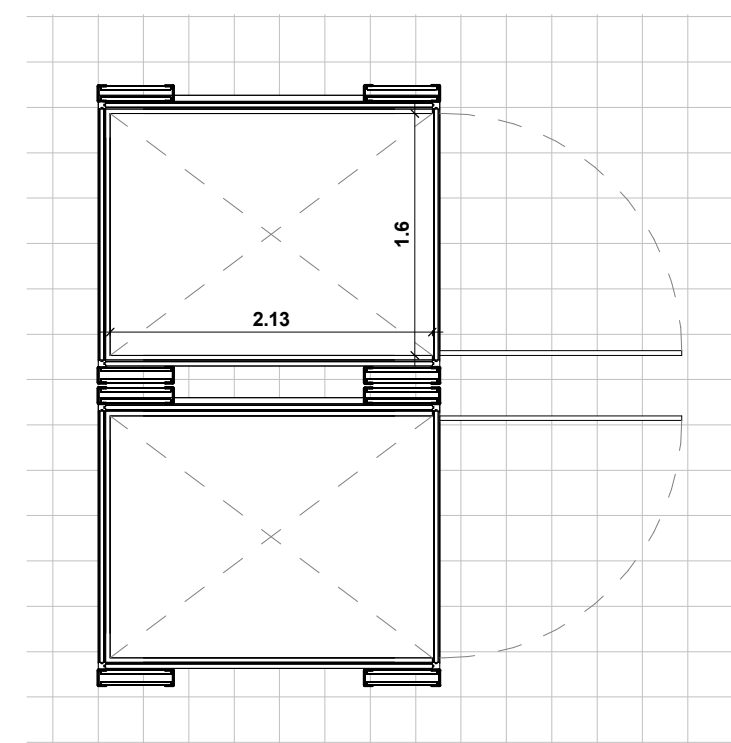
2 A-A
1 : 150



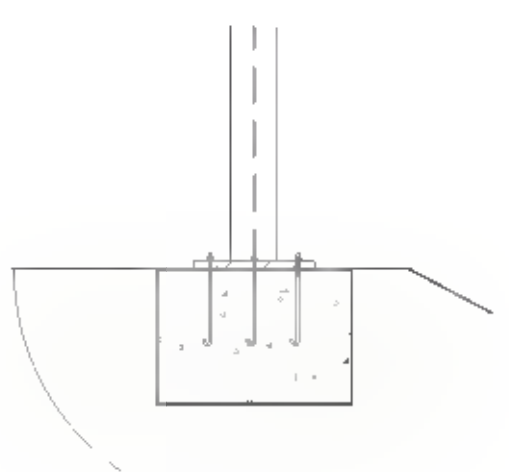
3 B-B
1 : 150



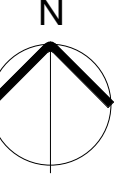
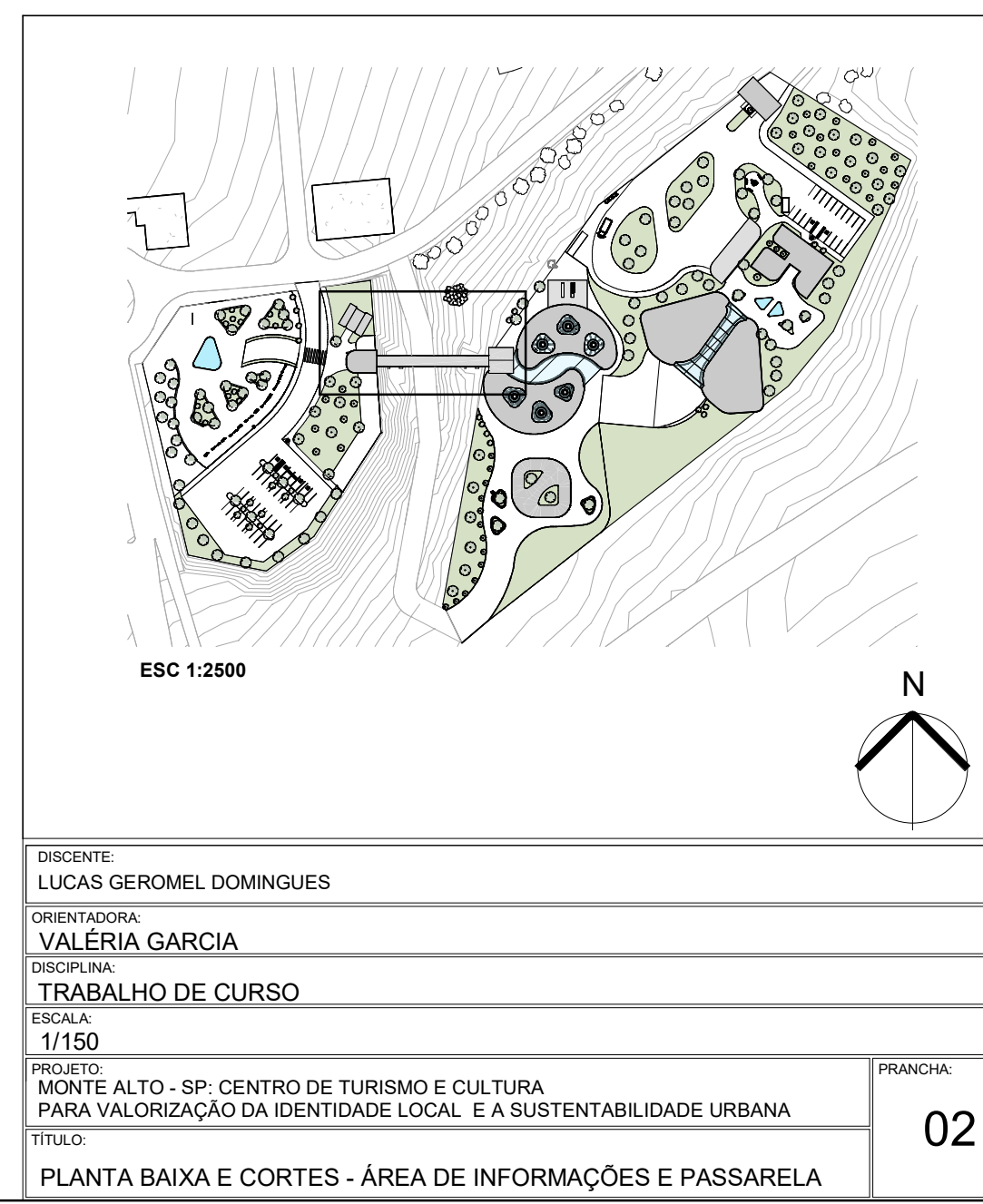
4 C-C
1 : 150



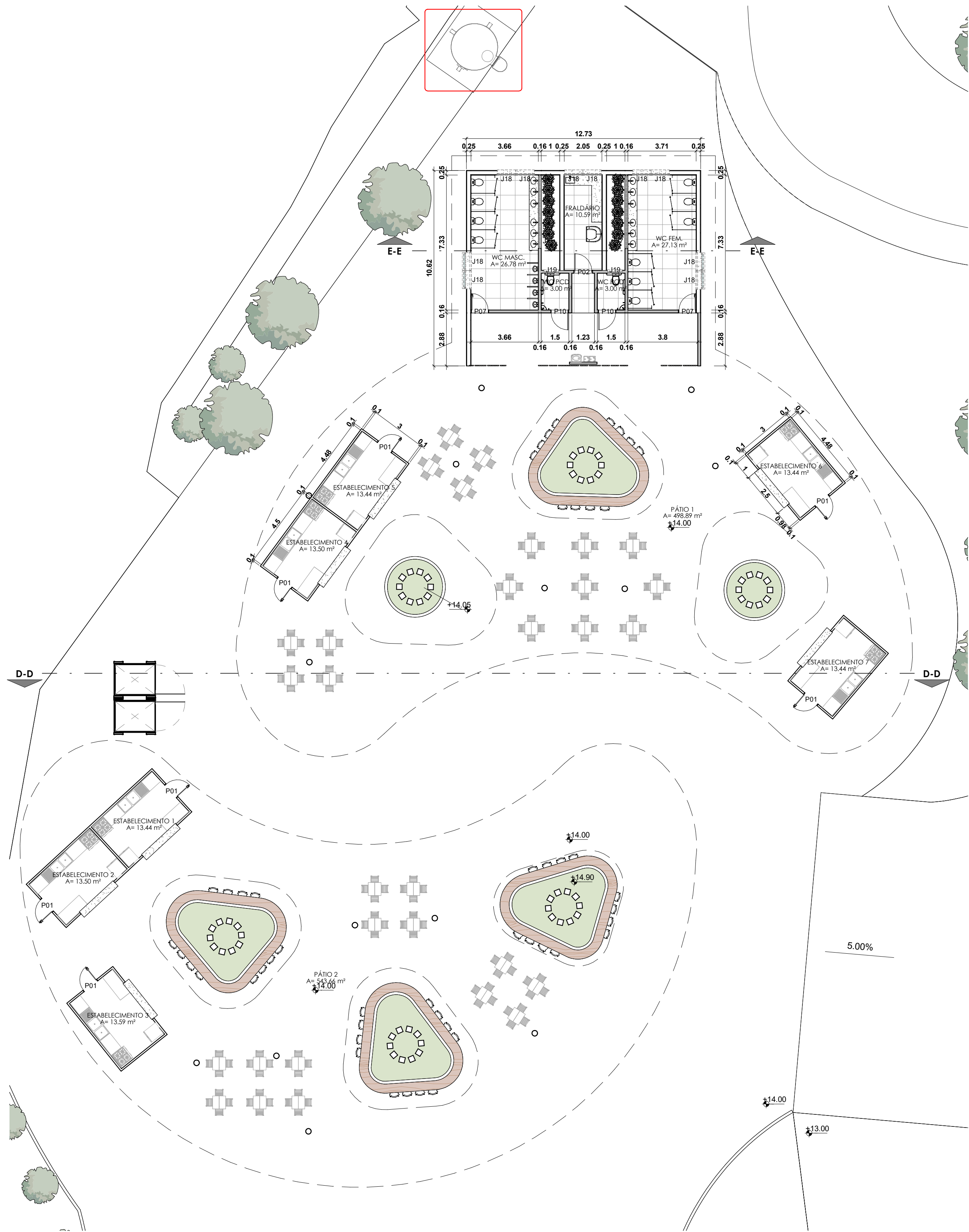
5 Chamada de detalhe 1
1 : 50



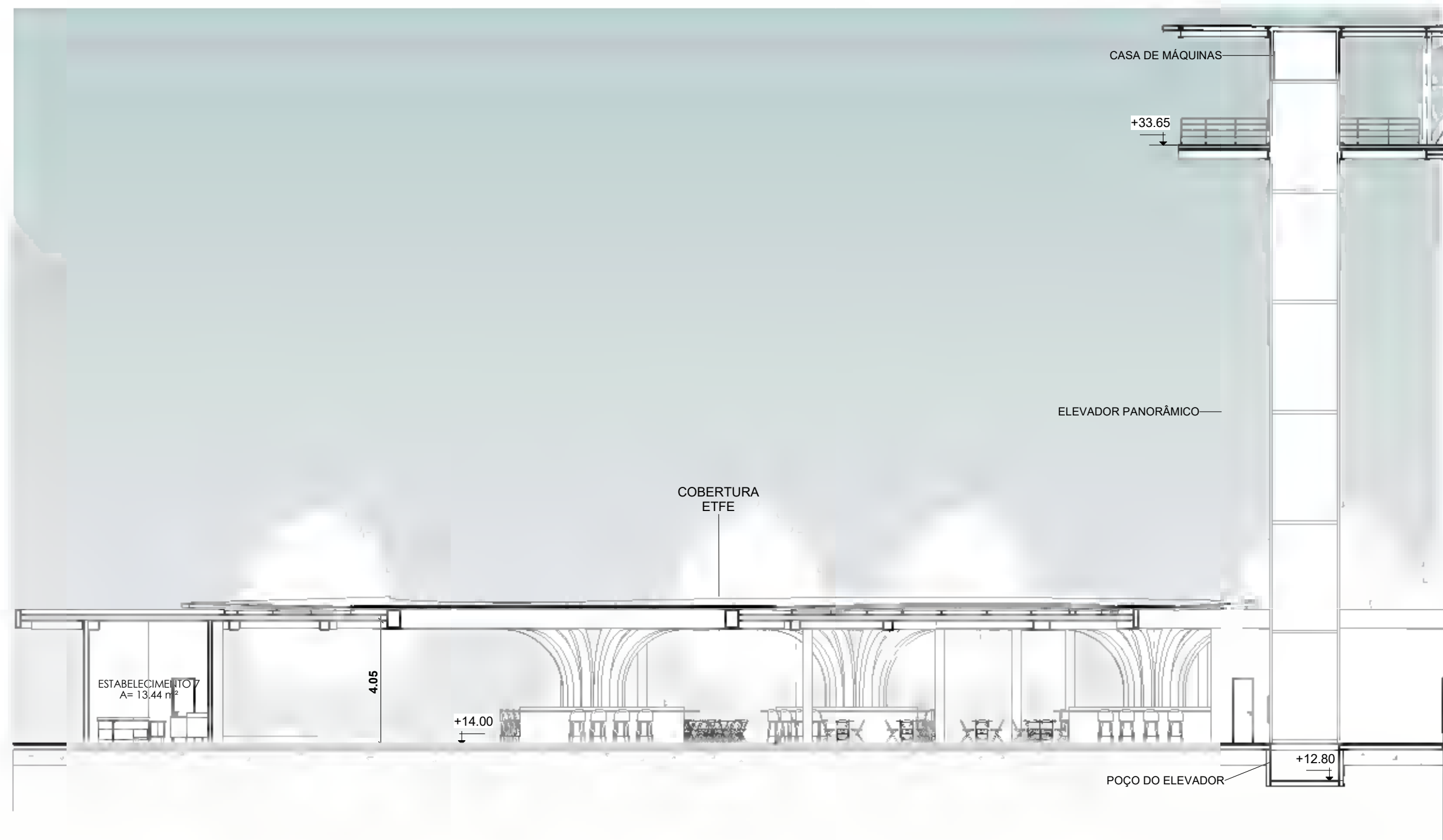
6 Chamada de detalhe 2
1 : 50



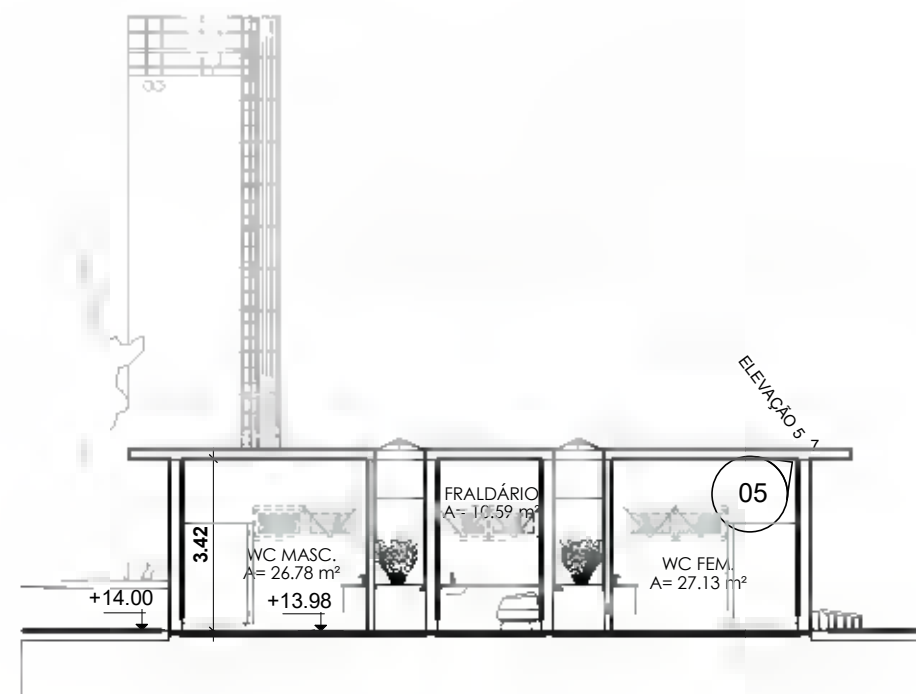
DISCENTE:	LUCAS GEROMEL DOMINGUES	PRANCHA:
ORIENTADORA:	VALÉRIA GARCIA	02
DISCIPLINA:	TRABALHO DE CURSO	
ESCALA:	1/150	
PROJETO:	MONTE ALTO - SP- CENTRO DE TURISMO E CULTURA PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL E A SUSTENTABILIDADE URBANA	
TÍTULO:	PLANTA BAIXA E CORTES - ÁREA DE INFORMAÇÕES E PASSARELA	



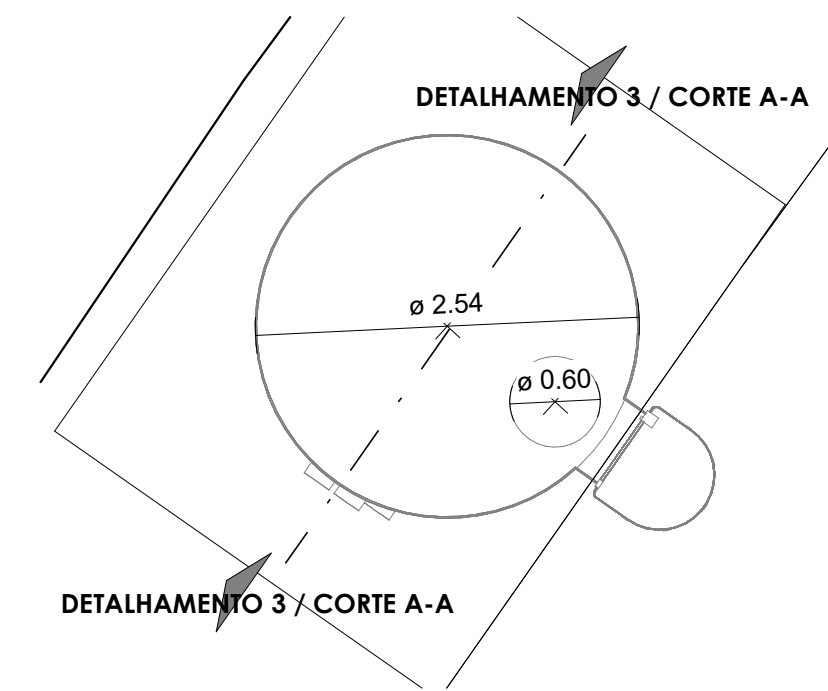
1 PLANTA BAIXA - PAVILHÃO GASTRONÔMICO
1 : 150



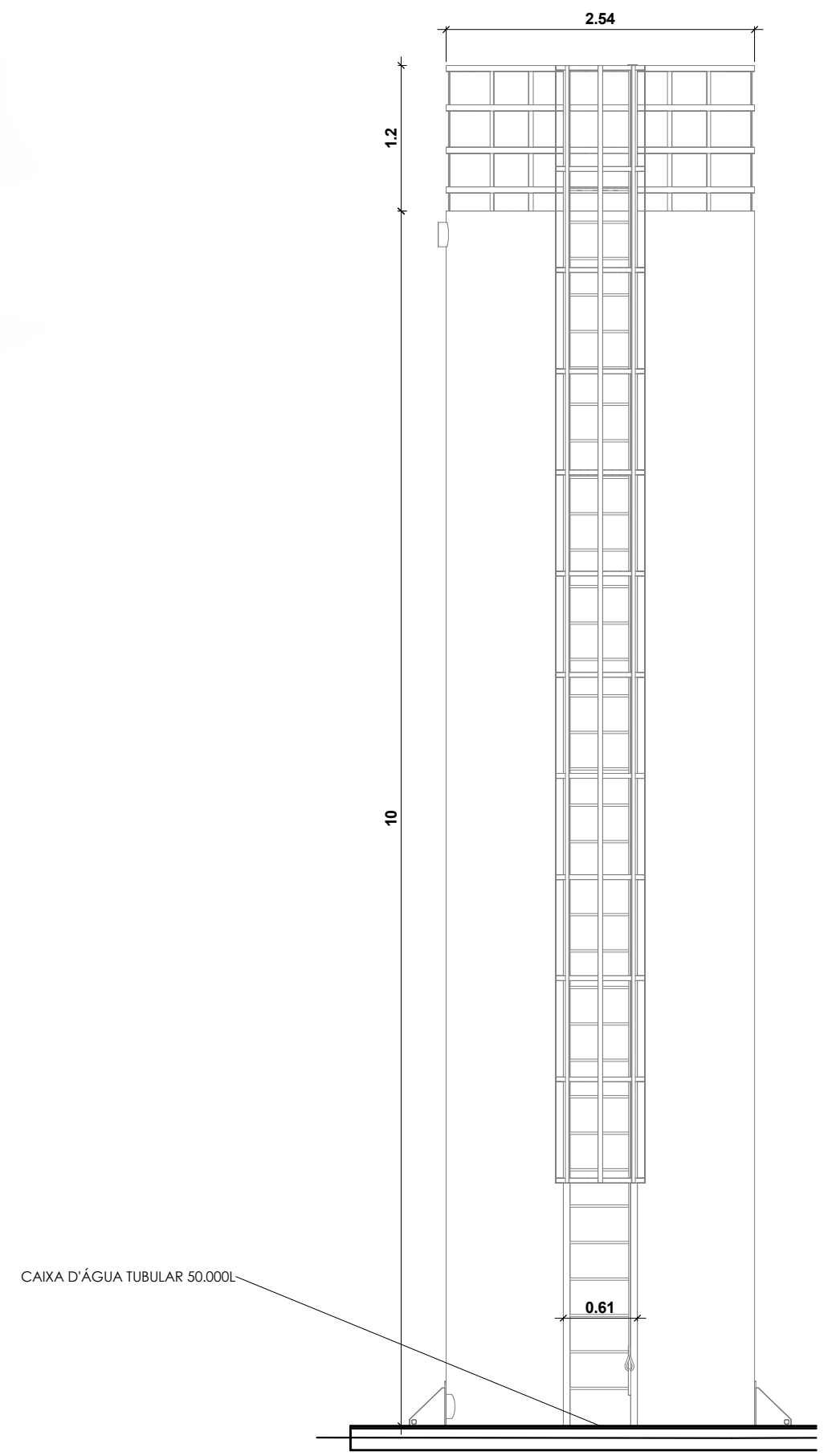
2 D-D
1 : 150



3 E-E
1 : 150



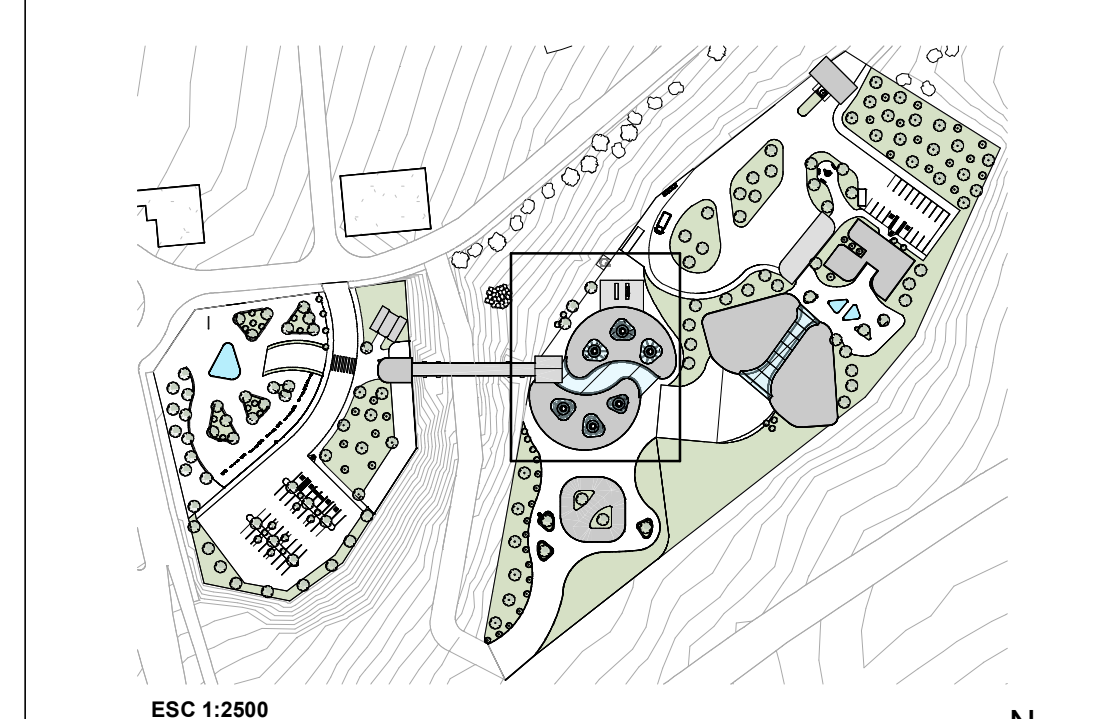
4 Chamada de detalhe 3
1 : 50



5 DETALHAMENTO 3 / CORTE A-A
1 : 50

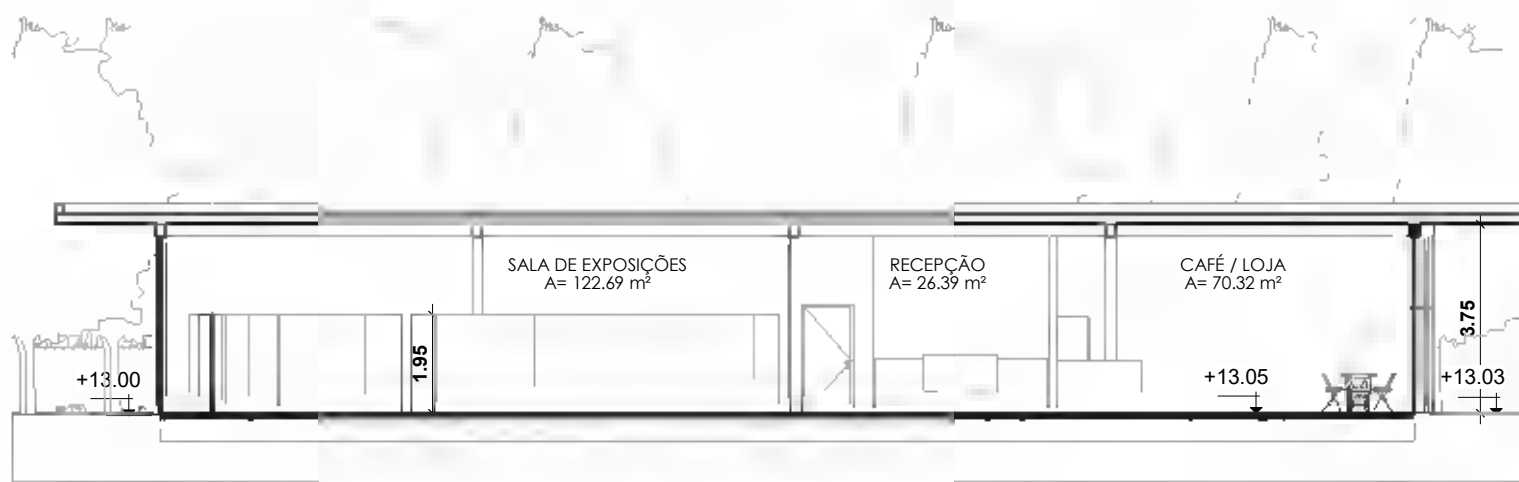
Janelas		
Tipo	Qty	Modelo
J1	2	1.300x1.000mm
J3	3	folha janela 2.0_growarq
J4	1	240 x 1.60
J5	2	janela 2 Folhas - 1.60 x 1.10 cm_growarq
J6	2	janela 2 Folhas - 1.60 x 1.80 cm - barra central_growarq
J7	13	Branco
J18	45	janela basculante 100 x 60 cm_growarq
J19	4	janela basculante 80 x 80 cm_growarq

Portas		
Tipo	Qty	Modelo
P01	20	porta giro simples 90 cm_growarq 2
P02	2	90x210cm - Aduela de Madeira
P03	1	1.20x2.10cm - Marco Metálico
P04	4	porta 3 folhas 330x210 cm_growarq
P05	1	porta 2 folhas 1.80x210 cm_growarq
P06	1	porta 2 folhas 1.60x210 cm_growarq
P07	2	porta giro simples 90 cm_growarq
P08	1	porta giro simples 80 cm_growarq
P10	7	0.90 x 2.10
P11	2	Madeira Branca - 2.50 x 2.30





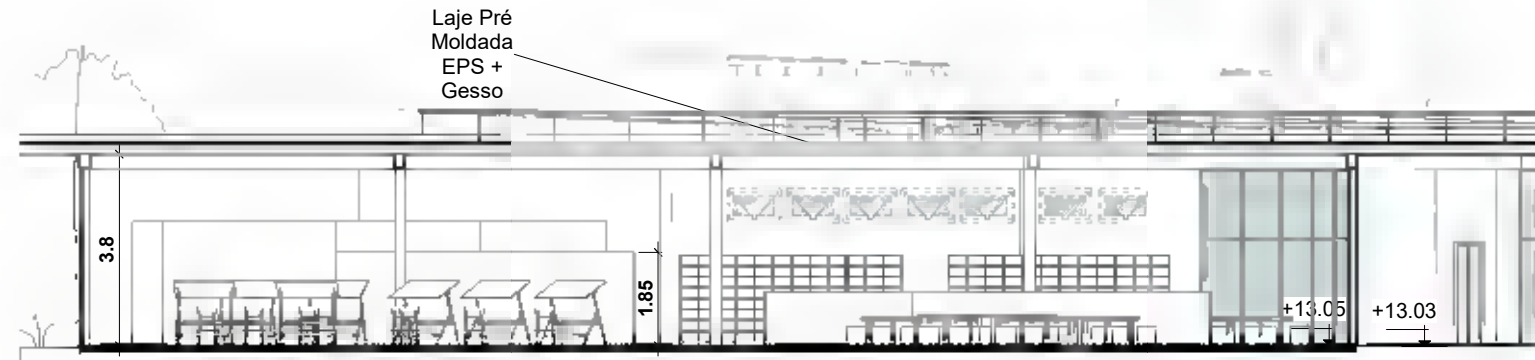
1 PLANTA BAIXA - CULTURAL
1 : 150



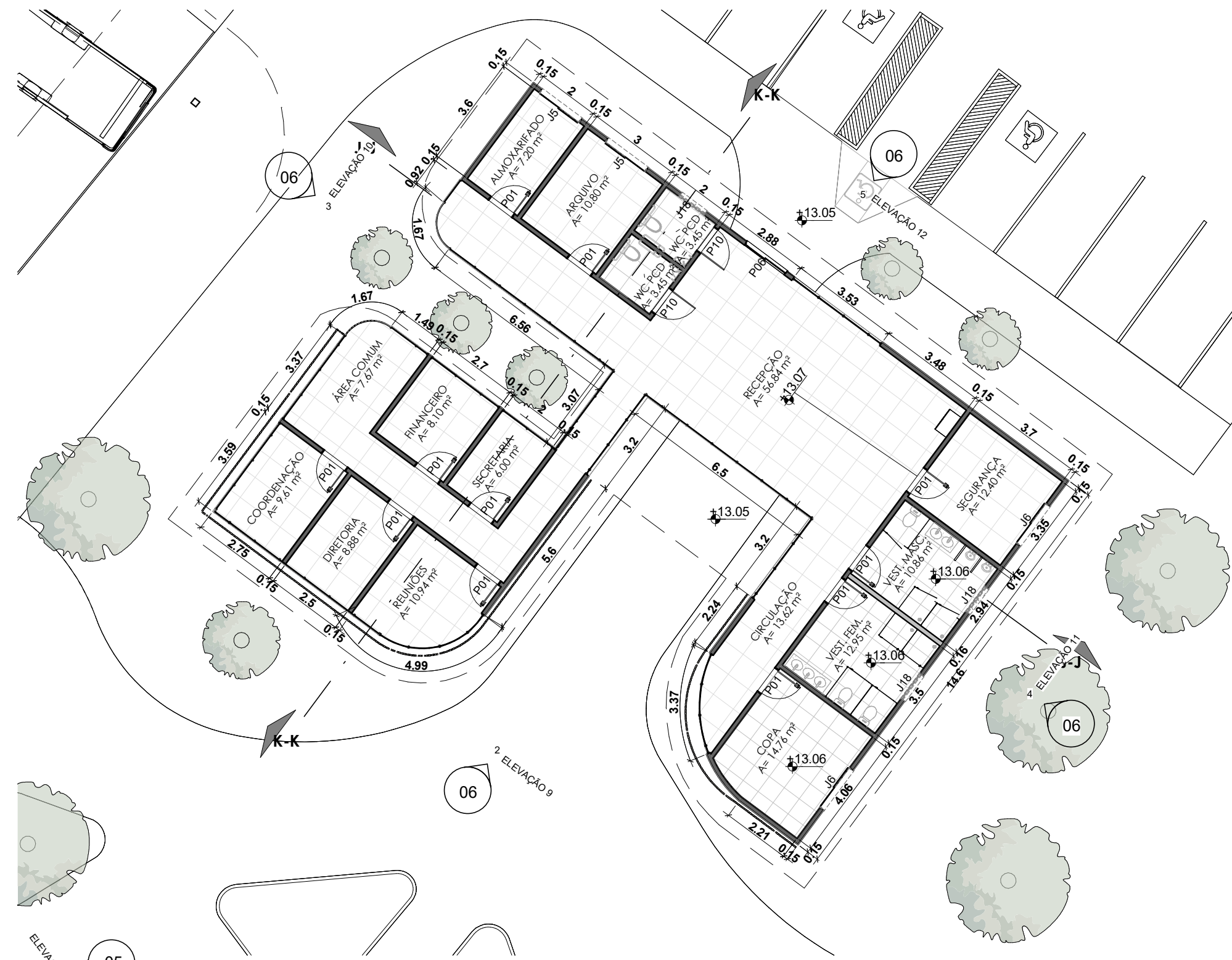
2 F-F
1 : 150



4 H-H
1 : 150



5 I-I
1 : 150



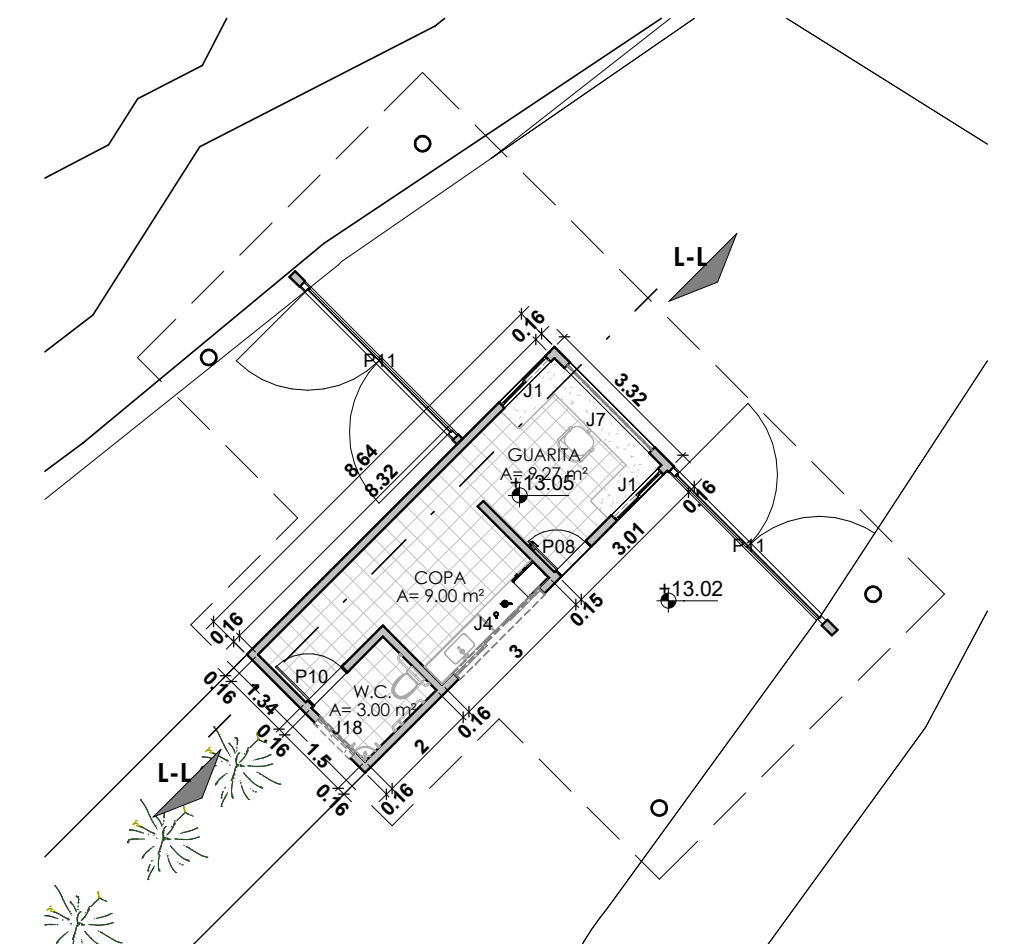
6 PLANTA BAIXA - ADM
1 : 150



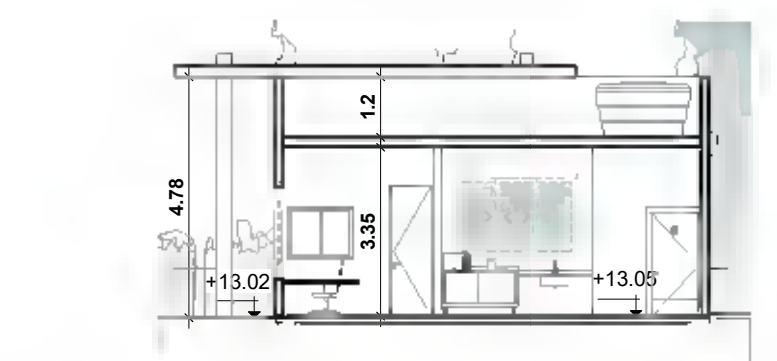
7 J-J
1 : 150



8 K-K
1 : 150



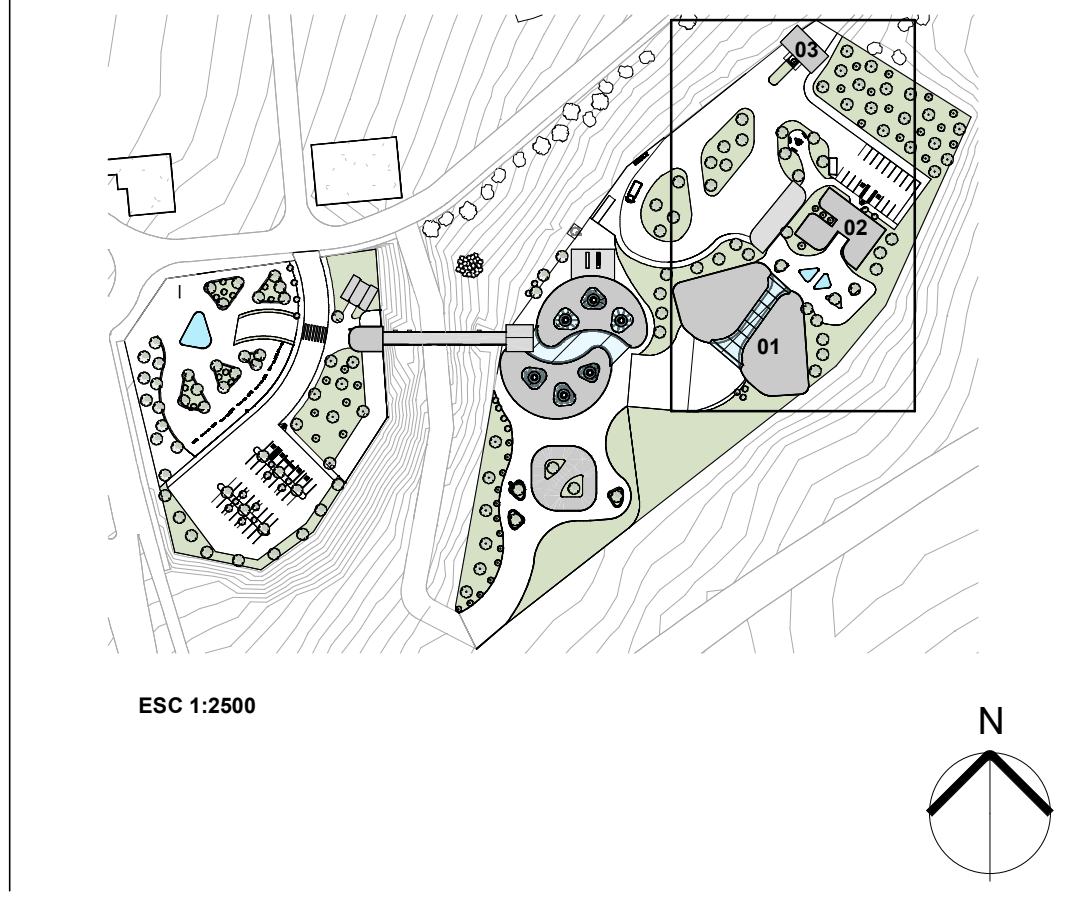
9 PLANTA BAIXA - GUARITA
1 : 150

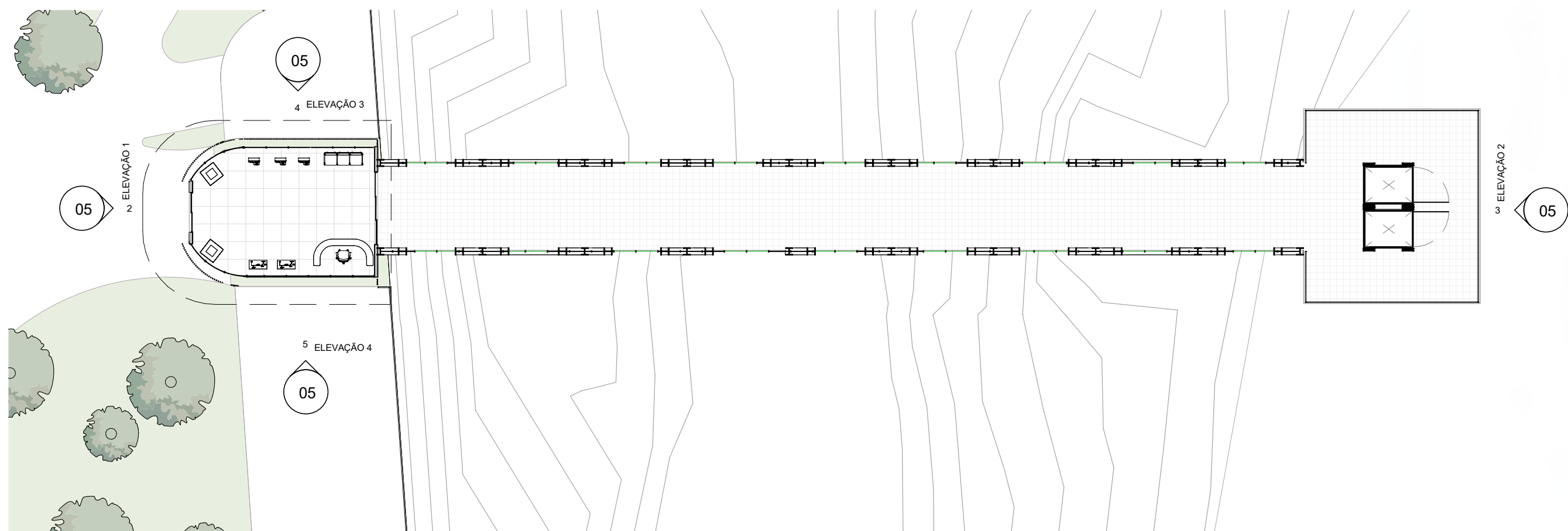


10 L-L
1 : 150

Janelas		
Tipo	Qtd	Modelo
J1	2	1300x1000mm
J3	3	folha janela 2.0_growarq
J4	1	240 x 160
J5	2	janela 2 Folhas - 160 x 110 cm_growarq
J6	2	janela 2 Folhas - 160 x 180 cm - barra central_growarq
J7	13	Branco
J18	45	janela basculante 100 x 60 cm_growarq
J19	4	janela basculante 80 x 80 cm_growarq

Portas		
Tipo	Qtd	Modelo
P01	20	porta giro simples 90 cm_growarq 2
P02	2	90x210cm - Aduela de Madeira
P03	1	120x210cm - Marco Metálico
P04	4	porta 3 folhas 330x210 cm_growarq
P05	1	porta 2 folhas 180x210 cm_growarq
P06	1	porta 2 folhas 160x210 cm_growarq
P07	2	porta giro simples 90 cm_growarq
P08	1	porta giro simples 80 cm_growarq
P10	7	0,90 x 2,10
P11	2	Madeira Branca - 2,50 x 2,30





1 VISTAS ÁREA DE INFORMAÇÕES
1 : 200



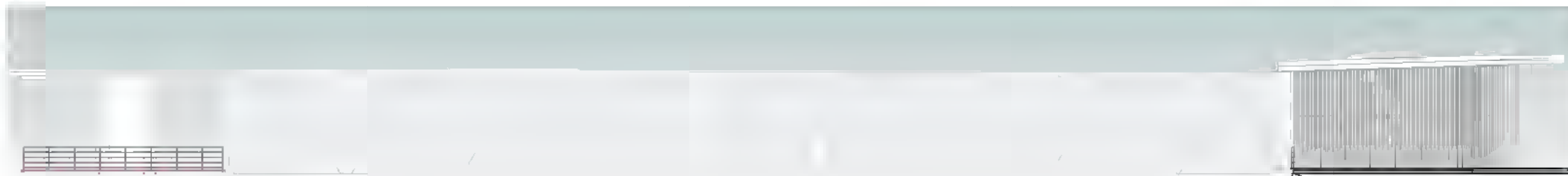
2 ELEVAÇÃO 1
1 : 150



3 ELEVAÇÃO 2
1 : 150



6 VISTAS ÁREA CULTURAL
1 : 200



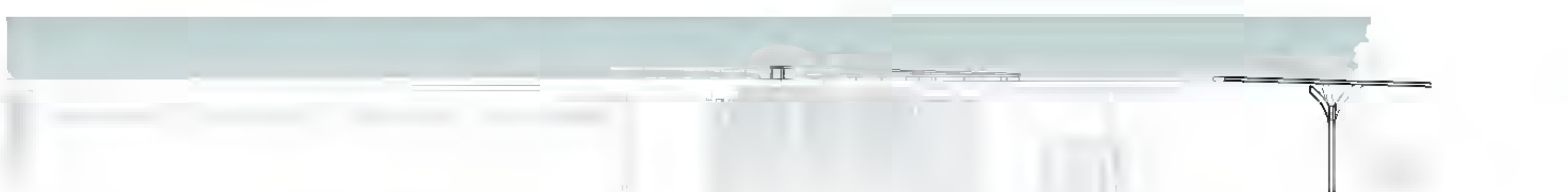
4 ELEVAÇÃO 3
1 : 150



5 ELEVAÇÃO 4
1 : 150



7 ELEVAÇÃO 5
1 : 150



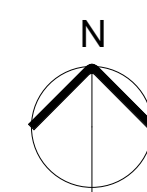
8 ELEVAÇÃO 6
1 : 150



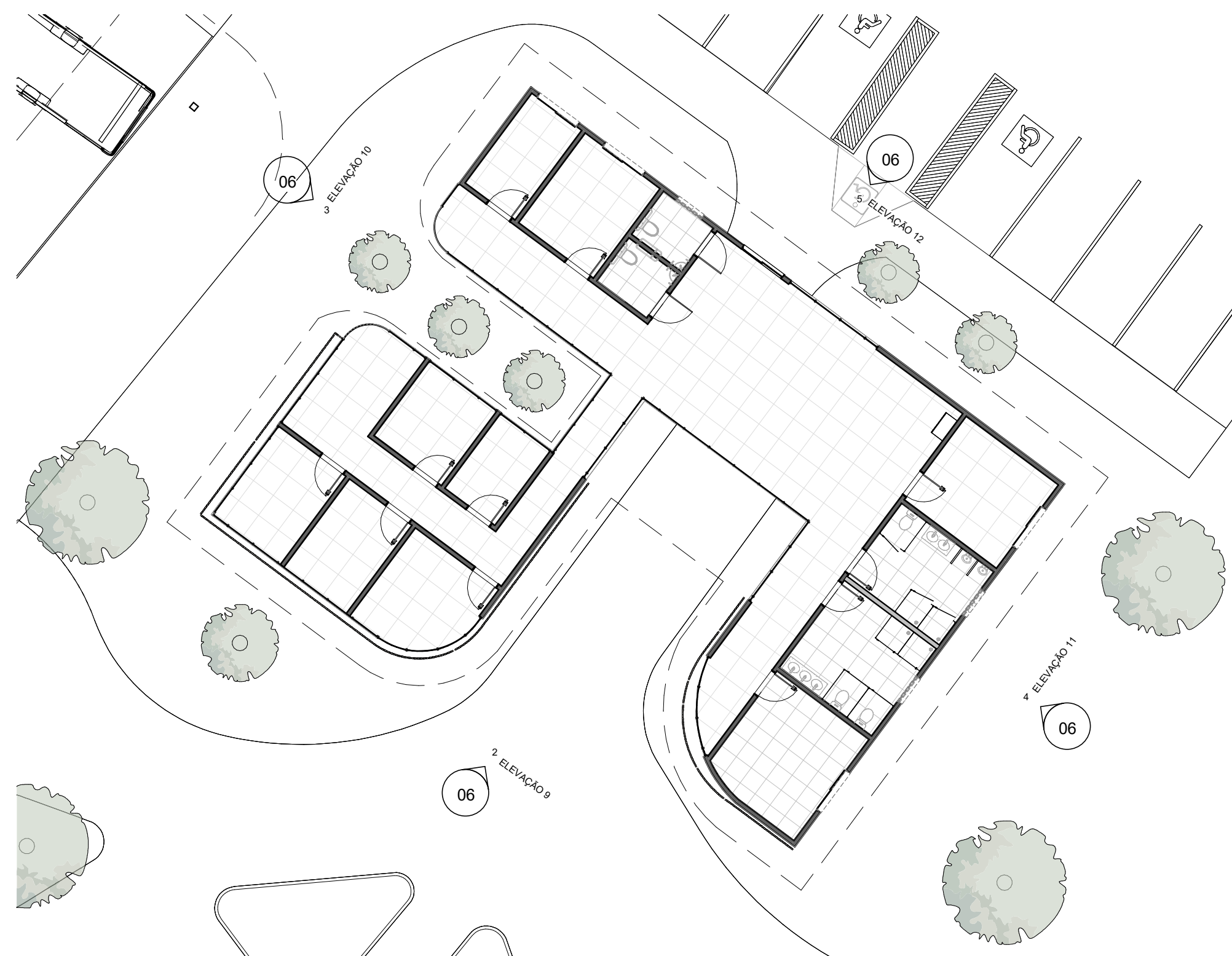
9 ELEVAÇÃO 7
1 : 150



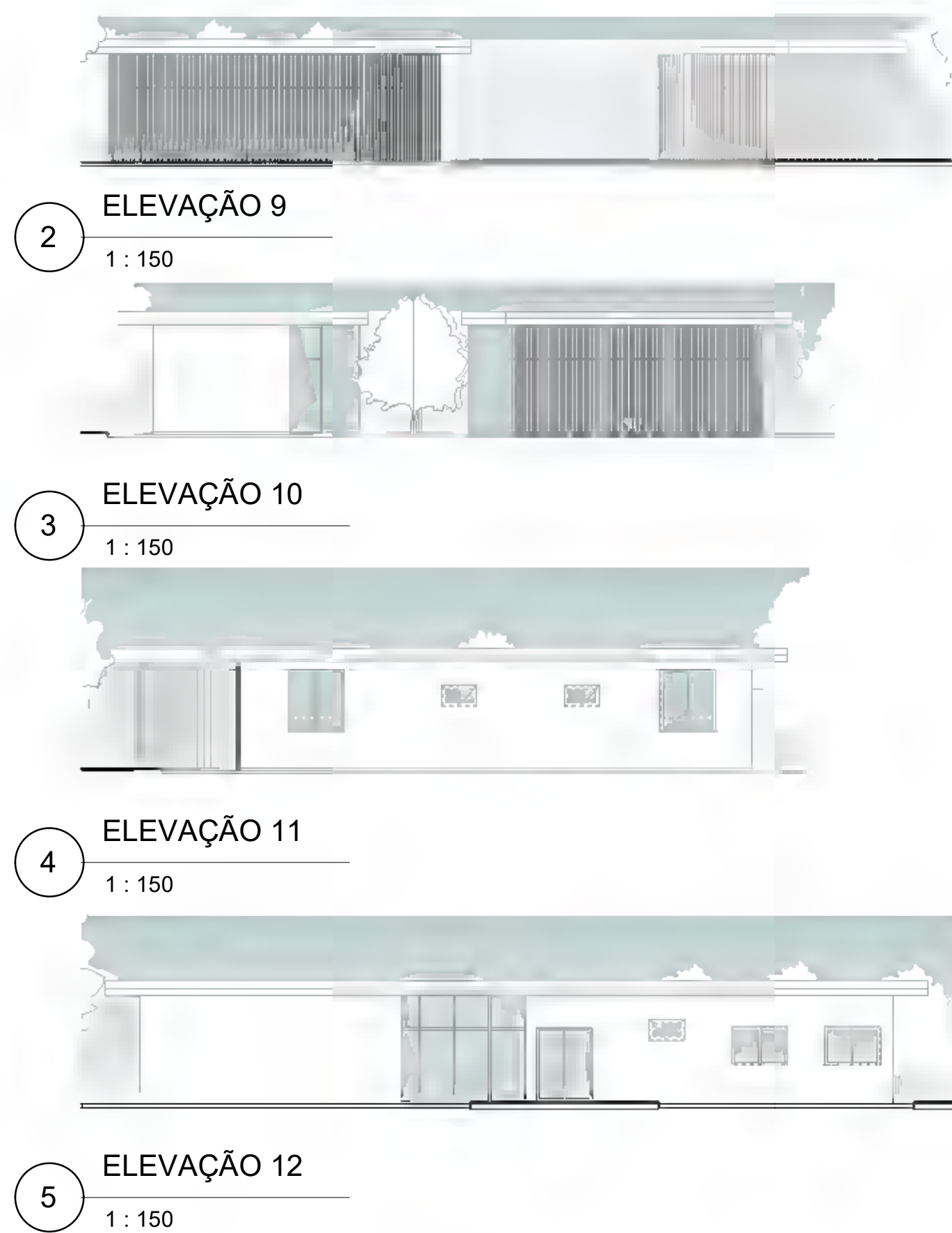
10 ELEVAÇÃO 8
1 : 150



DISCENTE: LUCAS GEROMEL DOMINGUES	PRANCHA 05
ORIENTADORA: VALÉRIA GARCIA	
DISCIPLINA: TRABALHO DE CURSO	
ESCALA: 1/150 - 1/200	
PROJETO: MONTE ALTO - SP - CENTRO DE TURISMO E CULTURA PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL E A SUSTENTABILIDADE URBANA	
TÍTULO: ELEVAÇÕES	



1 VISTAS ÁREA ADMNISTRATIVA
1 : 150

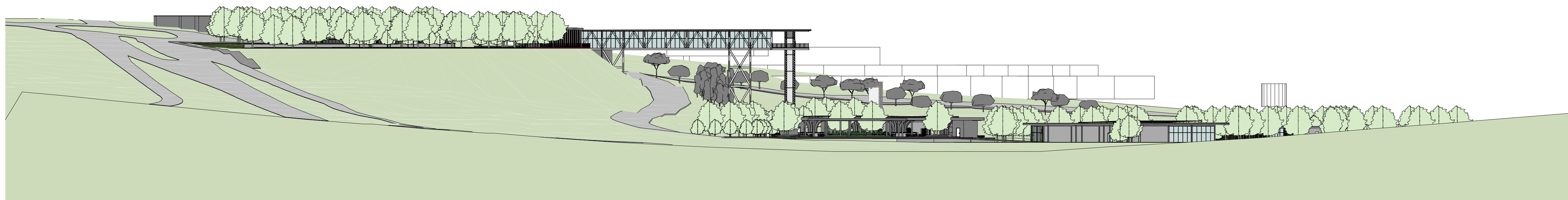


2 ELEVAÇÃO 9
1 : 150

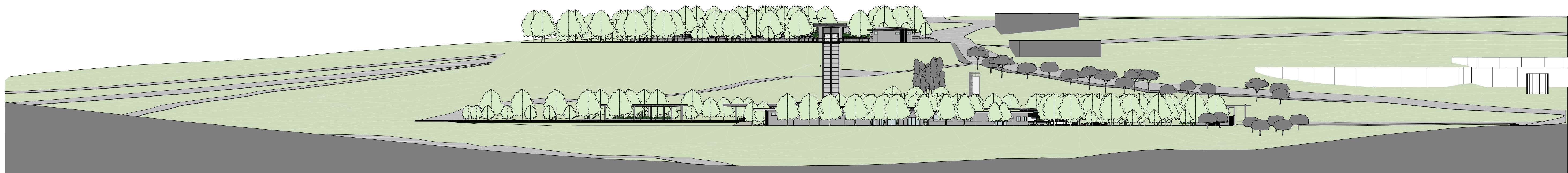
3 ELEVAÇÃO 10
1 : 150

4 ELEVAÇÃO 11
1 : 150

5 ELEVAÇÃO 12
1 : 150



6 ELEVAÇÃO SUL TERRENO COMPLETO
1 : 500



7 ELEVAÇÃO LESTE TERRENO COMPLETO
1 : 500